



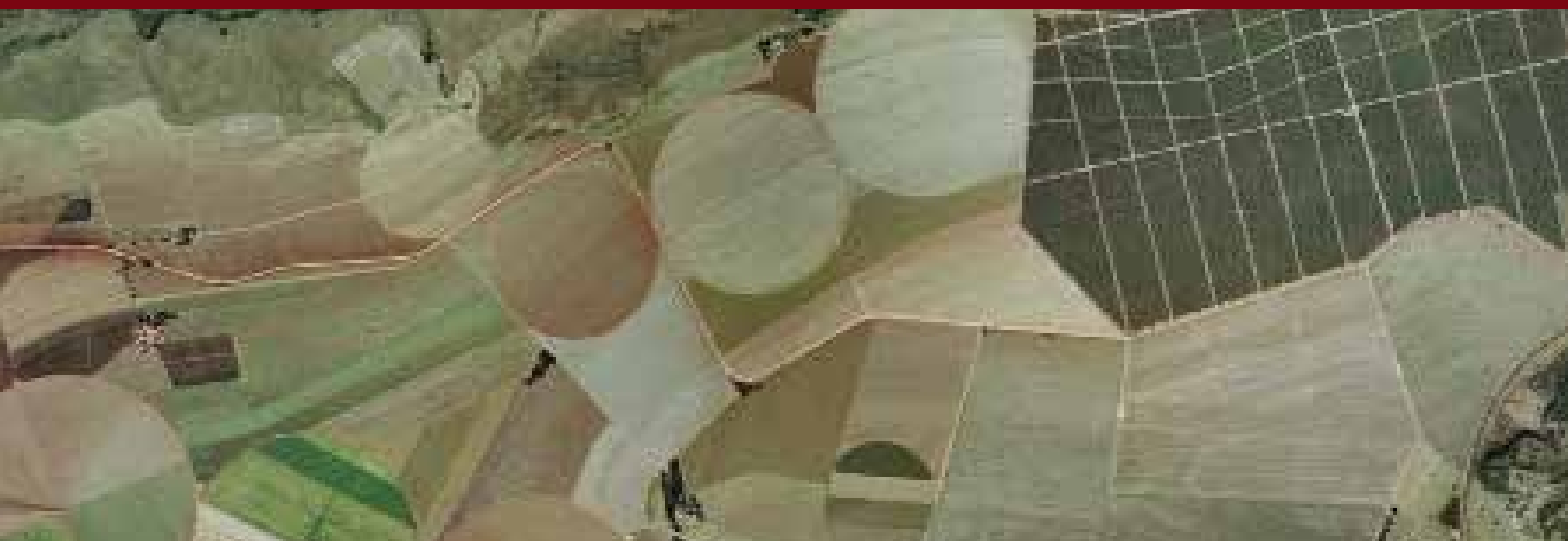
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V. 4 - SAFRA 2017 - N. 2 - Segundo levantamento | **MAIO 2017**



Monitoramento agrícola

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Áquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Jade Oliveira Ramo(estagiária)

KeilvinAndres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

café

V.4 - SAFRA 2017 - N.2 - Segundo levantamento | **MAIO 2017**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-7913

Acomp. safra bras. café, v. 4 – Safra 2017, n.2 - Segundo Levantamento, Brasília, p. 1-104, maio 2017

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7913

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves de Faria (Geint) Antônio Sérgio Ribeiro Camelo (Geint)

Colaboradores das Superintendências

AM - Thiago Augusto Magalhães Maia

BA - Marcelo Ribeiro, Ednabel Lima, Aurendir de Melo, Gerson dos Santos, Jair Lucas Junior, Israel Santos, Jocktã do Couto e Suely de Lima.

ES – Maicow Paulo de Almeida e Ismael Cavalcante Maciel Júnior.

GO – Espedito Leite Ferreira, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Roberto Alves de Andrade, Rogério César Barbosa e Sírío José da Silva Júnior.

MG – José Henrique Rocha Viana de Oliveira, João Eduardo Lopes, Eugênio Teixeira de Carvalho, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Márcio Carlos Magno, Patrícia de Oliveira Sales, Pedro Pinheiro Soares, Sérgio Starling de Lima e Telma Ferreira e Silva .

MT - Allan Vinicius Pinheiro Salgado, Jacir Lopes da Silveira e Pedro Ramon Manhõne.

PR - Rosimeire Lauretto, Daniela Furtado de Freitas Yanaga, José Segundo Bosqui e Rafael Rodrigues Fogaça.

RJ - Olavo Franco de Godoy Neto e Jorge Antonio de F Carvalho.

RO – João Adolfo Kásper, Niécio Campanati Ribeiro e Thales Augusto Duarte Daniel.

SP - Antonio Carlos Costa Farias, Cláudio Lobo de Ávila, Elias Tadeu de Oliveira e Marisete Belloli Breviglieri.

Instituições Parceiras

AM - Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam), Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas (Idam);

BA - Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiaater);

ES - Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper);

MG - Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

MT - Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer);

PR - Departamento de Economia Rural (Deral);

RJ - Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

RO - Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

SP - Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) - IEA (Instituto de Economia Agrícola).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Yamashita/Guilherme dos Reis Rodrigues

Fotos

Arquivo Geosafas/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com>

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompamento da safra brasileira : café – v. 1, n. 1 (2014-) – Brasília : Conab, 2014-

v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de jan./2014. Continuação de: Acompamento da safra brasileira de café (2008-2012).

ISSN 2318-7913

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área cultivada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 18



5. Estimativa de produção ----- 21



6. Crédito rural -----27



7. Prognóstico Climático----- 30



8. Monitoramento agrícola-----33



9. Avaliação por estado	46
-9.1. Minas Gerais	46
-9.2. Espírito Santo	53
-9.3. São Paulo	56
-9.4. Bahia	60
-9.5. Rondônia	67
-9.6. Paraná	71
-9.7. Rio de Janeiro	73
-9.8. Goiás	73
-9.9. Mato Grosso	78
-9.10. Amazonas	80



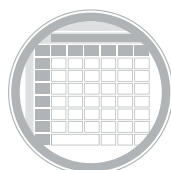
10. Receita bruta	82
--------------------------	-----------



11. Preços do café beneficiado	87
---------------------------------------	-----------



12. Exportação e importação	91
------------------------------------	-----------



13. Parque cafeeiro	94
----------------------------	-----------



14. Calendário de colheita	97
-----------------------------------	-----------





1. RESUMO EXECUTIVO

A produção da safra de 2017 está estimada em 45.563,2 mil sacas beneficiadas de café. A área total cultivada com a cultura deve ser de 2.212,3 mil hectares (341,4 mil hectares em formação e 1.870,9 mil hectares em produção).

A produção de arábica deve ser de 35.426,6 mil sacas. Este ano é de bienalidade negativa na maior parte dos estados produtores que, consequentemente, resulta numa produtividade média menor do que o ano anterior e maior área em formação. A área desta cultura será de 1.770,9 mil hectares, sendo 298,9 mil hectares em formação (16,9%) e 1.472 mil hectares em produção (83,1%).

A produção do conilon está estimada em 10.136,6 mil sacas. A estimativa é de que as produtividades se recuperem, frente à forte escassez de chuvas dos últimos anos. A área destinada a esta cultura será de 441,4 mil hectares, sendo 42,5 mil hectares em formação (9,6%) e 398,9 mil hectares em produção (90,4%).

Minas Gerais(25,7 milhões de sacas)

Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste): a redução da área e produtividade refletem numa produção de 20,2% inferior à safra anterior, alcançando 13.265,7 mil sacas.

Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste): a redução de área e produtividade refletem numa produção 38,6% inferior à safra anterior, chegando a 4.541,8 mil sacas.

Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central): a produção deve ser de 19,6% maior do que a safra anterior, tendo em vista a bienalidade positiva para a cultura nesta safra. Produção de 7.273,5 mil sacas.

Norte de Minas (Norte, Jequitinhonha e Mucuri): área menor e produtividade 3,5% superior à obtida em 2016, que foi penalizada pelas condições climáticas desfavoráveis, resultando em produção de 622,3 mil sacas, aumento de 1,5%.

Espírito Santo (8,8 milhões de sacas)

As condições climáticas desfavoráveis para as lavouras de conilon em 2016 e a falta de mudas para plantio levaram a uma forte redução de área, além do ciclo de bienalidade negativa no arábica, resultando numa queda de 1,9% na produção. Produção de 5.887 mil sacas de conilon e 2.908 mil sacas de arábica.

São Paulo (4,37 milhões de sacas)

Redução na produção devido ao ciclo bienalidade negativa e alto índice de podas.

Bahia (2,85 milhões de sacas)

Cerrado: redução de área em produção. Área irrigada, com perspectivas de produtividade inferior à da safra 2016, em face da longa estiagem ocorrida de abril a outubro de 2016, com florada abaixo da desejada. Produção de 338,5 mil sacas.

Planalto: o reflexo do estresse climático em safras anteriores, atrelado à falta de recursos para tratar do processo de formação das lavouras, debilitaram fisiologicamente as plantas de café, acarretando atraso na

floração da safra atual, bem como redução na intensidade da florada. Produção de 724,2 mil sacas.

Atlântico: manutenção de área e incremento de produtividade refletem numa produção bem superior à anterior. Produção de 1.837,7 mil sacas.

Rondônia (1,87 milhão de sacas)

Crescimento de 14,9%. Aumento da produtividade devido à renovação do parque cafeeiro com a implantação de lavouras clonais.

Paraná (1,27 milhão de sacas)

Crescimento de 20,8%. Devido à forte geada em 2013 houve inversão na bienalidade da cultura, sendo positiva para este ano.

Rio de Janeiro (249,1 mil sacas)

Área semelhante à safra anterior, mas a queda na produtividade resultou numa safra 28,3% menor.

Goiás (188 mil sacas)

Redução na produção de 17,1% devido à redução de área e ao ciclo de bienalidade negativa. Área totalmente irrigada.

Mato Grosso (156,4 mil sacas)

Aumento de área e produtividade média.

Amazonas (7,9 mil sacas)

Aumento de área e produtividade média resultam numa produção de 31,3% superior à safra passada.





2. INTRODUÇÃO

Como é de conhecimento público, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) procede ao acompanhamento da safra brasileira de café desde o ano de 2001, divulgando quatro estimativas anualmente, com levantamentos de informações realizados por meio de visitas a produtores, cooperativas e agentes envolvidos na cadeia produtiva da cultura.

O primeiro levantamento acontece entre novembro e dezembro, com divulgação em janeiro, no período pós-florada, um dos mais importantes para a cultura. Nessa ocasião, o clima favorável e boas práticas agrícolas garantem a uniformidade e qualidade dos grãos.

O segundo levantamento ocorre em maio, com divulgação no próprio mês citado, no período pré-colheita, onde, menos de 20% da cultura do país foi colhida.

O terceiro levantamento será realizado em agosto e divulgado em setembro, no período de plena colheita no país, de março a outubro, e concentrada entre maio e agosto. Nessa ocasião do levantamento, a colheita já terá ultrapassado 90% do total.

O quarto levantamento será realizado em dezembro e divulgado no mesmo mês, sendo o último da safra, compreendendo o período pós-colheita, em que a colheita já foi finalizada, com as estimativas corrigidas com os dados consolidados e coletados a campo.

Após análise estatística dos dados obtidos em campo, são divulgadas as previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado, objetivando, assim, permitir a elaboração de planejamentos estratégicos, por toda a cadeia produtiva do café, bem como a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando, portanto, a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Nesta safra, as informações serão de um ano de biennialidade negativa, o que, naturalmente, possuindo produtividades inferiores à safra anterior. Essa é uma característica de cultura permanente, sobretudo, para café arábica, que é a maior produção do país.

Ressalta-se que as previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes ao longo do ano safra, visto que informações mais precisas, somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que, porventura tenham ocorrido, são detectados, bem como estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas à medida que a colheita avança.

A realização desses levantamentos de dados pela Conab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café, conta com as parcerias estaduais dos órgãos de governo dos principais estados produtores citados na contracapa deste boletim. Também são consultados técnicos dos escritórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como forma de obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições que, ao longo dos anos, realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira com muita dedicação. Na oportunidade, a Conab registra os seus agradecimentos aos referidos profissionais, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste boletim se referem aos trabalhos realizados nos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e Amazonas), que correspondem por volta de 99,6% da produção nacional.



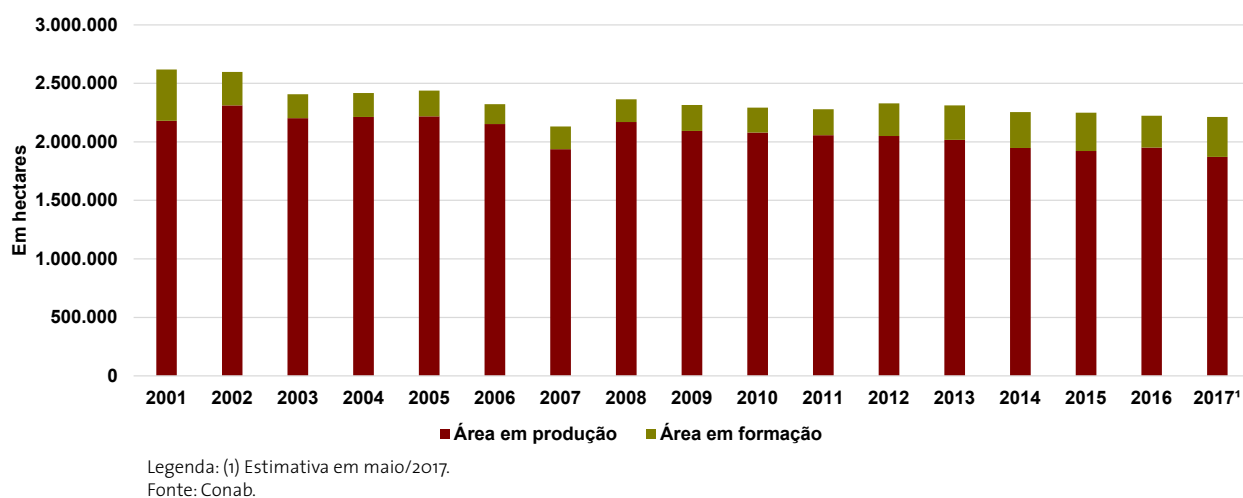


3. ESTIMATIVA DE ÁREA CULTIVADA

3.1. ÁREA TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A área total plantada no país com a cultura de café (arábica e conilon) totaliza 2,22 milhões hectares, semelhantes à cultivada em 2016. Desse total, 341,37 mil hectares (15,5%) estão em formação e 1,87 milhão de hectares (84,5%) em produção.

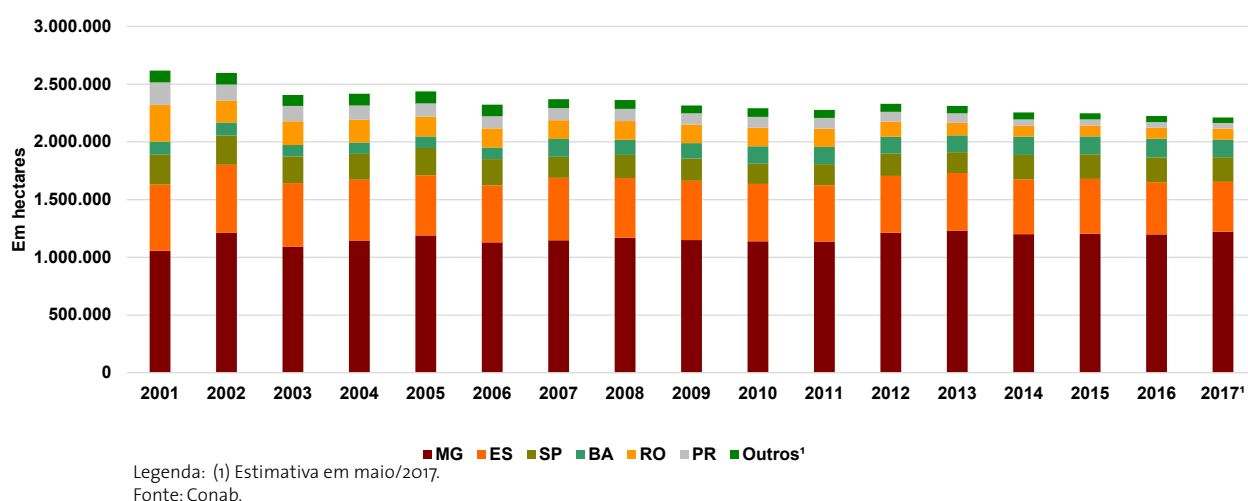
Gráfico 1 – Área de café total (arábica e conilon) no Brasil



Área de café no Brasil vem decrescendo a cada ano e é notório que este comportamento ocorra em razão do ganho de produtividade que os produtores têm alcançado, tendo em vista a aplicação de novas tecnologias nessa cultura, com o uso de novas variedades, adubação adequada, irrigação, entre outros. Porém, é pos-

sível perceber que a queda de área é uma tendência, tanto em estados com menor área cultivada, quanto nos maiores, caso do Espírito Santo. Dos principais estados produtores, apenas Minas Gerais e Bahia apresentam ganho na área cultivada entre 2001 e 2017.

Gráfico 2 – Área das Unidades da Federação

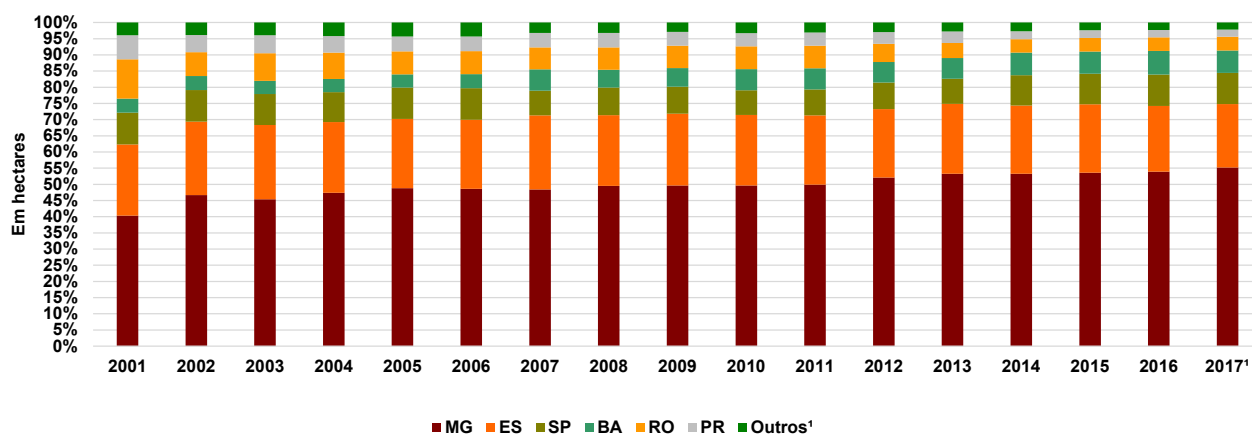


Esta mudança nas áreas cultivadas com café, sendo redução em alguns estados e ganhos em outros, tem contribuído para concentrar ainda mais a produção de café no país. Enquanto em 2001 os quatro maiores estados com área cultivada (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Bahia) respondiam por 76% do total do país, em 2017 a estimativa é que eles respondam por 91% da área total. Alguns fatores podem ter contribu-

ído para esta concentração, como as condições edafoclimáticas dessas regiões, a cadeia produtiva mais estruturada, os investimentos dos governos estaduais para incentivo do setor e a facilidade de escoamento, tendo em vista que em 2014 o Brasil exportou 76% da sua produção, em 2015 foram 81% e em 2016 foram 63%, considerando o ano civil (janeiro a dezembro).



Gráfico 3 – Percentual de área cultivada das Unidades da Federação



Legenda: (¹) Estimativa em maio/2017.
Fonte: Conab.

Tabela 1 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.991,0	7.053,0	0,9	88.699,4	88.685,4	-	95.690,4	95.738,4	0,1
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
AM	66,0	59,0	(10,6)	429,4	543,4	26,6	495,4	602,4	21,6
PA	21,0	90,0	328,6	613,0	485,0	(20,9)	634,0	575,0	(9,3)
NORDESTE	12.408,0	12.148,0	(2,1)	149.753,0	140.392,0	(6,3)	162.161,0	152.540,0	(5,9)
BA	12.408,0	12.148,0	(2,1)	149.753,0	140.392,0	(6,3)	162.161,0	152.540,0	(5,9)
Cerrado	2.829,0	3.350,0	18,4	11.328,0	9.670,0	(14,6)	14.157,0	13.020,0	(8,0)
Planalto	6.857,0	7.250,0	5,7	92.533,0	85.201,0	(7,9)	99.390,0	92.451,0	(7,0)
Atlântico	2.722,0	1.548,0	(43,1)	45.892,0	45.521,0	(0,8)	48.614,0	47.069,0	(3,2)
CENTRO-OESTE	3.333,5	3.479,5	4,4	19.819,6	20.291,8	2,4	23.153,1	23.771,3	2,7
MT	1.577,0	1.551,0	(1,6)	14.193,0	14.752,0	3,9	15.770,0	16.303,0	3,4
GO	1.756,5	1.928,5	9,8	5.626,6	5.539,8	(1,5)	7.383,1	7.468,3	1,2
SUDESTE	245.553,0	314.825,0	28,2	1.633.795,0	1.567.043,0	48,2	1.879.348,0	1.881.868,0	0,1
MG	188.782,0	253.934,0	34,5	1.009.481,0	968.017,0	(4,1)	1.198.263,0	1.221.951,0	2,0
Sul e Centro-Oeste	107.526,0	158.158,0	47,1	524.220,0	484.642,0	(7,5)	631.746,0	642.800,0	1,7
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	25.486,0	45.106,0	77,0	183.076,0	169.702,0	(7,3)	208.562,0	214.808,0	3,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	52.691,0	47.107,0	(10,6)	269.593,0	281.700,0	4,5	322.284,0	328.807,0	2,0
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	3.079,0	3.563,0	15,7	32.592,0	31.973,0	(1,9)	35.671,0	35.536,0	(0,4)
ES	42.059,0	46.970,0	11,7	410.057,0	385.538,0	(6,0)	452.116,0	432.508,0	(4,3)
RJ	857,0	757,0	(11,7)	13.022,0	13.182,0	1,2	13.879,0	13.939,0	0,4
SP	13.855,0	13.164,0	(5,0)	201.235,0	200.306,0	(0,5)	215.090,0	213.470,0	(0,8)
SUL	3.860,0	3.020,0	(21,8)	46.160,0	46.010,0	(0,3)	50.020,0	49.030,0	(2,0)
PR	3.860,0	3.020,0	(21,8)	46.160,0	46.010,0	(0,3)	50.020,0	49.030,0	(2,0)
OUTROS (*)	641,0	848,0	32,3	12.450,6	8.524,0	(31,5)	13.091,6	9.372,0	(28,4)
NORTE/NORDESTE	19.399,0	19.201,0	(1,0)	238.452,4	229.077,4	(3,9)	257.851,4	248.278,4	(3,7)
CENTRO-SUL	252.746,5	321.324,5	27,1	1.699.774,6	1.633.344,8	(3,9)	1.952.521,1	1.954.669,3	0,1
BRASIL	272.786,5	341.373,5	25,1	1.950.677,6	1.870.946,2	(4,1)	2.223.464,1	2.212.319,7	(0,5)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2017.

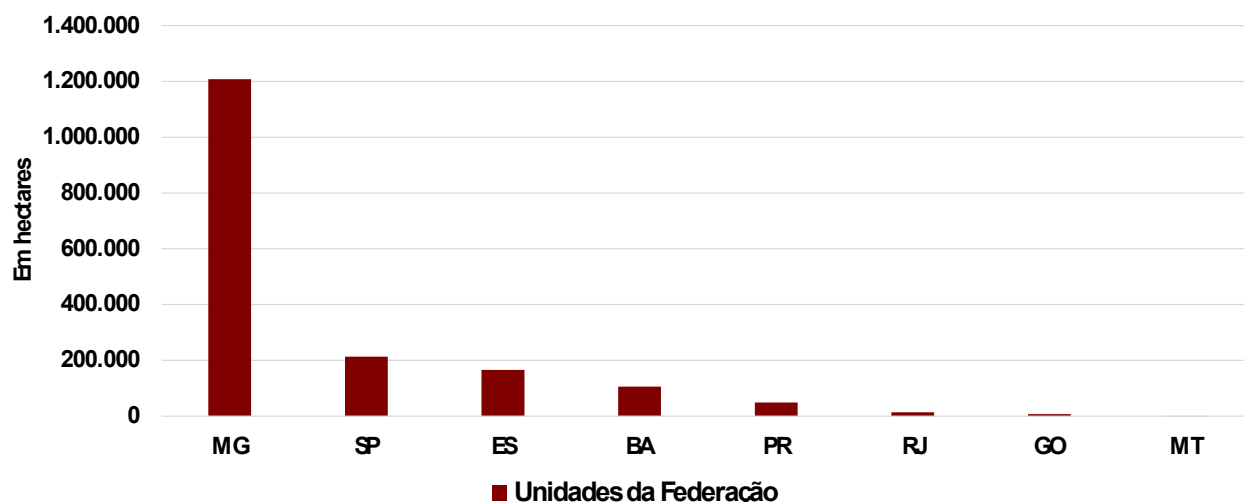


3.2. CAFÉ ARÁBICA

A área plantada do café arábica no país soma 1,77 milhão de hectares, o que corresponde a 80% da área existente com lavouras de café. Para a nova safra, estima-se crescimento de 0,6% (11,21 mil hectares). Minas Gerais concentra a maior área com a espécie,

1,21 milhão de hectares, correspondendo a 68,2% da área ocupada com café arábica, em nível nacional. São Paulo é o segundo maior produtor de arábica e cultiva 12,1% (213,47 mil hectares) da área total do país. Os demais estados possuem participação inferior a 10%.

Gráfico 4 – Área das Unidades da Federação – Café arábica

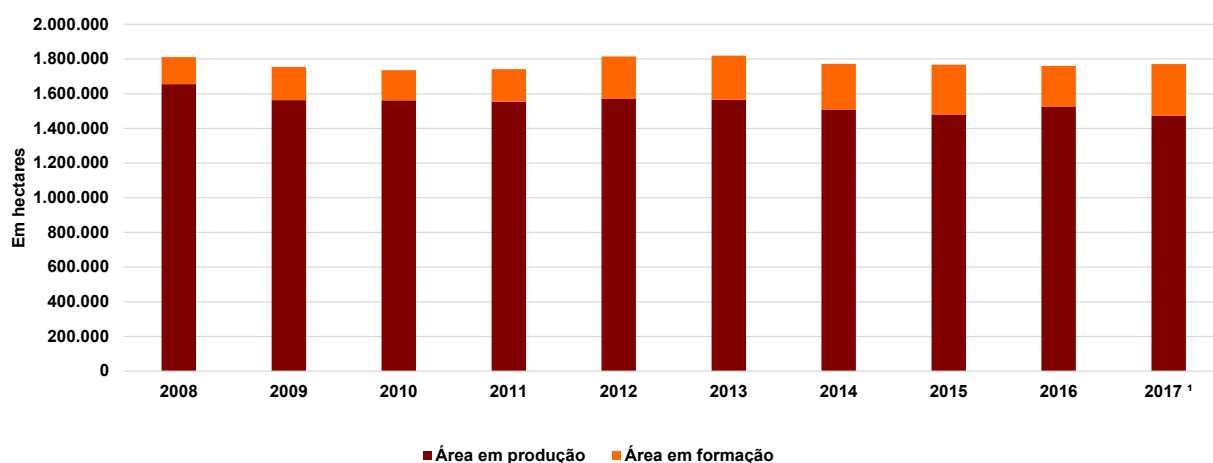


Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em maio/2017.

A área plantada de café arábica tem se mantido estável nos últimos dez anos e gira em torno de 1,78 milhão de hectares. Além dos ciclos plurianuais de preços e produção de café, o café arábica é caracterizado por flutuações de área em produção entre as safras. Essas variações ocorrem devido ao ciclo de bienalidade

de do café. Nos anos de ciclo de bienalidade negativa a área em formação aumenta, uma vez que os produtores optam por manejar as culturas, especialmente as áreas mais velhas, onde a produtividade é menor. Em 2017, ano de bienalidade negativa, teremos um aumento de 27,9% na área em formação.

Gráfico 5 – Área de café arábica no Brasil



Legenda: (1) Estimativa em maio/2017.
Fonte: Conab.



Tabela 2 - Café arábica - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	9.686,0	10.600,0	9,4	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.471,0	(7,1)
BA	9.686,0	10.600,0	9,4	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.471,0	(7,1)
Cerrado	2.829,0	3.350,0	18,4	11.328,0	9.670,0	(14,6)	14.157,0	13.020,0	(8,0)
Planalto	6.857,0	7.250,0	5,7	92.533,0	85.201,0	(7,9)	99.390,0	92.451,0	(7,0)
CENTRO-OESTE	1.756,5	1.928,5	9,8	5.696,6	5.584,8	(2,0)	7.453,1	7.513,3	0,8
MT	-	-	-	70,00	45,00	(35,7)	70,0	45,0	(35,7)
GO	1.756,5	1.928,5	9,8	5.626,6	5.539,8	(1,5)	7.383,1	7.468,3	1,2
SUDESTE	218.067,0	282.966,0	29,8	1.361.031,0	1.318.685,0	(3,1)	1.579.098,0	1.601.651,0	1,4
MG	187.635,0	253.125,0	34,9	996.749,0	955.086,0	(4,2)	1.184.384,0	1.208.211,0	2,0
Sul e Centro-Oeste	107.526,0	158.158,0	47,1	524.220,0	484.642,0	(7,5)	631.746,0	642.800,0	1,7
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	25.486,0	45.106,0	77,0	183.076,0	169.702,0	(7,3)	208.562,0	214.808,0	3,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	51.945,0	46.581,0	(10,3)	261.317,0	273.295,0	4,6	313.262,0	319.876,0	2,1
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.678,0	3.280,0	22,5	28.136,0	27.447,0	(2,4)	30.814,0	30.727,0	(0,3)
ES	15.720,0	15.920,0	1,3	150.025,0	150.123,0	0,1	165.745,0	166.043,0	0,2
RJ	857,0	757,0	(11,7)	13.022,0	13.170,0	1,1	13.879,0	13.927,0	0,3
SP	13.855,0	13.164,0	(5,0)	201.235,0	200.306,0	(0,5)	215.090,0	213.470,0	(0,8)
SUL	3.860,0	3.020,0	(21,8)	46.160,0	46.010,0	(0,3)	50.020,0	49.030,0	(2,0)
PR	3.860,0	3.020,0	(21,8)	46.160,0	46.010,0	(0,3)	50.020,0	49.030,0	(2,0)
OUTROS (*)	406,0	406,0	-	9.206,0	6.872,0	(25,4)	9.612,0	7.278,0	(24,3)
NORTE/NORDESTE	9.686,0	10.600,0	9,4	103.861,0	94.871,0	(8,7)	113.547,0	105.471,0	(7,1)
CENTRO-SUL	223.683,5	287.914,5	28,7	1.412.887,6	1.370.279,8	(3,0)	1.636.571,1	1.658.194,3	1,3
BRASIL	233.775,5	298.920,5	27,9	1.525.954,6	1.472.022,8	(3,5)	1.759.730,1	1.770.943,3	0,6

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab

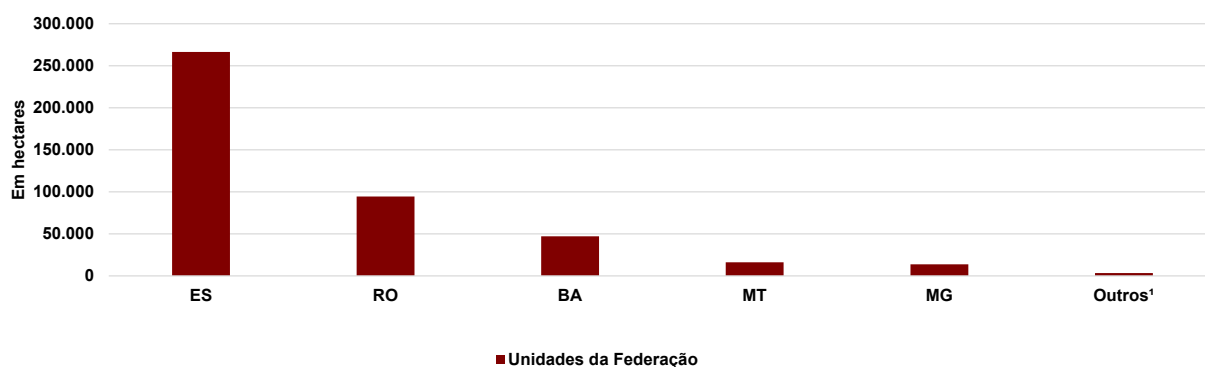
Nota: Estimativa em maio/2017.

3.3. CAFÉ CONILON

Para o café conilon a estimativa é de redução de 4,8% na área, estimada em 441,38 mil hectares. Desse total, 398,92 mil hectares estão em produção e 42,45 mil hectares em formação. No Espírito Santo está a maior área, 266,47 mil hectares, seguido de Rondônia, com

94,56 mil hectares e logo após a Bahia, com 47,07 mil hectares. Os três estados concentram 92,5% da área cultiva no país, sendo o Espírito Santo responsável por 60,4% da área total.

Gráfico 6 – Área das Unidades da Federação – Café conilon



Legenda (1): Acre, Amazonas, Pará, Rio de Janeiro, Ceará.

Fonte: Conab.

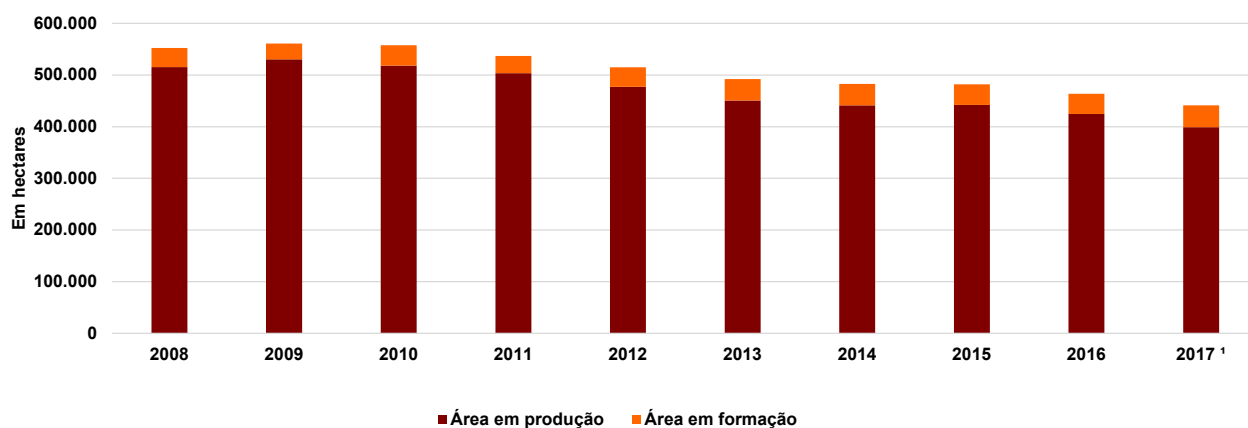
Nota: Estimativa em maio/2017.



Este ano a estimativa é de redução de 22,36 mil hectares da cultura no país, em relação a 2016. A maior queda ocorre no Espírito Santo, onde o forte estresse

hídrico das duas últimas safras provocou a morte de muitas lavouras, visto que não houve mudas disponíveis para replantio de toda a área planejada.

Gráfico 7 – Área de café conilon no Brasil



Legenda: (1) Estimativa em maio/2017.
Fonte: Conab.

Tabela 3 - Café conilon - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.991,0	7.053,0	0,9	88.699,4	88.685,4	-	95.690,4	95.738,4	0,1
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
AM	66,0	59,0	(10,6)	429,4	543,4	26,6	495,4	602,4	21,6
PA	21,0	90,0	328,6	613,0	485,0	(20,9)	634,0	575,0	(9,3)
NORDESTE	2.722,0	1.548,0	(43,1)	45.892,0	45.521,0	(0,8)	48.614,0	47.069,0	(3,2)
BA	2.722,0	1.548,0	(43,1)	45.892,0	45.521,0	(0,8)	48.614,0	47.069,0	(3,2)
Atlântico	2.722,0	1.548,0	(43,1)	45.892,0	45.521,0	(0,8)	48.614,0	47.069,0	(3,2)
CENTRO-OESTE	1.577,0	1.551,0	(1,6)	14.123,0	14.707,0	4,1	15.700,0	16.258,0	3,6
MT	1.577,00	1.551,0	(1,6)	14.123,00	14.707,00	4,1	15.700,0	16.258,0	3,6
SUDESTE	27.486,0	31.859,0	15,9	272.764,0	248.358,0	(8,9)	300.250,0	280.217,0	(6,7)
MG	1.147,0	809,0	(29,5)	12.732,0	12.931,0	1,6	13.879,0	13.740,0	(1,0)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	746,0	526,0	(29,5)	8.276,0	8.405,0	1,6	9.022,0	8.931,0	(1,0)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	401,0	283,0	(29,4)	4.456,0	4.526,0	1,6	4.857,0	4.809,0	(1,0)
ES	26.339,0	31.050,0	17,9	260.032,0	235.415,0	(9,5)	286.371,0	266.465,0	(7,0)
OUTROS (*)	235,0	442,0	88,1	3.244,6	1.652,0	(49,1)	3.479,6	2.094,0	(39,8)
NORTE/NORDESTE	9.713,0	8.601,0	(11,4)	134.591,4	134.206,4	(0,3)	144.304,4	142.807,4	(1,0)
CENTRO-SUL	29.063,0	33.410,0	15,0	286.887,0	263.065,0	(8,3)	315.950,0	296.475,0	(6,2)
BRASIL	39.011,0	42.453,0	8,8	424.723,0	398.923,4	(6,1)	463.734,0	441.376,4	(4,8)

Legenda: (*) Acre e Ceará.
Fonte: Conab
Nota: Estimativa em maio/2017.



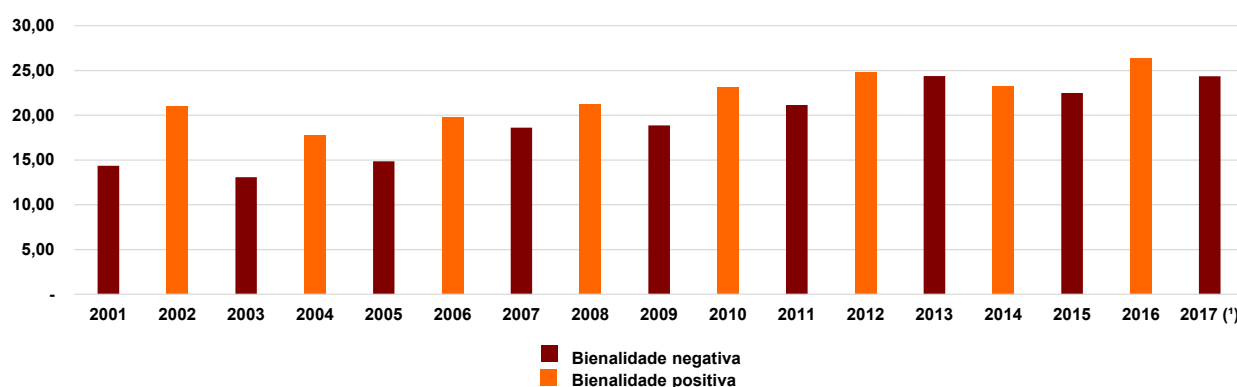


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. PRODUTIVIDADE TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

Para a safra 2016 estima-se produtividade em 24,35 sc ha, equivalendo a uma redução de 7,5% em relação à safra passada. A redução deve ocorrer em quase todas as principais regiões produtoras. Em todos os estados da Região Norte e Nordeste e no Mato Grosso, onde predominam o cultivo de conilon, além do Norte de Minas Gerais, a expectativa é de produtividades superiores à safra anterior em razão da expectativa de melhores condições climáticas. Na Zona da Mata mineira e no Paraná a bienalidade é positiva para o arábica, o que reflete em produtividades superiores.

Gráfico 8 – Produtividade de café total (arábica e conilon) no Brasil



O melhor manejo e pacote tecnológico elevado utilizado pelos produtores têm levado, ao longo dos anos, numa diminuição da diferença entre as produtividades de ciclo positivo e negativo, como pode ser percebido entre 2001 e 2013. O ciclo bienal é, portanto,

característica do cafeeiro. Contudo, uma adversidade climática pode alterar o ciclo bienal, como ocorreu em 2014 que, apesar de ser uma safra positiva, a forte restrição hídrica fez com que a produtividade fosse inferior ao ano anterior.

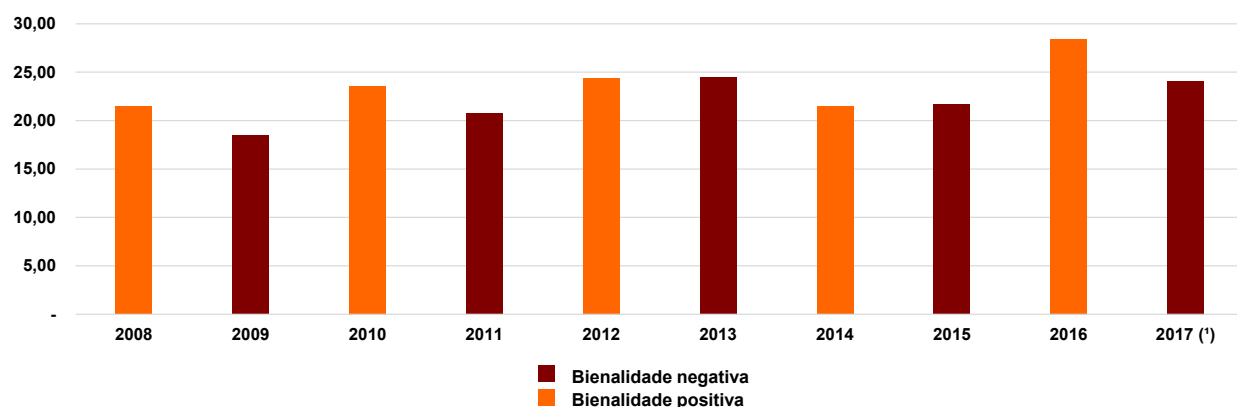
4.2. PRODUTIVIDADE DE ARÁBICA

O arábica, espécie mais influenciada pelo ciclo bienal, entrará este ano num novo ano de bienalidade negativa. Este ciclo bienal consiste na alternância de um ano com grande florada dos cafeeiros, seguido por outro ano com florada menos intensa. Isso é uma característica natural dessa cultura perene, ocasionada pelo esgotamento da planta, uma vez que no ano negativo ela se recupera para produzir melhor no ano

subsequente. A estimativa é que a produtividade se situe em 24,07 sc/ha.

Há algumas exceções como no Paraná, onde a geada de 2013 inverteu a bienalidade, ou seja, este ano ela será positiva. A zona da mata mineira também será influenciada pela bienalidade positiva, fato já consumado há anos.

Gráfico 9 – Produtividade de café arábica no Brasil



4.3. PRODUTIVIDADE DE CONILON

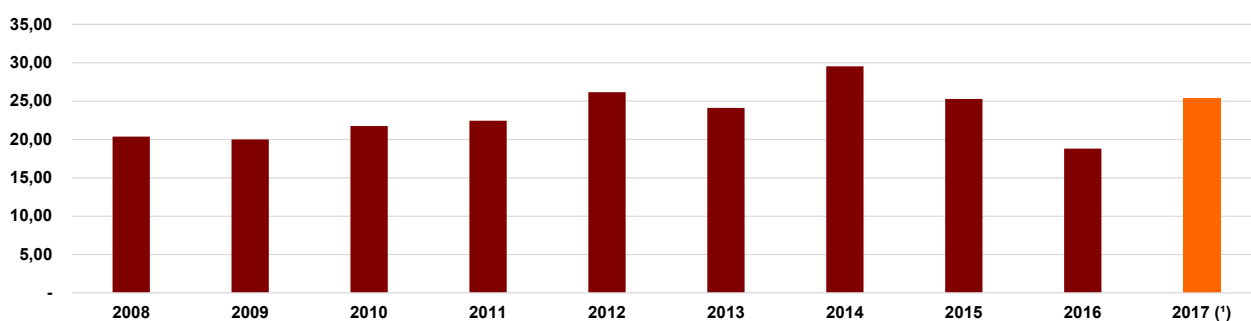
O café conilon é uma espécie mais rústica e, por isso, possui vantagens sobre o arábica. Além de ser mais resistente a pragas e doenças, pode tolerar temperaturas mais elevadas e deficiência hídrica mais do que o arábica. Além disso, as produtividades são mais elevadas.

O Espírito Santo produziu 63% do café conilon do país em 2016, por isso, as variações que ocorrem naquele estado influenciam a média nacional. O estado sofreu a influência de chuvas abaixo da média em duas sa-

fras consecutivas. O decréscimo significativo da produtividade de café conilon em 2015 e 2016 se deve à seca e a má distribuição de chuvas, principalmente nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, além da falta de águas nos mananciais para irrigação.

A estimativa é de recuperação de parte do potencial de produtividade desta espécie em 2017, com produtividade média se situando em 25,41 sc/ha, produtividade superior à safra 2016.

Gráfico 10 – Produtividade de café conilon no Brasil



Legenda: (*) Estimativa em maio/2017.
Fonte: Conab.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

5.1. PRODUÇÃO TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A segunda estimativa para a produção da safra cafeeira (espécies arábica e conilon) em 2017 indica que o país deverá colher 45,56 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. O resultado representa redução de 11,3%, quando comparado com a produção de 51,37 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior.

Tabela 4 – Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

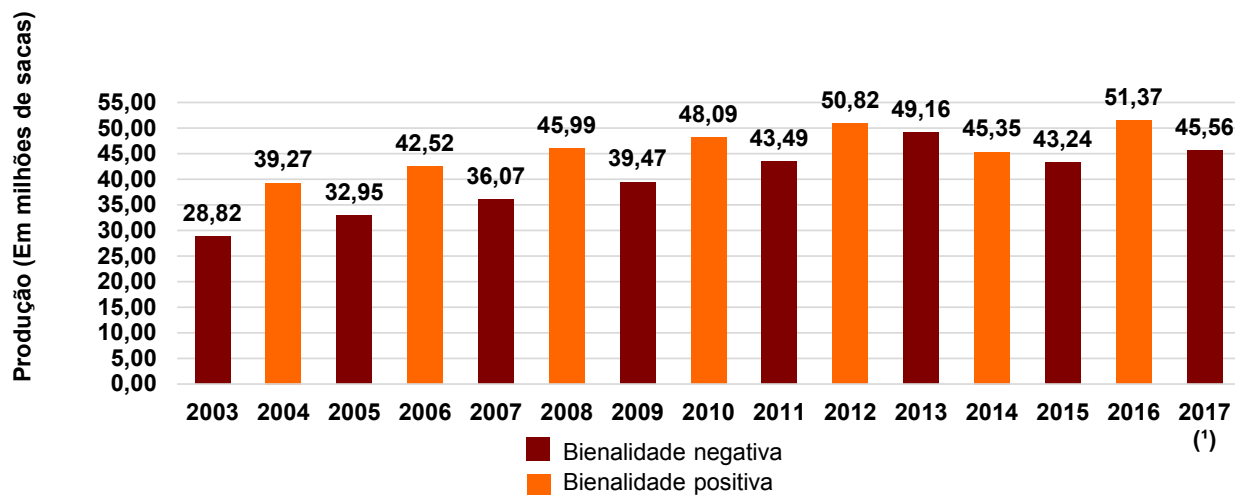
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil/sc)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88.699,4	88.685,4	-	18,51	21,25	14,8	1.642,0	1.884,7	14,8
RO	87.657,0	87.657,0	-	18,56	21,33	14,9	1.626,9	1.870,0	14,9
AM	429,4	543,4	26,6	13,97	14,50	3,8	6,0	7,9	31,3
PA	613,0	485,0	(20,9)	14,85	14,02	(5,6)	9,1	6,8	(25,3)
NORDESTE	149.753,0	140.392,0	(6,3)	13,98	20,31	45,3	2.093,3	2.852,0	36,2
BA	149.753,0	140.392,0	(6,3)	13,98	20,31	45,3	2.093,3	2.852,0	36,2
Cerrado	11.328,0	9.670,0	(14,6)	30,51	30,00	(1,7)	345,6	290,1	(16,1)
Planalto	92.533,0	85.201,0	(7,9)	9,96	8,50	(14,7)	921,6	724,2	(21,4)
Atlântico	45.892,0	45.521,0	(0,8)	18,00	40,37	124,3	826,1	1.837,7	122,5
CENTRO-OESTE	19.819,6	20.291,8	2,4	17,77	16,97	(4,5)	352,2	344,4	(2,2)
MT	14.193,0	14.752,0	3,9	8,83	10,60	20,0	125,4	156,4	24,7
GO	5.626,6	5.539,8	(1,5)	40,31	33,94	(15,8)	226,8	188,0	(17,1)
SUDESTE	1.633.795,0	1.567.043,0	(4,1)	28,20	24,96	(11,5)	46.069,9	39.121,2	(15,1)
MG	1.009.481,0	968.017,0	(4,1)	30,44	26,55	(12,8)	30.724,1	25.703,2	(16,3)
Sul e Centro-Oeste	524.220,0	484.642,0	(7,5)	31,72	27,37	(13,7)	16.627,7	13.265,7	(20,2)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	183.076,0	169.702,0	(7,3)	40,43	26,76	(33,8)	7.401,6	4.541,8	(38,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	269.593,0	281.700,0	4,5	22,56	25,82	14,5	6.081,9	7.273,5	19,6
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	32.592,0	31.973,0	(1,9)	18,81	19,46	3,5	612,9	622,3	1,5
ES	410.057,0	385.538,0	(6,0)	21,87	22,81	4,3	8.967,4	8.795,0	(1,9)
RJ	13.022,0	13.182,0	1,2	26,68	18,90	(29,2)	347,4	249,1	(28,3)
SP	201.235,0	200.306,0	(0,5)	29,97	21,84	(27,1)	6.031,0	4.374,0	(27,5)
SUL	46.160,0	46.010,0	(0,3)	22,68	27,49	21,2	1.047,0	1.265,0	20,8
PR	46.160,0	46.010,0	(0,3)	22,68	27,49	21,2	1.047,0	1.265,0	20,8
OUTROS	12.450,6	8.524,0	(31,5)	13,24	11,26	(14,9)	164,8	96,0	(41,7)
NORTE/NORDESTE	238.452,4	229.077,4	(3,9)	15,66	20,68	32,0	3.735,3	4.736,7	26,8
CENTRO-SUL	1.699.774,6	1.633.344,8	(3,9)	27,93	24,94	(10,7)	47.469,1	40.730,6	(14,2)
BRASIL	1.950.677,6	1.870.946,2	(4,1)	26,33	24,35	(7,5)	51.369,2	45.563,2	(11,3)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Gráfico 11 – Produção de café total (arábica e conilon) no Brasil

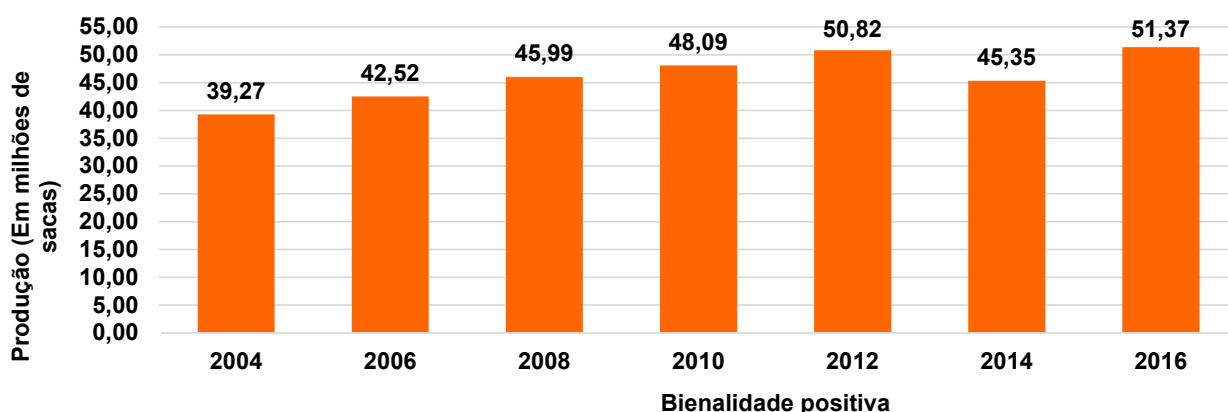


Legenda: (i) Estimativa em maio/2017.

Fonte: Conab.

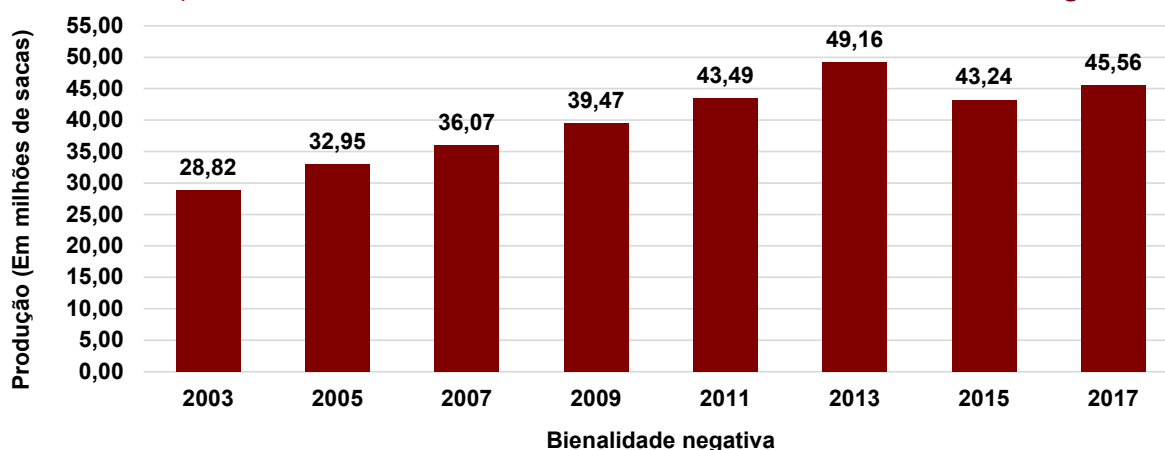


Gráfico 12 – Produção de café total (arábica e conilon) no Brasil – Anos de bienalidade positiva



Fonte: Conab.

Gráfico 13 – Produção de café total (arábica e conilon) no Brasil – Anos de bienalidade negativa



Fonte: Conab.

5.2. PRODUÇÃO DE ARÁBICA

O café arábica representa 80% da produção total (arábica e conilon) de café do país. Para a nova safra, que é de ciclo de bienalidade negativa, estima-se que sejam colhidas 35,43 milhões sacas. Tal resultado representa redução de 18,3%.

Em Minas Gerais, maior estado produtor desta espécie, o resultado do presente levantamento sinali-

za uma redução da produtividade cafeeira de Minas Gerais na ordem de 13%, pautada principalmente na bienalidade negativa das maiores regiões produtoras do estado, com exceção da Zona da Mata, que apresenta bienalidade invertida com relação ao restante do estado. A produção deve totalizar 25,37 milhões de sacas na safra 2017.



Tabela 5 – Café arábica - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

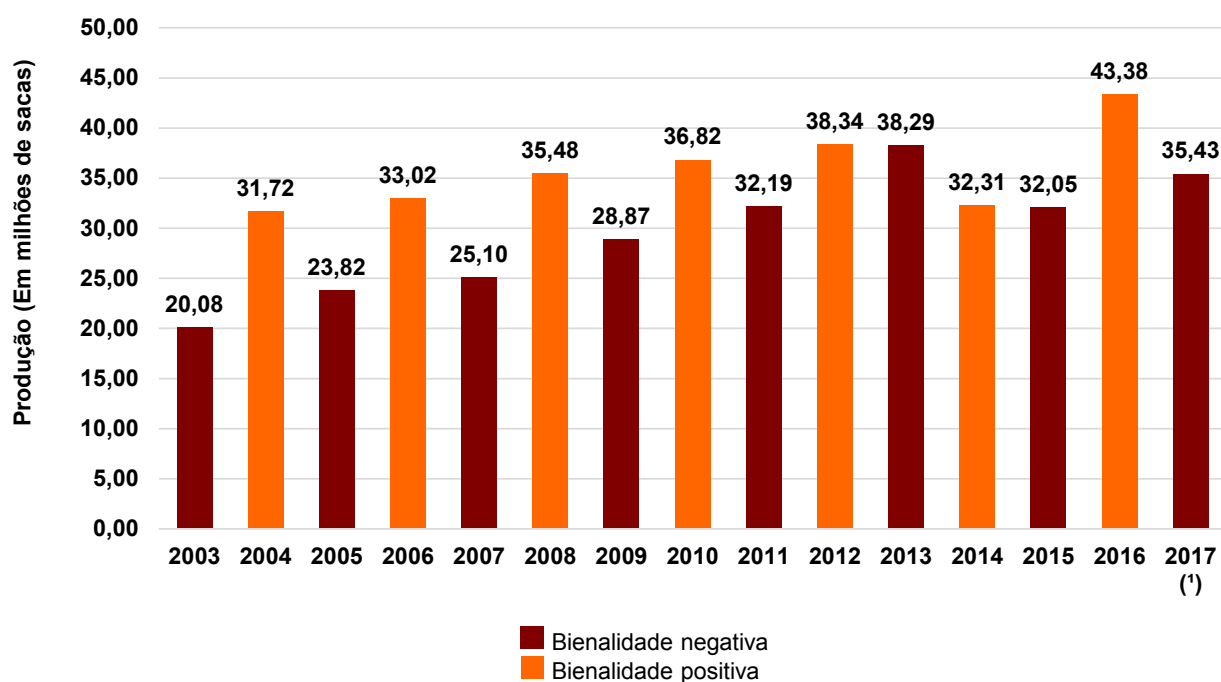
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil/sc)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	103.861,0	94.871,0	(8,7)	12,20	10,69	(12,4)	1.267,2	1.014,3	(20,0)
BA	103.861,0	94.871,0	(8,7)	12,20	10,69	(12,4)	1.267,2	1.014,3	(20,0)
Cerrado	11.328,0	9.670,0	(14,6)	35,74	30,00	(16,1)	345,6	290,1	(16,1)
Planalto	92.533,0	85.201,0	(7,9)	9,96	8,50	(14,7)	921,6	724,2	(21,4)
CENTRO-OESTE	5.696,6	5.584,8	(2,0)	40,04	33,84	(15,5)	228,1	189,0	(17,1)
MT	70,0	45,0	(35,7)	18,29	22,00	20,3	1,3	1,0	(22,7)
GO	5.626,6	5.539,8	(1,5)	40,31	33,94	(15,8)	226,8	188,0	(17,1)
SUDESTE	1.361.031,0	1.318.685,0	(3,1)	29,93	24,95	(16,6)	40.738,4	32.900,1	(19,2)
MG	996.749,0	955.086,0	(4,2)	30,53	26,56	(13,0)	30.427,9	25.369,1	(16,6)
Sul e Centro-Oeste	524.220,0	484.642,0	(7,5)	31,72	27,37	(13,7)	16.627,7	13.265,7	(20,2)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	183.076,0	169.702,0	(7,3)	40,43	26,76	(33,8)	7.401,6	4.541,8	(38,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	261.317,0	273.295,0	4,6	22,54	25,82	14,6	5.889,4	7.056,3	19,8
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	28.136,0	27.447,0	(2,4)	18,10	18,41	1,7	509,2	505,4	(0,8)
ES	150.025,0	150.123,0	0,1	26,21	19,37	(26,1)	3.932,1	2.908,0	(26,0)
RJ	13.022,0	13.170,0	1,1	26,68	18,91	(29,1)	347,4	249,0	(28,3)
SP	201.235,0	200.306,0	(0,5)	29,97	21,84	(27,1)	6.031,0	4.374,0	(27,5)
SUL	46.160,0	46.010,0	(0,3)	22,68	27,49	21,2	1.047,0	1.265,0	20,8
PR	46.160,0	46.010,0	(0,3)	22,68	27,49	21,2	1.047,0	1.265,0	20,8
OUTROS (*)	9.206,0	6.872,0	(25,4)	11,03	8,47	(23,2)	101,5	58,2	(42,7)
NORTE/NORDESTE	103.861,0	94.871,0	(8,7)	12,20	10,69	(12,4)	1.267,2	1.014,3	(20,0)
CENTRO-SUL	1.412.887,6	1.370.279,8	(3,0)	29,74	25,07	(15,7)	42.013,5	34.354,1	(18,2)
BRASIL	1.525.954,6	1.472.022,8	(3,5)	28,43	24,07	(15,3)	43.382,2	35.426,6	(18,3)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

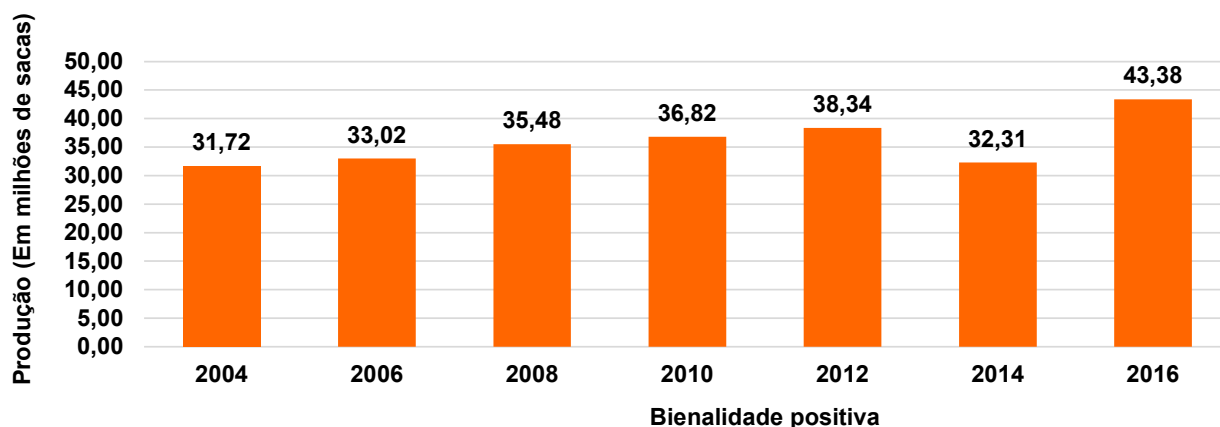
Gráfico 14 – Produção de café arábica no Brasil



Legenda: (¹) Estimativa em maio/2017.
Fonte: Conab.

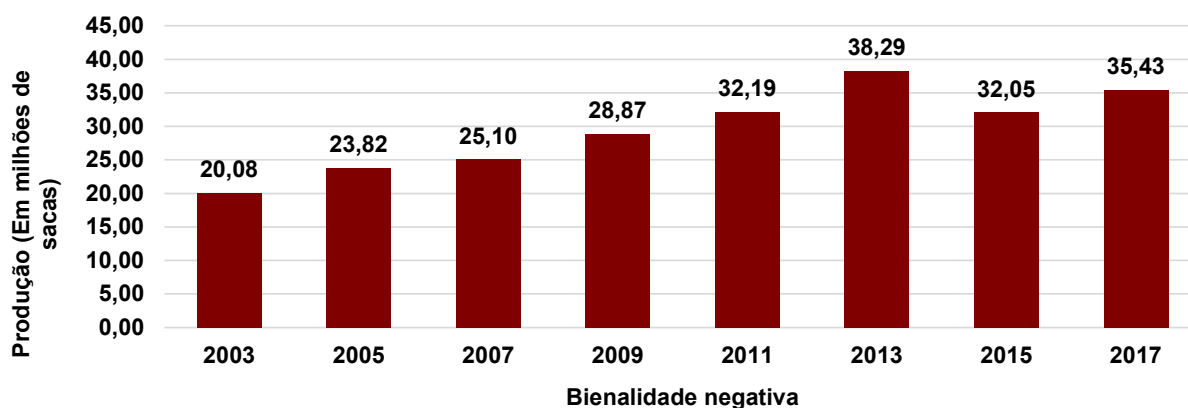


Gráfico 15 – Produção de café arábica no Brasil – Anos de bienalidade positiva



Fonte: Conab.

Gráfico 16 – Produção de café arábica no Brasil – Anos de bienalidade negativa



Fonte: Conab.

5.3. PRODUÇÃO DE CONILON

A produção do conilon representa 20% da produção total (arábica e conilon) de café do país, estimada em 10,13 milhões de sacas, representando um crescimento de 26,9% sobre a safra 2016. Este resultado se deve, sobretudo, à recuperação da produtividade na Bahia e Rondônia, bem como ao processo de maior utilização de tecnologias como o plantio de café clonal e ao maior investimento nas lavouras.

No Espírito Santo, maior produtor de conilon, nos últimos três anos com o baixo índice pluviométrico, houve diminuição da área em produção devido ao esgotamento das barragens, rios e córregos e a proibição do uso da irrigação, resultando em estresse severo das plantas que, em quantidade anormal, foram recepa-

das ou arrancadas. A reposição das plantas arrancadas tem acontecido com o máximo de força possível, visto que os viveiristas, por conta da seca, não conseguiram produzir a quantidade normal de mudas para atender a demanda, que, aumentou muito devido à chuva.

Esta situação interrompeu uma sequência contínua de aumento na produção de café no estado. A produção de 9,95 milhões de sacas obtida em 2014 caiu para 5,04 milhões em 2016. Para a nova safra, 2017, com melhora das condições climáticas, estima-se uma recuperação na produtividade em relação à safra anterior, estimada em 16,9 sc/ha.



Tabela 6 – Café conilon - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

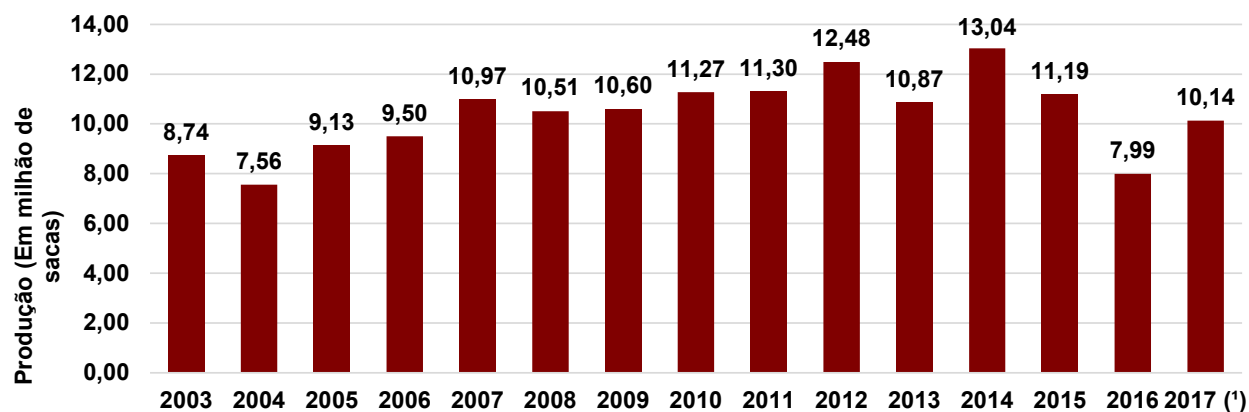
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil/sc)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88.699,4	88.685,4	-	18,51	21,25	14,8	1.642,0	1.884,7	14,8
RO	87.657,0	87.657,0	-	18,56	21,33	14,9	1.626,9	1.870,0	14,9
AM	429,4	543,4	26,6	13,97	14,50	3,8	6,0	7,9	31,3
PA	613,0	485,0	(20,9)	14,85	14,02	(5,6)	9,1	6,8	(25,3)
NORDESTE	45.892,0	45.521,0	(0,8)	18,00	40,37	124,3	826,1	1.837,7	122,5
BA	45.892,0	45.521,0	(0,8)	18,00	40,37	124,3	826,1	1.837,7	122,5
Atlântico	45.892,0	45.521,0	(0,8)	18,00	40,37	124,3	826,1	1.837,7	122,5
CENTRO-OESTE	14.123,0	14.707,0	4,1	8,79	10,56	20,2	124,1	155,4	25,2
MT	14.123,0	14.707,0	4,1	8,79	10,56	20,2	124,1	155,4	25,2
GO	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	272.764,0	248.358,0	(8,9)	19,55	25,05	28,2	5.331,5	6.221,1	16,7
MG	12.732,0	12.931,0	1,6	23,26	25,84	11,1	296,2	334,1	12,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.276,0	8.405,0	1,6	23,26	25,84	11,1	192,5	217,2	12,8
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.456,0	4.526,0	1,6	23,27	25,83	11,0	103,7	116,9	12,7
ES	260.032,0	235.415,0	(9,5)	19,36	25,01	29,1	5.035,3	5.887,0	16,9
RJ	-	12,0	-	-	10,00	-	-	0,1	-
OUTROS (*)	3.244,6	1.652,0	(49,1)	19,51	22,88	17,3	63,3	37,8	(40,3)
NORTE/NORDESTE	134.591,4	134.206,4	(0,3)	18,34	27,74	51,3	2.468,1	3.722,4	50,8
CENTRO-SUL	286.887,0	263.065,0	(8,3)	19,02	24,24	27,5	5.455,6	6.376,5	16,9
BRASIL	424.723,0	398.923,4	(6,1)	18,81	25,41	35,1	7.987,0	10.136,6	26,9

Legenda: (*) Acre, Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Gráfico 17 – Produção de café conilon no Brasil



Legenda: (¹) Estimativa em maio/2017.

Fonte: Conab.





6. CRÉDITO RURAL

As linhas de crédito rural para custeio de café no primeiro quadrimestre contabilizaram 18.308 operações, representando um montante de R\$ 1,09 bilhão. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) foi o programa onde ocorreu a maior quantidade de contratos 10.761, seguido por aqueles sem vínculo específico 3.806, Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé) e Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) reunidos, somaram 3.741 operações.

As atividades inseridas no Programa Sem Vínculo Específico, representaram no quadrimestre 45,7% dos recursos disponíveis, totalizando R\$ 498,9 milhões. O Pronamp vem em seguida, representando 20% do total, com R\$ 221,8 milhões. O Pronaf, com 20% do total e R\$ 221,6 milhões. O Funcafé somou 13,5% das operações e recursos de R\$ 147,6 milhões.

Os meses de maior contratação no período foram janeiro e março. Nessa época se concentram as etapas de correções e adubações no cafeeiro que são fundamentais para o bom desenvolvimento vegetativo da lavoura.

Se comparado com 2016, o primeiro quadrimestre de 2017 apresentou crescimento de 3,8% nas contratações de crédito, partindo de R\$ 824,7 milhões em 2016, para R\$ 1,08 bilhão neste ano. A despeito

de uma esperada redução nos níveis de contratação, sob alegação de que a safra 2018 seria um ano de bionalidade negativa na maior parte das regiões pro-

duadoras, constatou-se nas pesquisas junto aos produtores grande preocupação com relação aos tratos culturais e recuperação dos estandes.

Gráfico 18 – Total de contratos de custeio de café – 2016

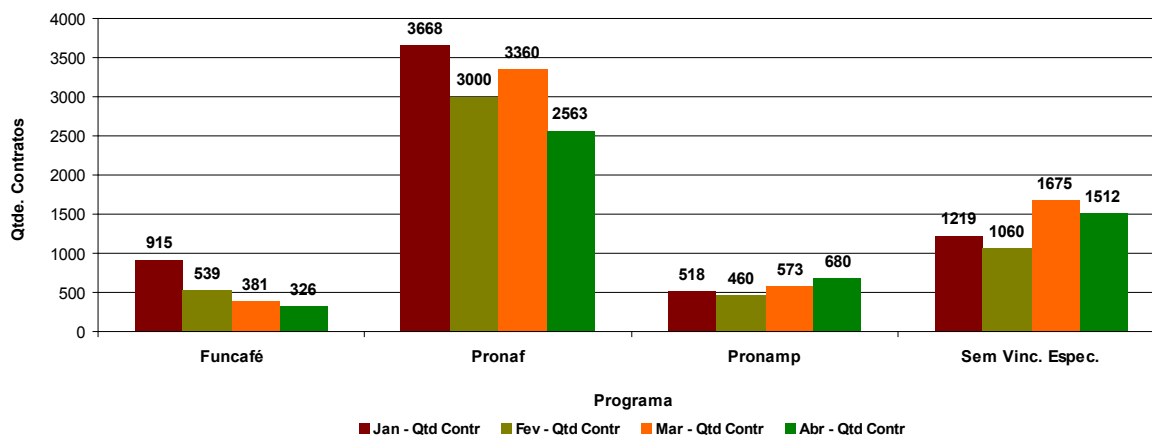


Gráfico 19 – Total de contratos de custeio de café – 2017

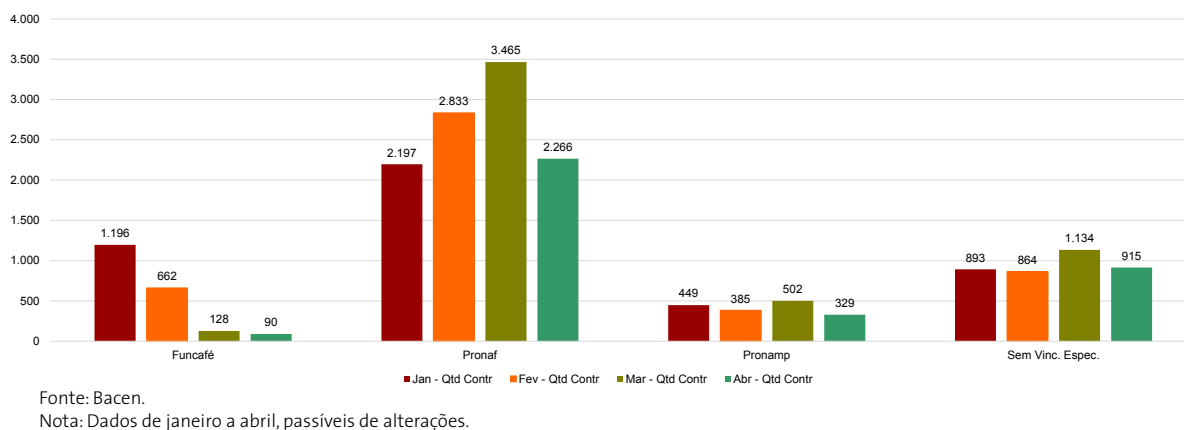


Gráfico 20 – Valor total contratado de custeio de café – 2016

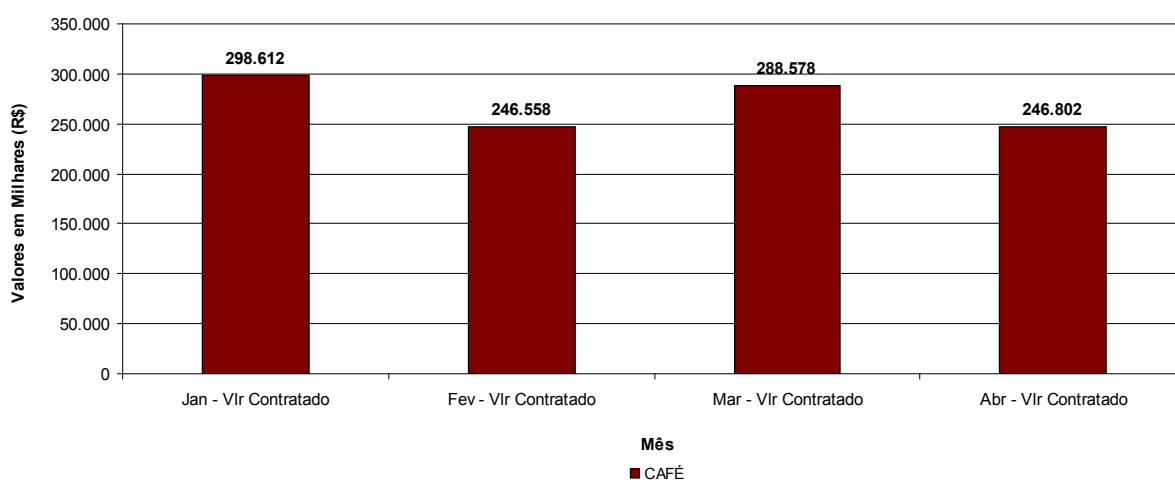
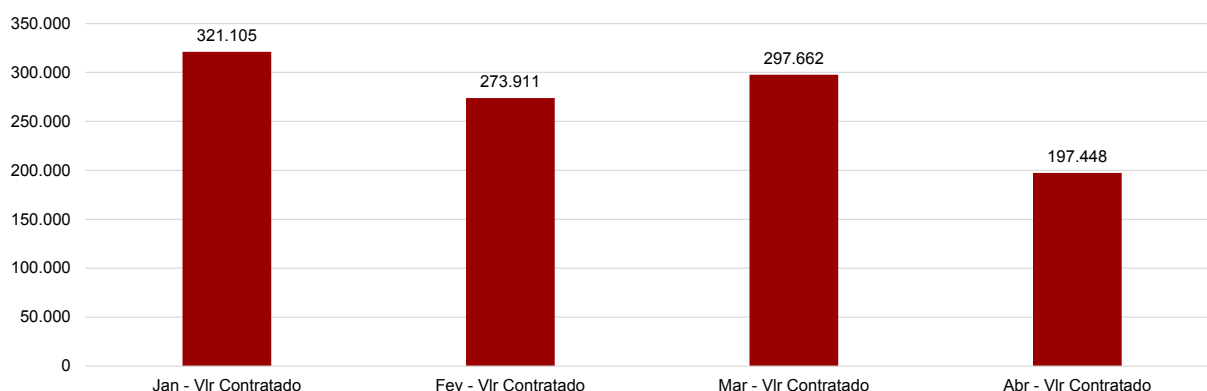


Gráfico 21 – Valor total contratado de custeio de café – 2017



Fonte: Bacen.

Nota: Dados de janeiro a abril, passíveis de alterações.

6.1. ESPÍRITO SANTO

Com relação ao crédito rural aplicado na produção de café conilon, observamos que são duas as principais linhas de crédito acessadas pelos produtores: custeio e o investimento. O primeiro é a linha de financiamento para o custeio da safra de café, com recursos do Funcafé. As contratações dependem do repasse desses Recursos pelo Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). A linha de investimento mais acessada é o Pronaf investimento.

Atualmente, segundo as informações levantadas junto aos escritórios do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) do estado, cerca de 71,5% do café conilon produzido é financiado por custeio e, além desta linha de crédito, 77,5% do café também é financiado pelas linhas de investimento.

6.2. AMAZONAS

Novamente não se identificou nenhum apoio financeiro por parte dos bancos oficiais, no que diz respeito ao crédito agrícola, nem para a implantação ou para o custeio das safras de café, muito embora o município

de Apuí tenha sido o município de maior aplicação de crédito agrícola no ano de 2015. Esse fato se dá pela aptidão à pecuária extensiva do município.

6.3. MATO GROSSO

Os cafeicultores do estado são, em grande maioria, agricultores familiares/assentados e têm dificuldade de acesso ao crédito, devido à falta de legalização das propriedades rurais, o que dificulta a emissão da De-

claração de Aptidão ao Pronaf (DAP) e, consequentemente, acesso às linhas de crédito legais por falta de garantia.

6.4. RONDÔNIA

Parte significativa dos produtores estão acessando os recursos disponibilizados pelos bancos oficiais e cooperativas de crédito, tais como: Banco da Amazônia, Banco do Brasil, Sicoob, Sicreed e Cresol, a maior parte dando preferência aos bancos oficiais. O fluxo de liberação dos créditos pelos agentes financeiros é considerado normal. Os pequenos atrasos na liberação de alguns projetos ocorrem em casos isolados, no entanto, não é significativo.

A demora é justificada devido à exigência pelo órgão

estadual de meio ambiente da outorga de uso da água, quando das implantações das lavouras de cafés clonais irrigado. Os recursos liberados pelos agentes financeiros atendem na sua quase totalidade a agricultura familiar, portanto, contemplados através das linhas de financiamento do Pronaf custeio e com maior procura para o de investimento, contemplando assim as aquisições de mudas de cafés clonais de viveiros credenciados, equipamentos completos para irrigação, calcário, fertilizantes e outros.



7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO - INMET

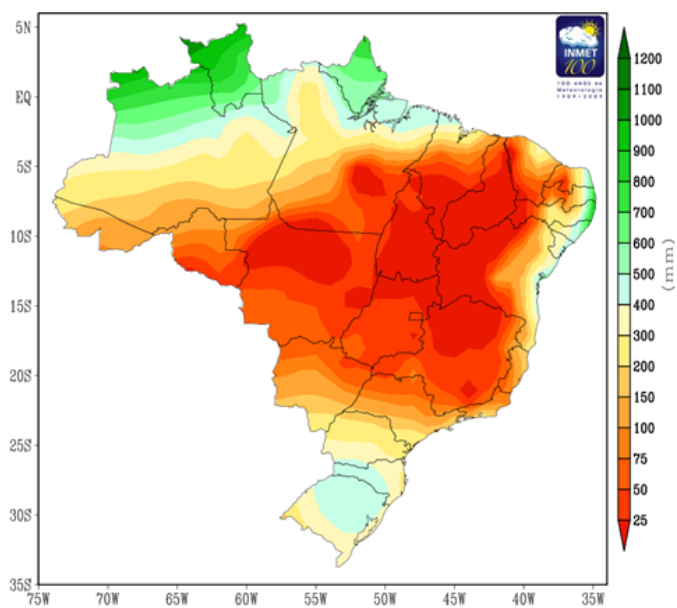
1.1. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA PARA AS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DE CAFÉ - TRIMESTRE JUNHO-JULHO-AGOSTO/2017

A normal climatológica da precipitação no trimestre junho, julho e agosto é caracterizada por poucas chuvas nas regiões produtoras de café (Figura 1). Esse é o período em que os grãos se encontram em maturação e colheita.

Para a maturação e a colheita da safra 2017, a previsão probabilística de precipitação indica probabilidade alta (50 a 60 %) das chuvas ocorrerem abaixo da média em Rondônia e em uma pequena parte da região do Planalto, na Bahia (Figura 2). As previsões de anomalias de chuva para essas regiões são de até 50 mm abaixo da média histórica (Figura 3), ou seja, há áreas onde poderá não haver precipitação, já que a normal climatológica indica chuvas entre 25 e 150 mm ao longo de todo o trimestre.

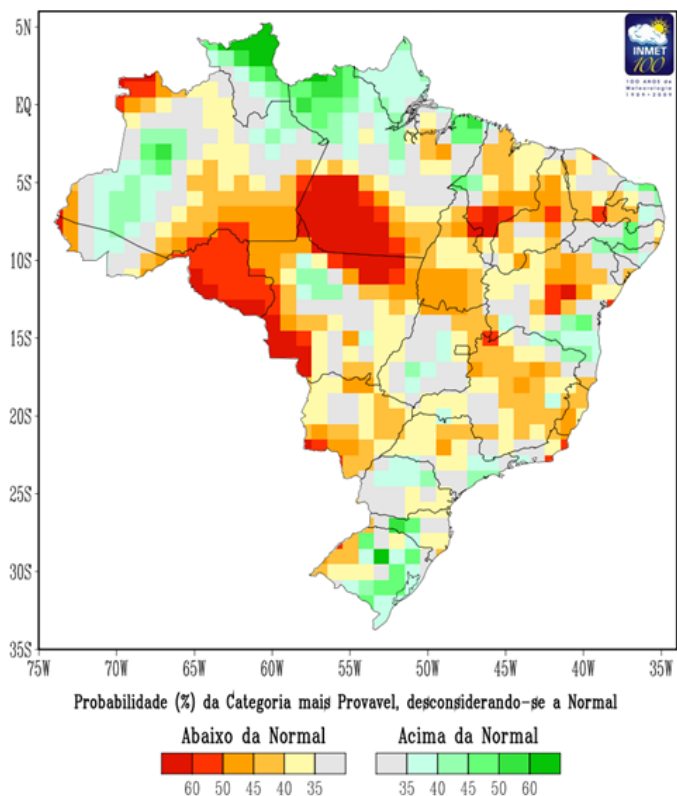
Para as demais regiões produtoras de café do país, embora haja alguma probabilidade de as chuvas ocorrerem abaixo ou acima da média, as anomalias previstas são pouco significativas. Com exceção do Espírito Santo, onde a previsão de anomalia de precipitação é de menos 50 mm, com uma probabilidade de ocorrência de 40 a 50%.

Figura 1 - Normal climatológica da precipitação no trimestre junho-julho-agosto



Fonte: Inmet.

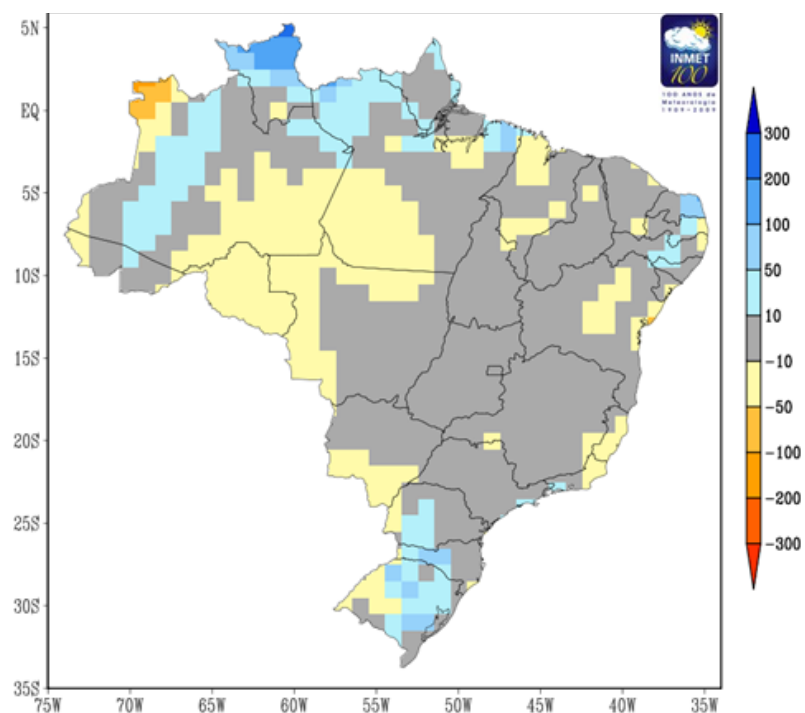
Figura 2 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre junho-julho-agosto/2017.



Fonte: Inmet.



Figura 3 - Previsão de anomalias de precipitação do modelo estatístico do Inmet, para o trimestre junho-julho-agosto/2017



Fonte: Inmet.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

O monitoramento agrícola do café tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas da produção agrícola nacional. Esse monitoramento é feito a partir do mapeamento das áreas de cultivo, que auxilia na quantificação da área plantada, no acompanhamento da dinâmica do uso do solo e na análise das condições meteorológicas, desde o início do florescimento até a conclusão da colheita. A condição para o desenvolvimento das lavouras, considerando a sua localização (mapeamentos) e as fases predominantes, são analisadas no monitoramento agrometeorológico e apresentadas na avaliação por estado.

1- Danielle Barros Ferreira – Meteorologista CDP-INMET-Brasília, Mozar de Araújo Salvador - Meteorologista CDP-Inmet-Brasília

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No monitoramento agrometeorológico, dentre os parâmetros observados, destacam-se: a precipitação acumulada (decendial e mensal) e o desvio da precipitação e da temperatura máxima com relação à média histórica (anomalia). Para os principais estados produtores foi elaborada uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- Favorável: quando a precipitação e a temperatura são adequadas para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver, apenas, problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou

excesso de chuvas e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas;

- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

Abaixo, verificam-se as cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

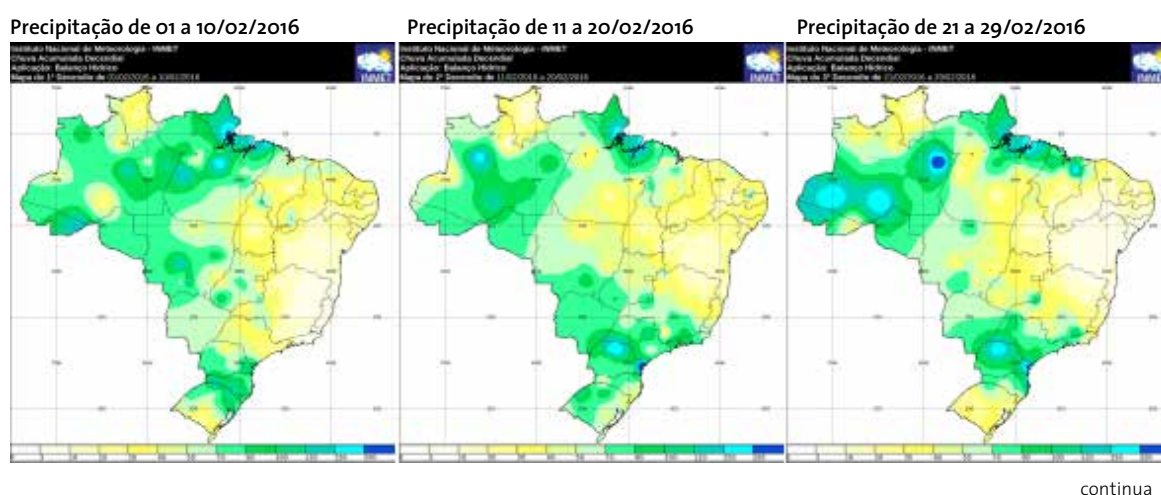
■ Favorável	■ Média restrição falta de chuva	■ Baixa restrição excesso de chuva	■ Alta restrição excesso de chuva	■ Média restrição temperaturas baixas
■ Baixa restrição falta de chuva	■ Alta restrição falta de chuva	■ Média restrição excesso de chuva	■ Baixa restrição temperaturas baixas	■ Alta restrição temperaturas baixas

Nas figuras abaixo, verificam-se os dados utilizados no monitoramento da safra 2017, no período de agosto de 2016 - época de início da floração - a abril de 2017 - quando o fruto já está formado e encontra-se em início de colheita. Para alguns estados, considerou-se também parte do período vegetativo (fevereiro a

junho/16) e de repouso (julho e agosto/16) em razão das adversidades climáticas ocorridas durante o desenvolvimento dos ramos produtivos.

Os resultados do monitoramento são apresentados nos capítulos referentes aos estados.

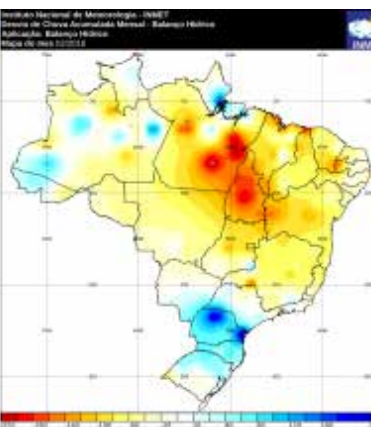
Figura 4 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em fevereiro de 2016



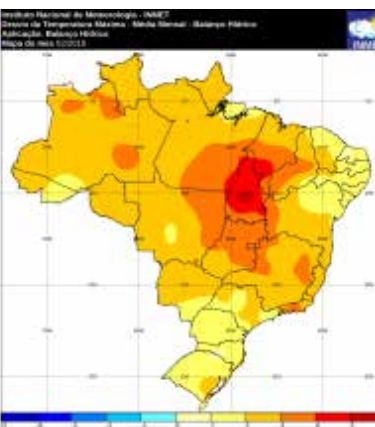
Precipitação Total



Anomalia da Precipitação



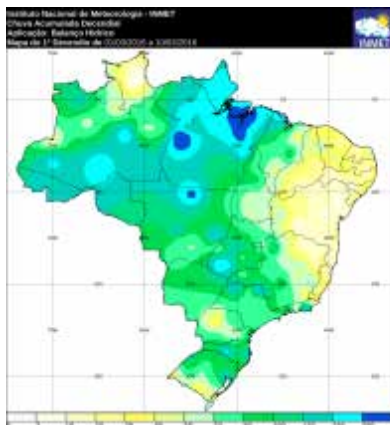
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.

Figura 5 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em março de 2016

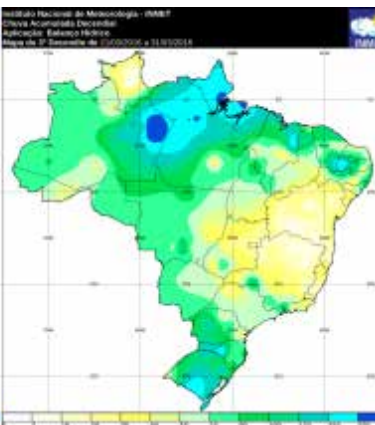
Precipitação de 01 a 10/03/2016



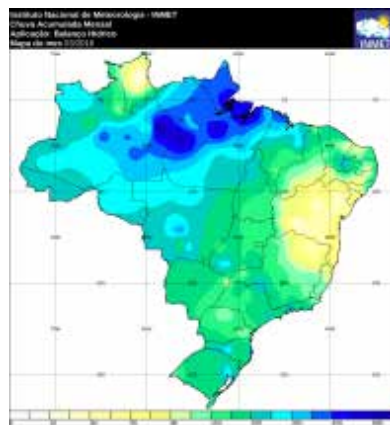
Precipitação de 11 a 20/03/2016



Precipitação de 21 a 31/03/2016



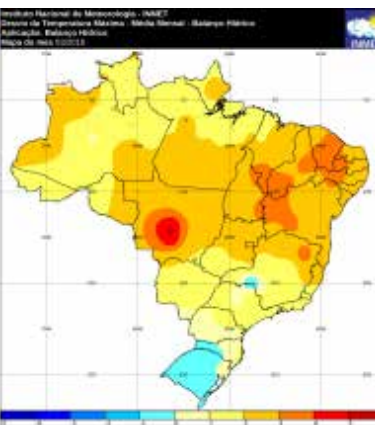
Precipitação Total



Anomalia da Precipitação



Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.



Figura 6 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em abril de 2016

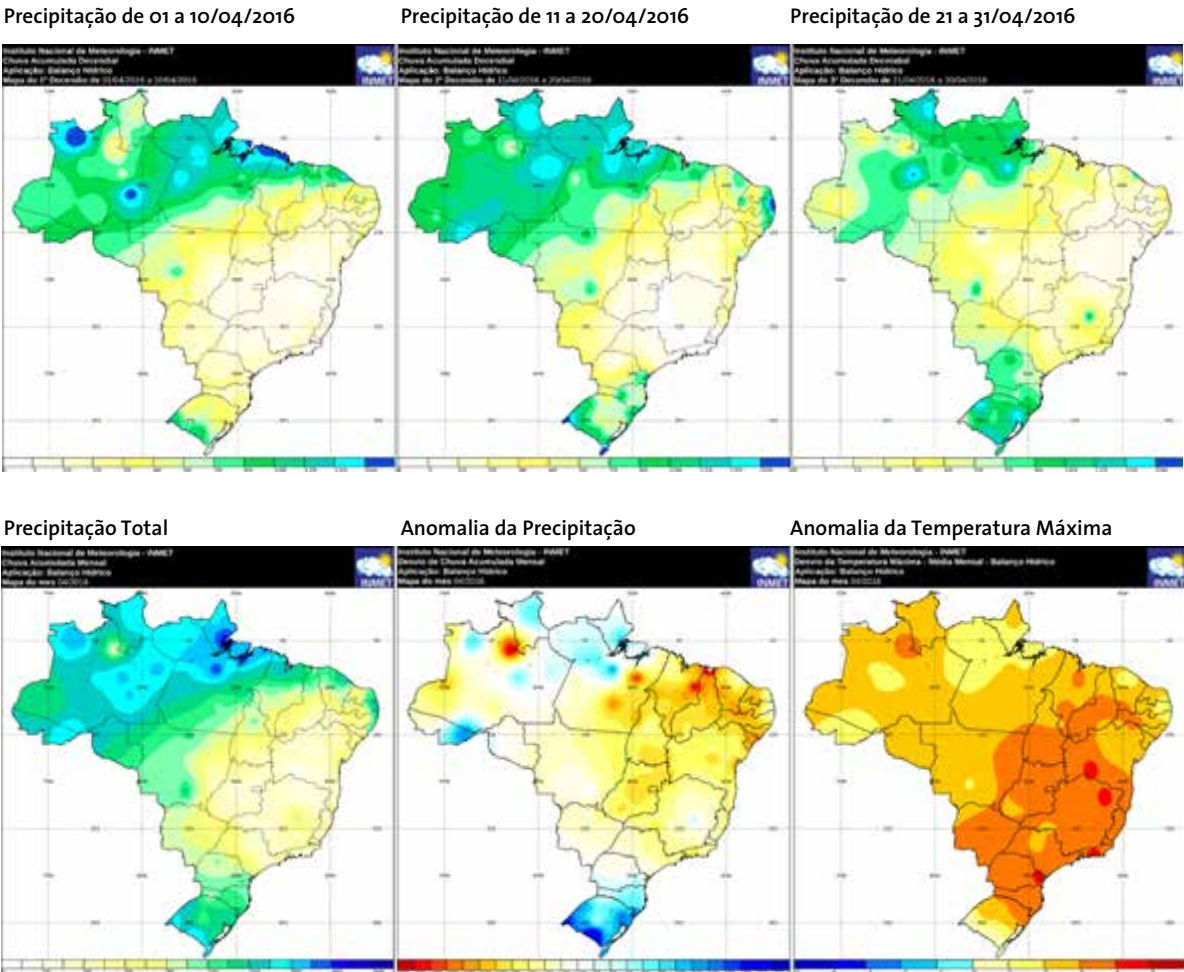
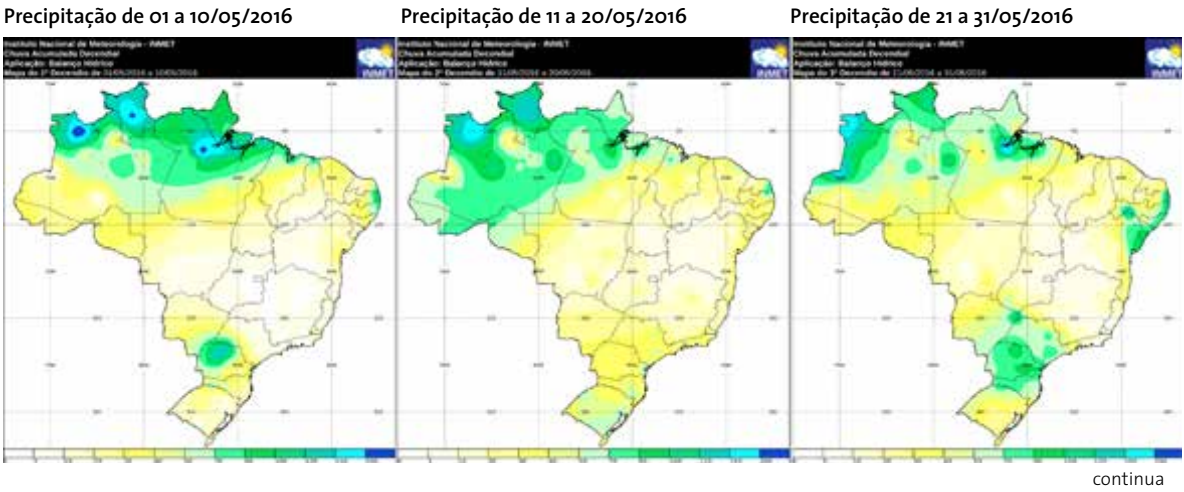


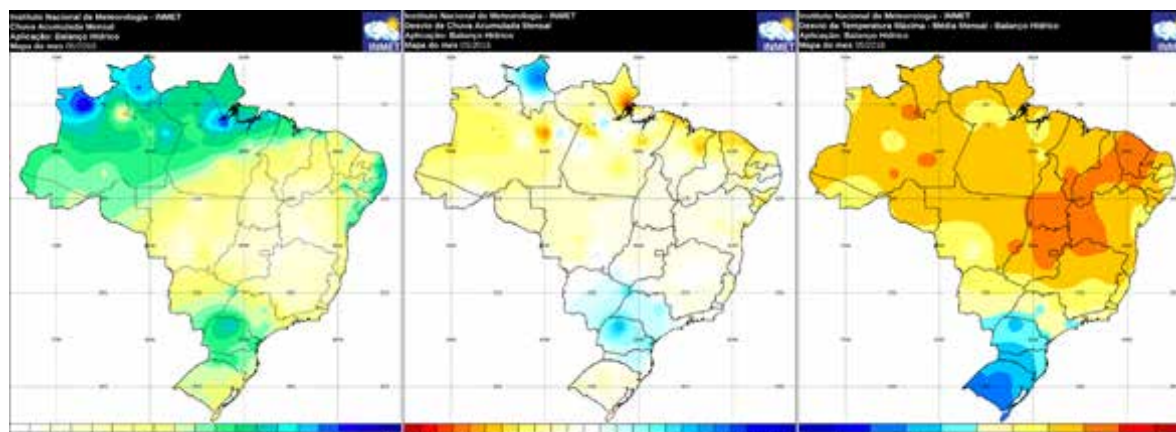
Figura 7 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em maio de 2016



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



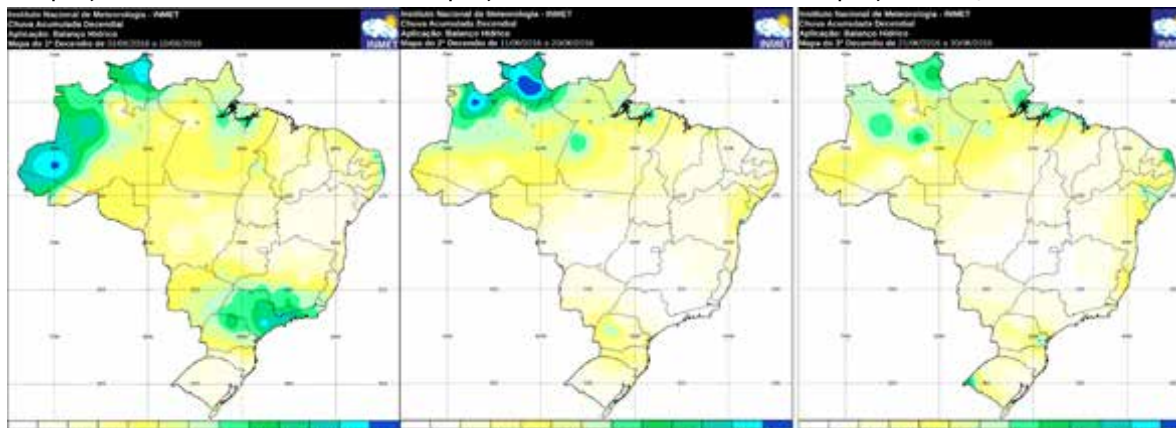
Fonte: Inmet.

Figura 8 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média em junho de 2016

Precipitação de 01 a 10/06/2016

Precipitação de 11 a 20/06/2016

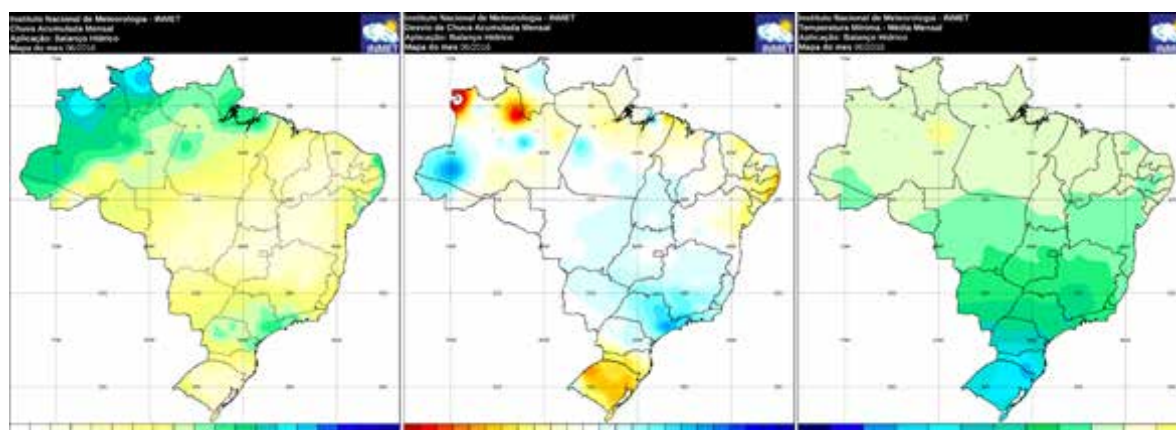
Precipitação de 21 a 31/06/2016



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

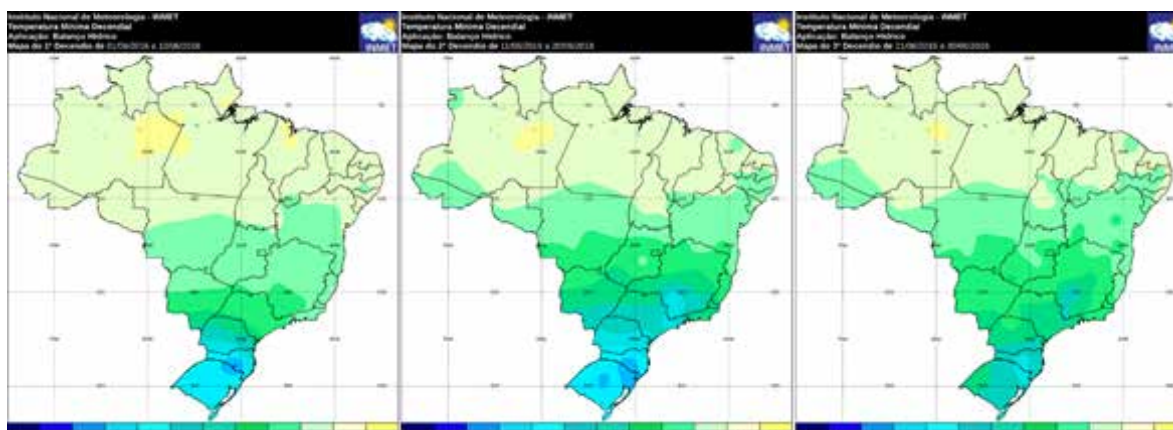
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.



Figura 9 – Temperatura mínima média de 1 a 10 de junho, de 11 a 20 de junho e de 21 a 30 de junho de 2016



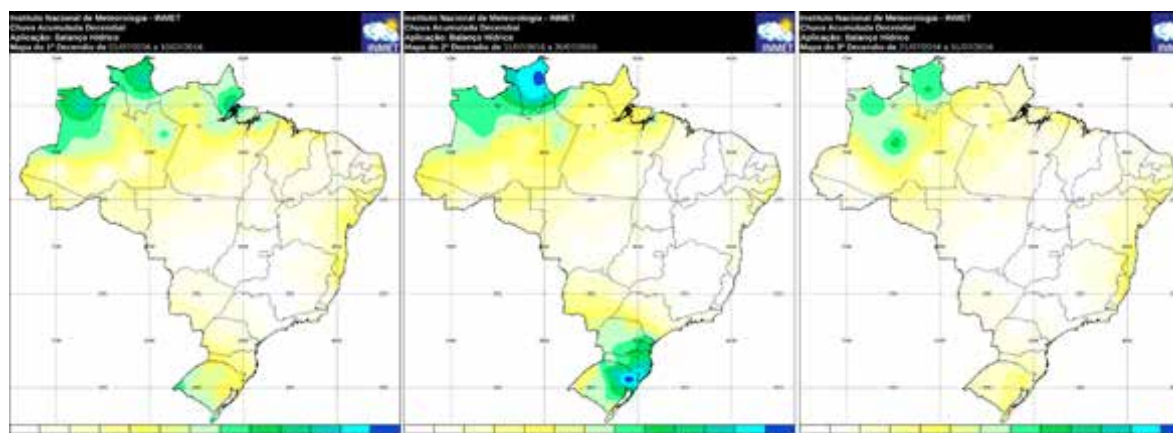
Fonte: Inmet.

Figura 10 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média em julho de 2016

Precipitação de 01 a 10/07/2016

Precipitação de 11 a 20/07/2016

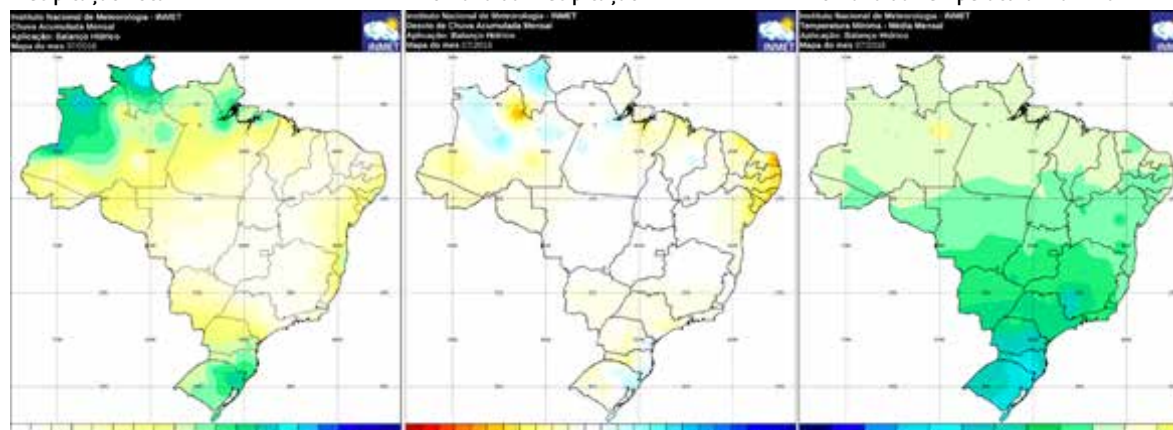
Precipitação de 21 a 31/07/2016



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

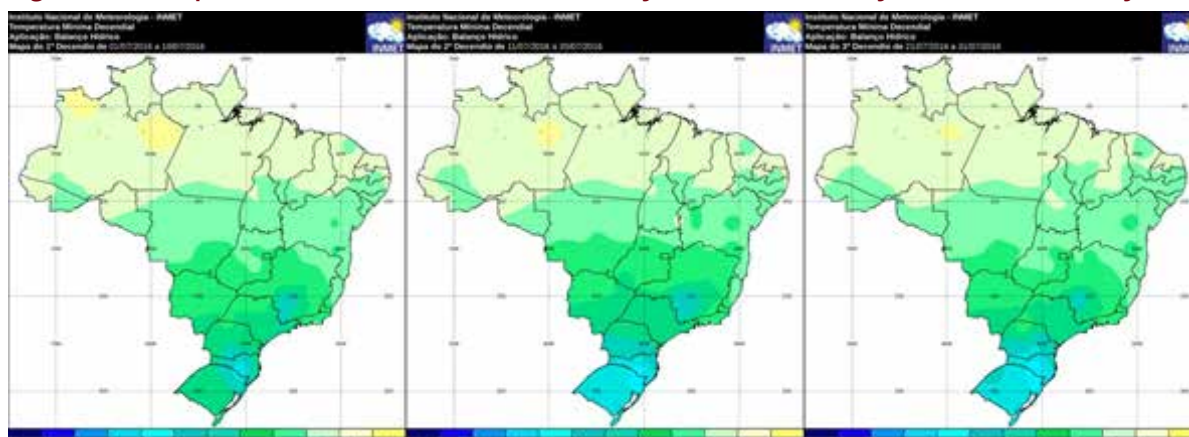
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.



Figura 11 – Temperatura mínima média de 1 a 10 de julho, de 11 a 20 de julho e de 21 a 31 de julho de 2016



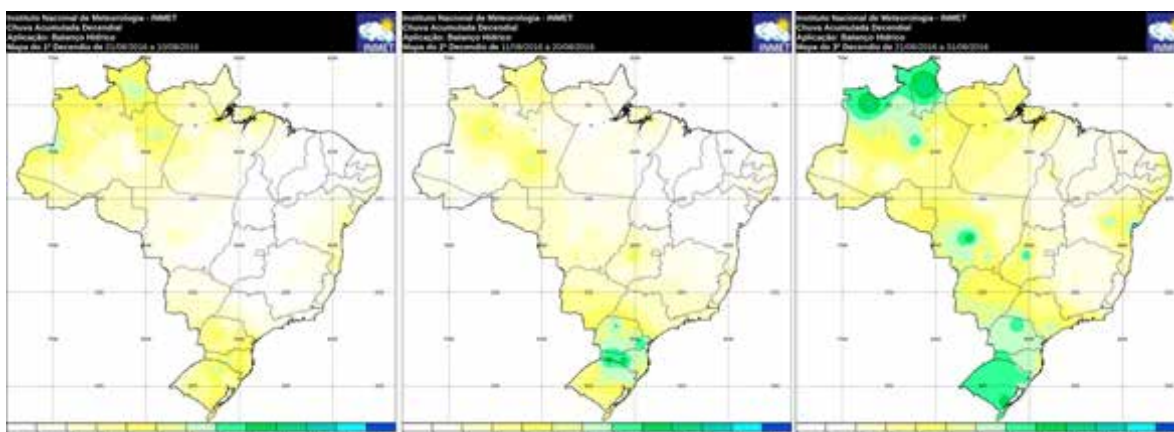
Fonte: Inmet.

Figura 12 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em agosto de 2016

Precipitação de 01 a 10/08/2016

Precipitação de 11 a 20/08/2016

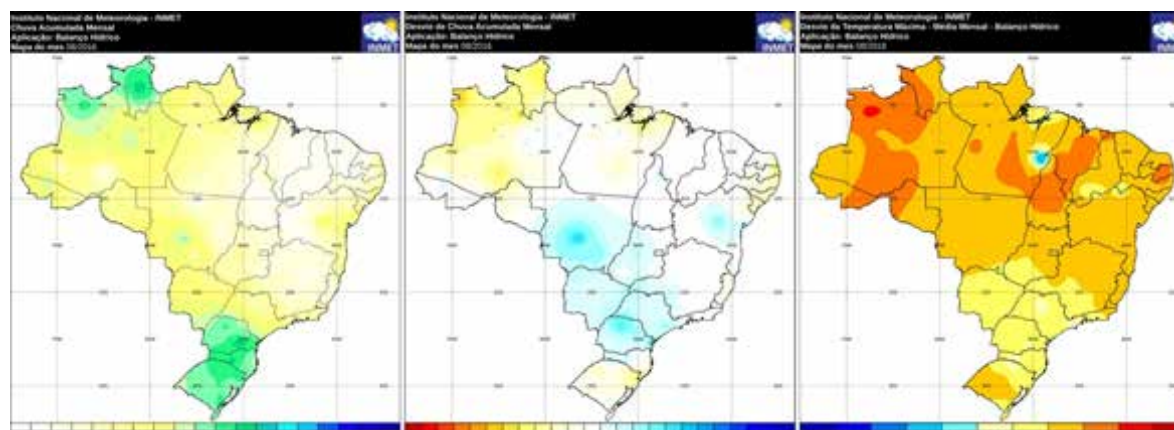
Precipitação de 21 a 31/08/2016



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

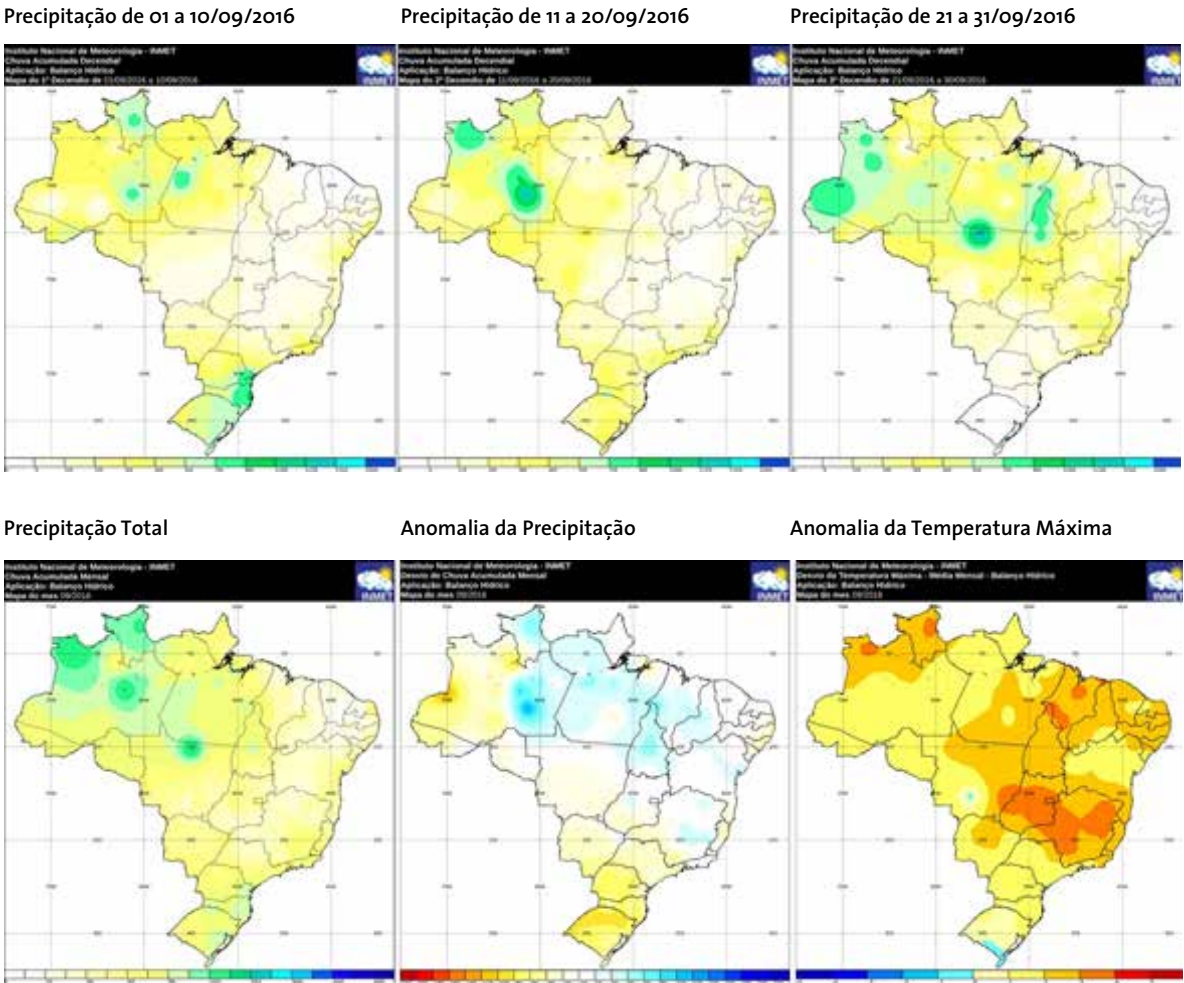
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.

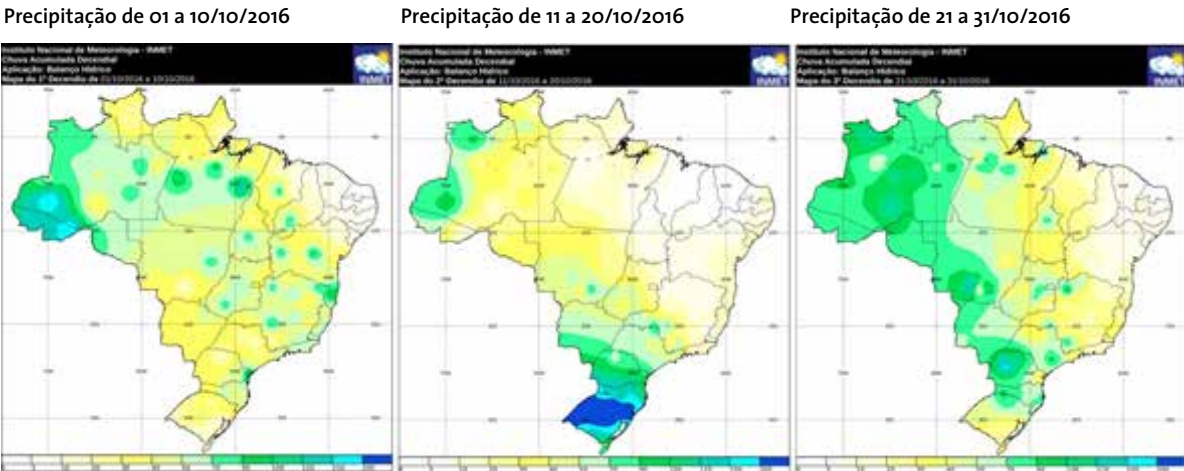


Figura 13 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em setembro de 2016



Fonte: Inmet.

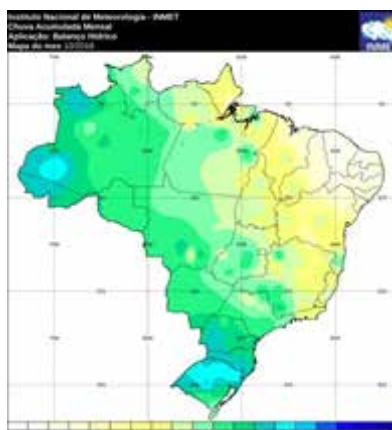
Figura 14 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em outubro de 2016



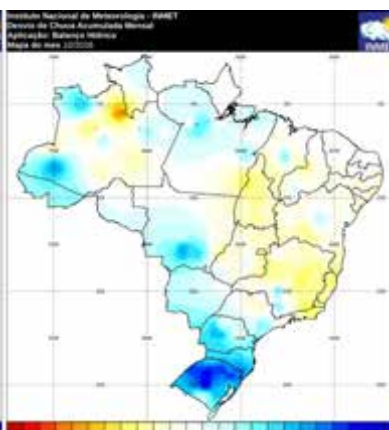
continua



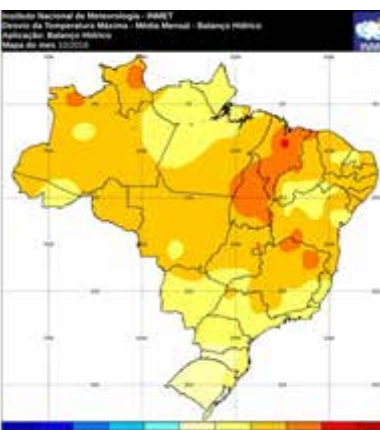
Precipitação Total



Anomalia da Precipitação



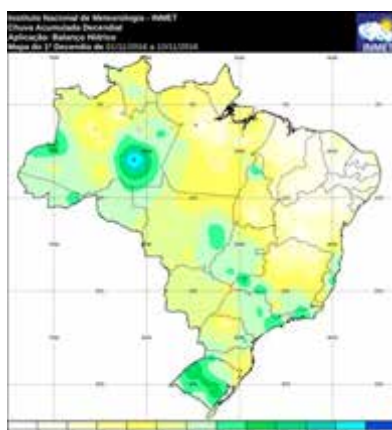
Anomalia da Temperatura Máxima



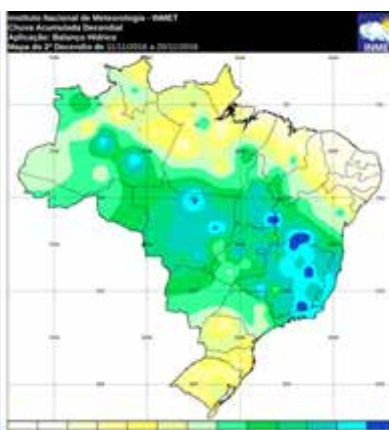
Fonte: Inmet.

Figura 15 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em novembro de 2016

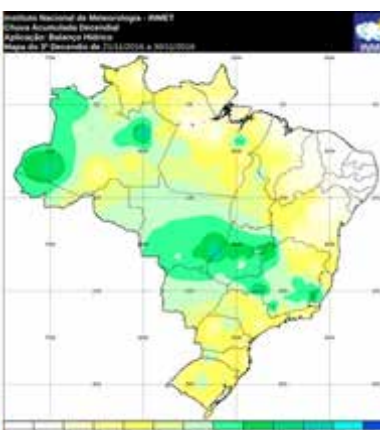
Precipitação de 01 a 10/11/2016



Precipitação de 11 a 20/11/2016



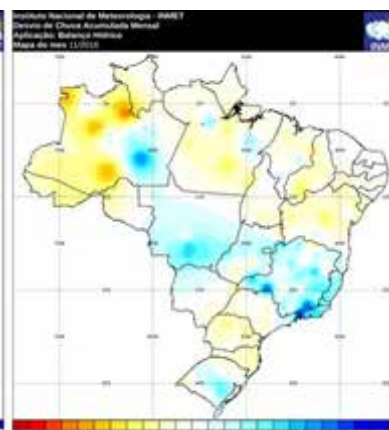
Precipitação de 21 a 31/11/2016



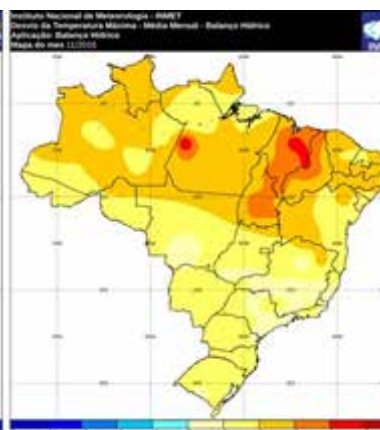
Precipitação Total



Anomalia da Precipitação



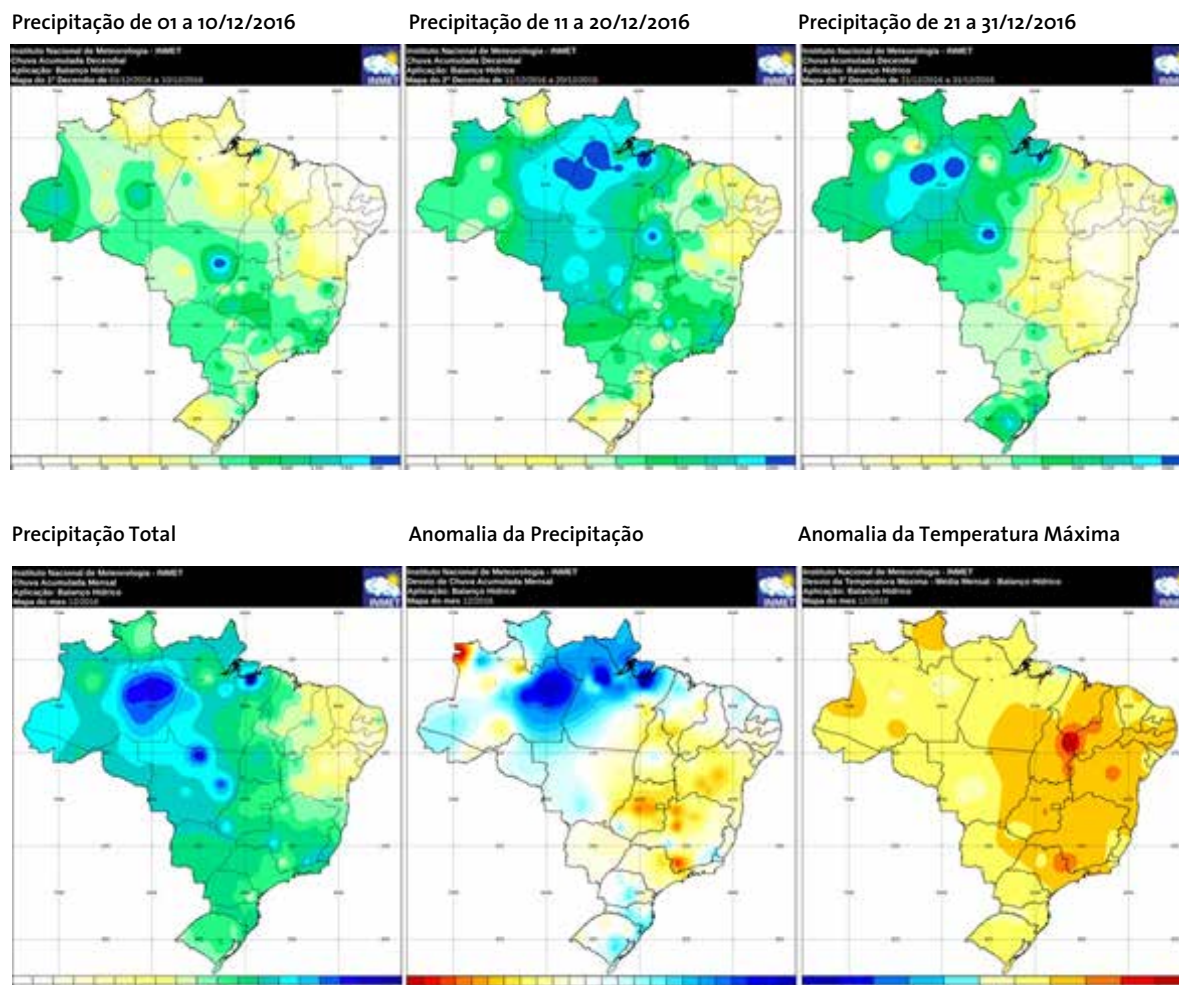
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.

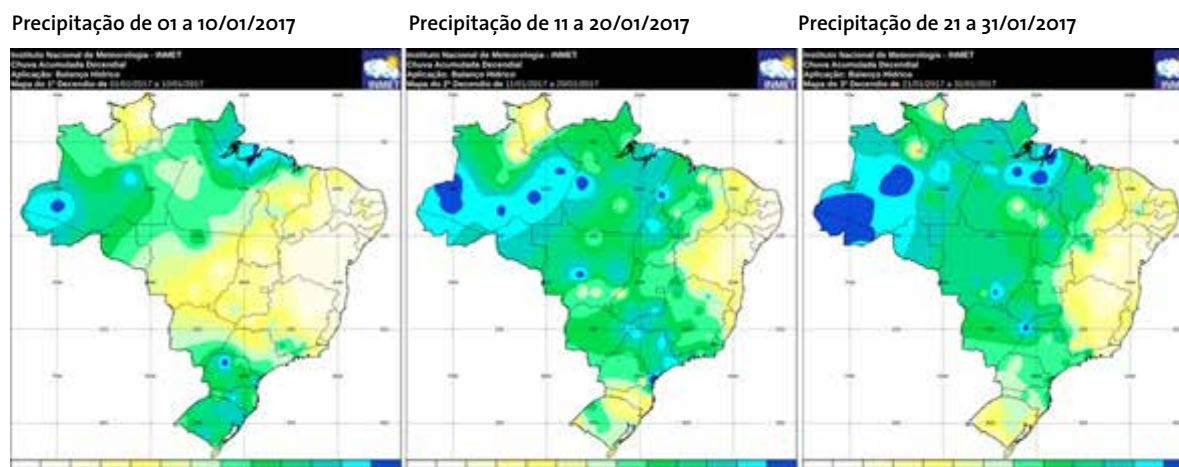


Figura 16 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em dezembro de 2016



Fonte: Inmet.

Figura 17 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em janeiro de 2017



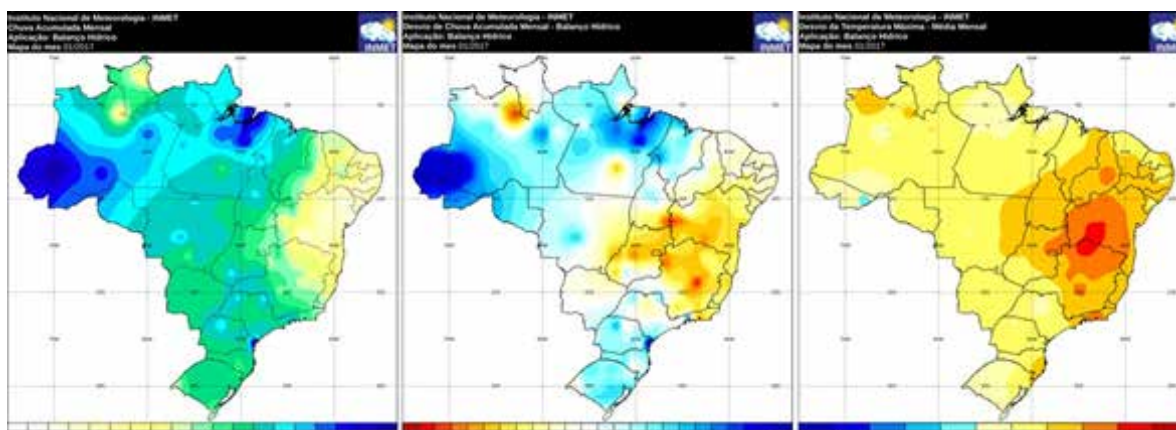
continua



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



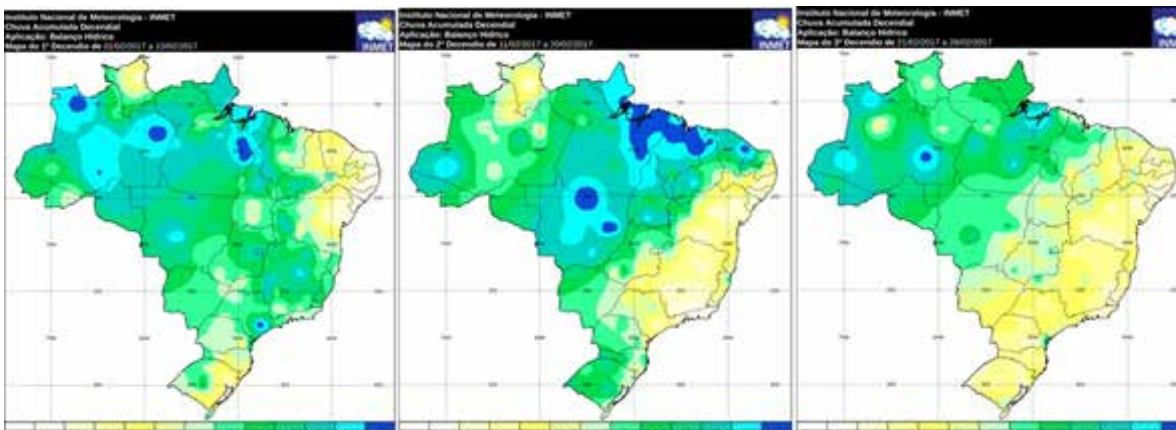
Fonte: Inmet.

Figura 18 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em fevereiro de 2017

Precipitação de 01 a 10/02/2017

Precipitação de 11 a 20/02/2017

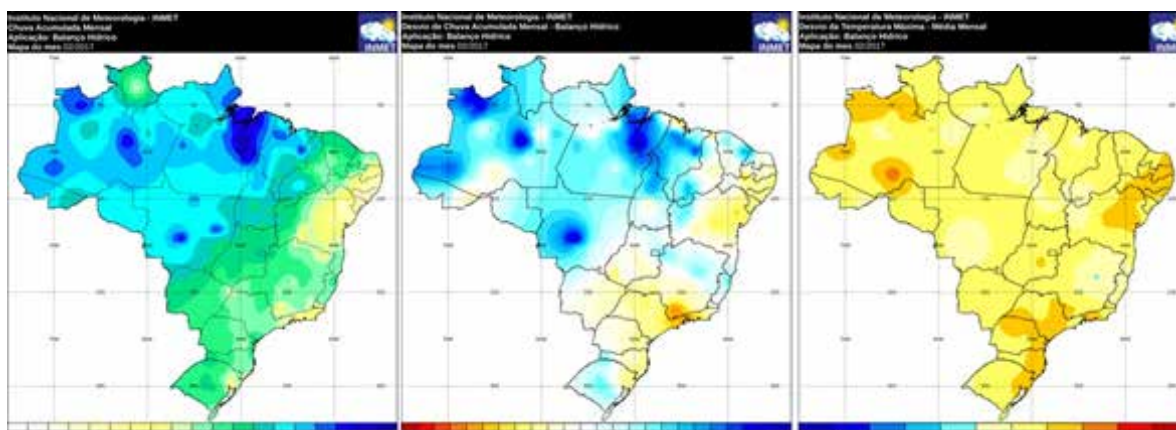
Precipitação de 21 a 31/02/2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

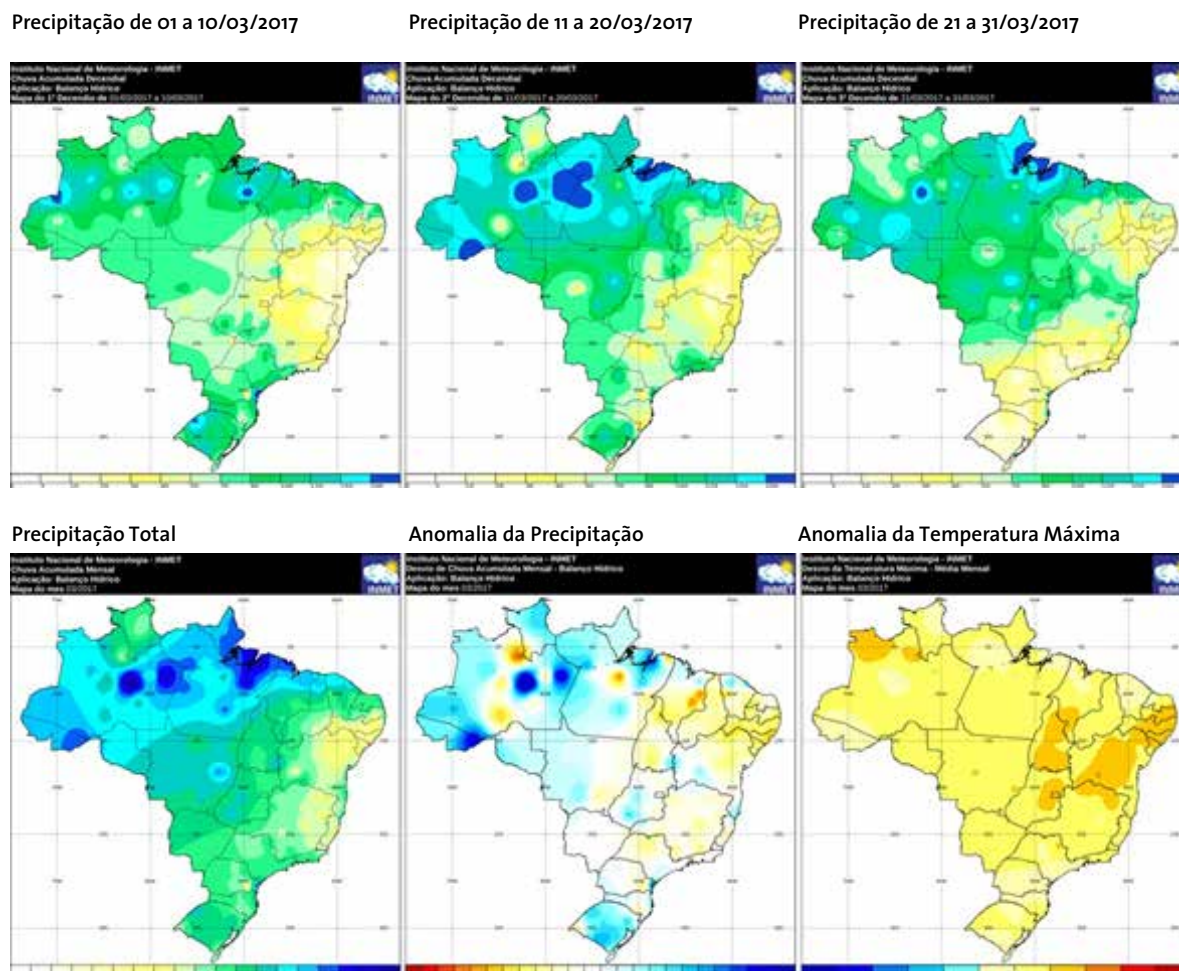
Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.

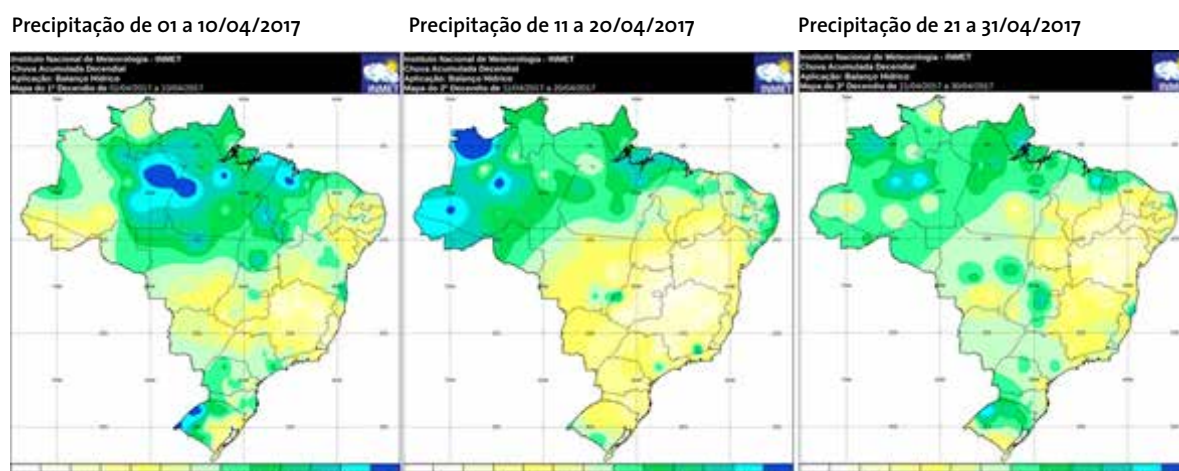


Figura 19 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em março de 2017



Fonte: Inmet.

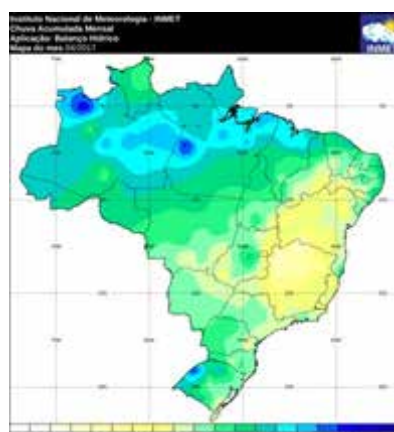
Figura 20 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em abril de 2017



continua



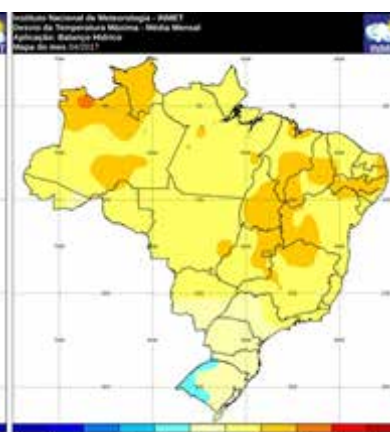
Precipitação Total



Anomalia da Precipitação



Anomalia da Temperatura Máxima



Fonte: Inmet.





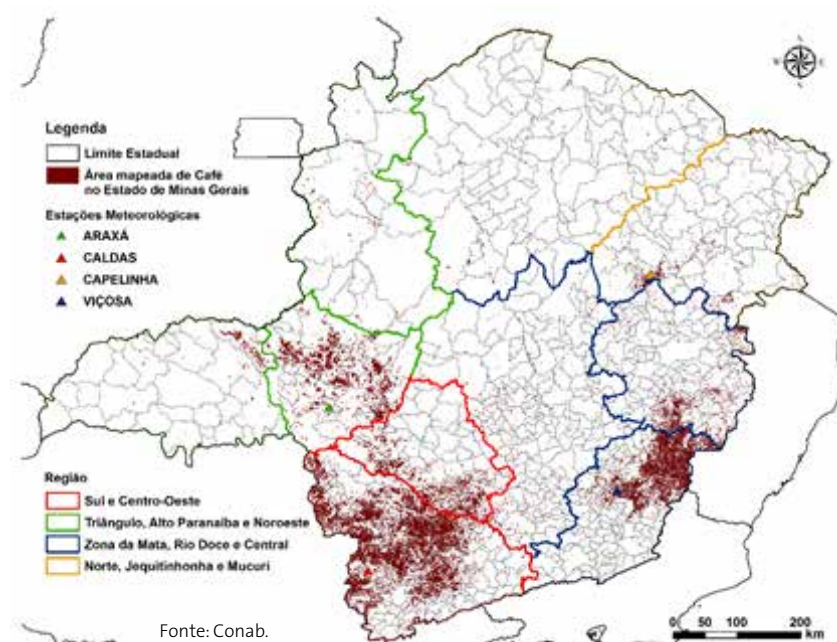
9. AVALIAÇÃO POR ESTADO

9.1. MINAS GERAIS

9.1.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

A Conab já produziu uma série de quatro mapeamentos do café no estado de Minas Gerais, e está fazendo a atualização com base em imagens de 2016 e 2017. O último mapeamento já finalizado é apresentado na Figura 1, com a respectiva divisão das regiões produtoras de café do estado e a localização das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) utilizadas no monitoramento agrícola.

Figura 21 – Mapeamento do café em Minas Gerais



9.1.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Chuvas esparsas ao longo de agosto de 2016 concorreram para promover a recuperação do estágio vegetativo das lavouras nas principais regiões produtoras e para a emissão de uma primeira florada, de modo geral, fraca.

Setembro foi um mês seco, favorecendo a conclusão das atividades de colheita da safra 2016, mas provocando abortamento de flores.

Uma segunda florada, mais forte, ocorreu entre o final de setembro e o início de outubro, com melhor vingamento. A continuidade das chuvas no último trimestre de 2016 favoreceu a formação dos grãos de café, mas o menor crescimento de ramos e o raleamento

das rosetas já permitiam então constatar uma carga bem mais baixa que a da safra anterior, fato já esperado, visto que 2017 é ano de bienalidade negativa em face do estresse das lavouras resultantes da produção recorde alcançada na safra 2016.

A intensidade e duração da estiagem em janeiro foi bastante variável, severa em alguns municípios e branda em outros, mas em todas as regiões as temperaturas se mantiveram bastante elevadas ao longo deste período. Com o avanço da colheita será possível verificar se houve impacto destas condições climáticas sobre a renda do beneficiamento do café. A colheita deve iniciar de forma mais expressiva a partir de meados de maio.

9.1.3. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Os gráficos de precipitação das estações meteorológicas do INMET de Caldas e de Araxá (representantes das regiões Sul e do Alto Paranaíba) mostram chuvas intensas e regulares desde outubro/16 a abril/17, com exceção da 2ª quinzena de dezembro e do mês de janeiro em Caldas. Já na região do Vale do Jequitinhonha (representada pela estação de Capelinha), as chuvas se intensificaram somente a partir do mês de novembro e, assim como na região Norte, manti-

veram-se irregulares durante o período de formação dos grãos.

No Quadro 1, verificam-se as condições para o desenvolvimento da safra atual em todas as regiões produtoras de Minas, definidas a partir da análise dos mapas e dos gráficos do monitoramento agrometeorológico e das informações de campo.

Gráfico 22 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Araxá

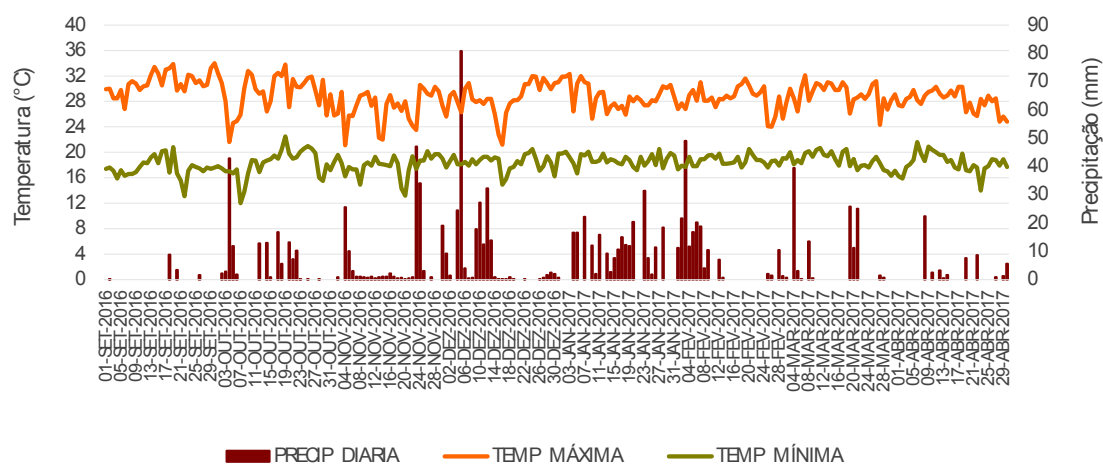


Gráfico 23 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Caldas

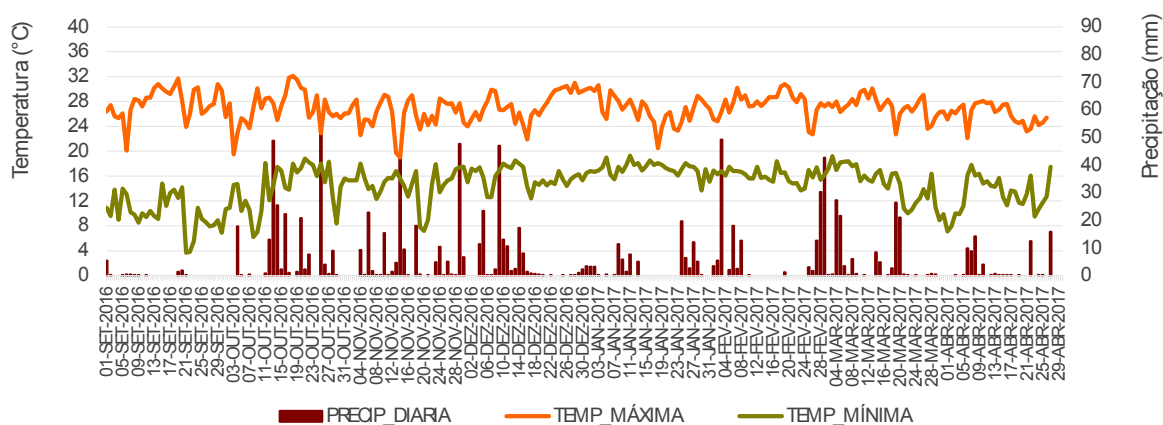


Gráfico 24 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Capelinha

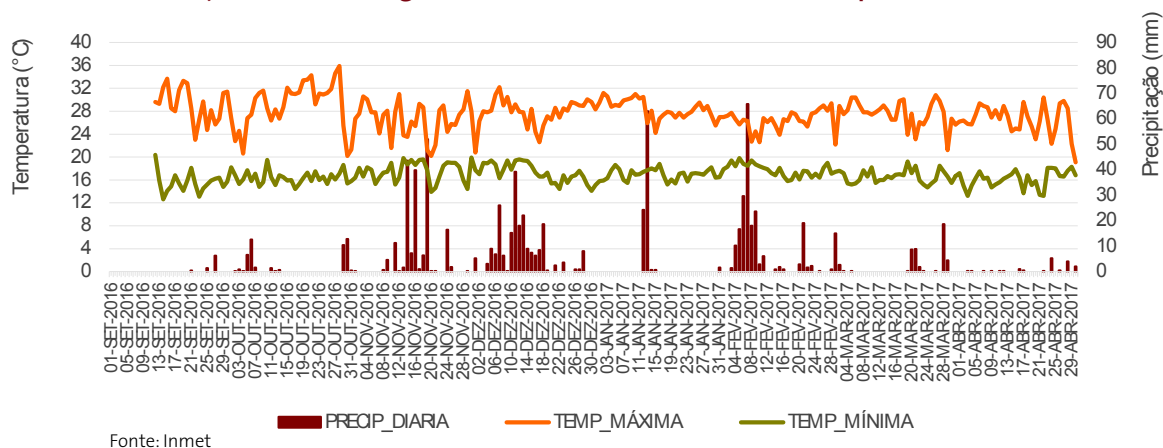
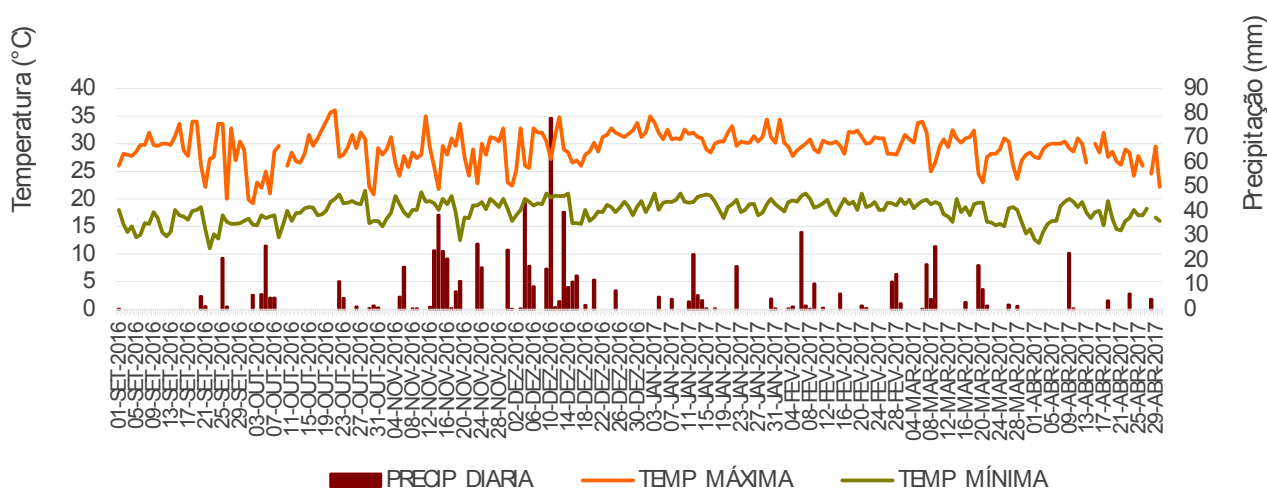


Gráfico 25 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Viçosa



Quadro 1 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Minas Gerais.

Minas Gerais																						
Ano		2016											2017									
Meses		Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	Sul de Minas (Sul e Centro -Oeste)	PV	PV	PV	PV	PV	R	R/F	F	F	F/ CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste)	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F	F/ CH	CH/ EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F	F/ CH	CH/ EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	R	F	F/ CH	CH/ EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** nas lavouras localizadas na região do Rio Doce houve restrição por falta de chuvas e altas temperaturas.

*** houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição geadas
---	--	--	--

9.1.4. SITUAÇÃO DA LAVOURA

O clima apresentou alguns reveses, sob a forma de estiagens, temperaturas elevadas, geadas ou de frio intenso, mas de modo geral, vem conseguindo favorecer a cafeicultura na safra 2017.

As chuvas ocorridas no primeiro trimestre de 2016 concorreram para a recuperação e enfolhamento das lavouras e para o crescimento dos ramos.

As geadas surpreenderam negativamente depois de mais de duas décadas ausentes, estas tiveram um impacto significativo nas áreas mais fortemente atingidas, mas ocorreram, sobretudo, em áreas susceptíveis. Muitas áreas foram afetadas apenas superficialmente.

A conjunção de seca e calor ou umidade e frio contribuíram para a ocorrência de pragas e doenças, como bicho mineiro e mancha de phoma, mas os produtores têm conseguido manter um adequado controle.

O recorde de produção da safra 2016, obviamente, prejudicou os cafezais com o excesso de carga e as lavouras desfolharam muito após a colheita. As podas, sobretudo de esqueletamento (safra zero), foram intensificadas nas áreas mais sentidas, mas nas áreas preservadas a retomada das chuvas viabilizou a recuperação e enfolhamento dos cafezais. Já as lavouras novas e as lavouras que haviam sido esqueletadas na safra anterior se encontram em plenas condições produtivas na presente safra.



O crescimento dos ramos não foi tão bom como esperado, mas as condições climáticas viabilizaram, de modo geral, duas floradas, em agosto e outubro, a primeira mais fraca e com algum abortamento, mas a segunda já bem mais significativa e com melhor vingamento.

Os preços remuneradores, os bons resultados quantitativos da safra 2016 e a redução nos preços dos insumos favoreceram e estimularam maiores investimentos nas lavouras, com vistas à preservação da condição dos cafezais e da carga produtiva da presente safra.

Grande parte dos produtores tem relatado dificulda-

9.1.5. ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

A produção de café em Minas Gerais está estimada em 25.703,2 mil sacas na safra 2017, sendo 25.369,1 mil sacas de café arábica e 334,1 mil sacas de café conilon. A variação percentual é de 2,77% para mais ou para menos.

A área total de café em produção deve totalizar 968.017 hectares, com diminuição de 4,1% em comparação à safra passada

A produtividade média do estado está estimada em

des no controle de broca e também maior incidência de ferrugem tardia, doença que vem requerendo aumento em dosagem e número de aplicações para um controle mais eficiente. Em algumas regiões há problemas mais sérios com cercosporiose do café (*Cercospora coffeicola*) e alguns relatos de bicho mineiro.

As lavouras se encontram em fase de maturação, mas ainda com um percentual relativamente alto de grãos verdes. A colheita foi timidamente iniciada em lavouras de colheita manual e as áreas mecanizadas devem iniciar em meados de maio. Lavouras bem vestidas, com carga relativamente boa para um ano de bienalidade negativa e ainda sem parâmetros para estimativa de renda de beneficiamento.

26,55 sc/ha, 12,8% abaixo do resultado obtido na safra 2016.

Em comparação com a safra 2016, o resultado do presente levantamento sinaliza uma redução da produção cafeeira de Minas Gerais na ordem de 16,34%, pautada principalmente na bienalidade negativa das maiores regiões produtoras do estado, com exceção da Zona da Mata, que apresenta bienalidade invertida com relação ao restante do estado.

Região sul e centro-oeste de Minas

O segundo prognóstico da safra de café 2017 estima uma produção de 13.265,7 mil sacas na região sul e centro-oeste, sinalizando uma tendência de queda de 20,22% em relação à safra recorde de 2016, que fechou em 16.627.710 sacas.

A área total de café está estimada em 642.800 hectares, o que representa um crescimento de 1,7% (ALTERAR OS % POR HA) em relação à safra anterior. Ainda com relação à safra 2016, dados indicam um crescimento significativo de 47,1% (ALTERAR OS % POR HA) na área em formação, estimada em 158.158 hectares, e uma queda de 7,5% (ALTERAR OS % POR HA) na área em produção, estimada em 484.642 hectares, números explicados notadamente pela intensificação das podas realizadas nas lavouras que sofreram mais com os efeitos da alta carga produtiva da safra anterior ou com os danos provocados pela geada nas áreas atingidas com maior severidade. Predominaram as podas de esqueletamento (safra zero), mas, em razão da extensão dos danos, algumas lavouras sofreram podas de recepa. Também tem ocorrido renovação de algumas áreas, motivados pelos bons preços de mercado e pelos bons resultados da última safra, mas, mais uma vez, com limitação na disponibilidade de mudas.

No tocante à produtividade média esperada para 2017 nessa região, as estimativas traçam uma tendência de queda da ordem de 13,7%, passando de 31,72 sc/ha em 2016 para 27,37 sc/ha na atual safra. O ano de 2017 é de bienalidade negativa, vindo de uma safra em que as lavouras que se encontravam em produção apresentaram carga muito alta e uma acentuada desfolha no pós-colheita, com tendência, portanto, de queda em rendimento. As novas lavouras e aquelas podadas em 2015 entram com bom potencial de produção, mas representam uma parcela menor da área produtiva. O crescimento de ramos foi razoável: a primeira florada, mais fraca, ocorrida em agosto, sofreu perdas com a estiagem de setembro; a segunda e mais importante florada ocorreu em outubro e, de modo geral, vingou bem, e constata-se que há um certo raleamento das rosetas, prenunciando uma carga efetivamente inferior à da safra passada. As lavouras, aparentemente enfrentaram bem o período crítico de enchimento de grãos. De modo geral, as lavouras estão em boas condições fitossanitárias, mas têm enfrentado maiores problemas notadamente com broca e ferrugem tardia, e em algumas áreas, também há relatos de cercosporiose e bicho mineiro, apesar da maior preocupação e atenção dos produtores para manter um



adequado controle das lavouras. No tocante à adubação das lavouras, os cafeicultores, de modo geral, investiram mais na presente safra, motivados pela

queda verificada no preço dos fertilizantes, pelos resultados alcançados na última safra e pelos bons preços do mercado de café.

Região do cerrado mineiro

A segunda estimativa de produção de café na região do cerrado mineiro para a safra 2017 é de 4.541,8 mil sacas de 60 quilos, o que representa redução de 38,6% comparativamente à safra anterior. A produtividade média deve apresentar um decréscimo de 33,8%, passando de 40,43 sc/ha em 2016, para 26,76 sc/ha em 2017. A área de café em produção teve redução de 7,3% em relação à safra passada. A área total de café na região está estimada em 214.808 hectares, sendo 169.702 hectares em produção e 45.106 hectares em formação e renovação. Em relação ao levantamento anterior, realizado em dezembro de 2016, a expectativa de redução na produção é de apenas 0,41%. A menor produção de café estimada para a safra 2017 se deve à redução significativa de produtividade em razão do ciclo bienal da cultura, que alcançou produtividade recorde no ano anterior devido às boas condições das lavouras e das condições climáticas favoráveis no decorrer do ciclo produtivo e da redução da área de café em produção na ordem de 7,3% devido às podas realizadas, especialmente “esqueletamentos”, considerando a necessidade de renovação daquelas lavouras que se encontravam bastante depauperadas pela alta carga produtiva do ano anterior, como também naquelas áreas que foram atingidas pela geada no inverno de 2016, embora de ocorrência mais localizada.

Após uma estação seca prolongada, com redução abrupta das chuvas a partir de meados de março de 2016, que concorreu para o elevado índice de desfolhamento das lavouras após o período de colheita, aliada à alta carga produtiva de 2016, que contribuiu para o aumento das podas realizadas, as chuvas voltaram

a ocorrer de forma esporádica a partir de setembro, quando ocorreu uma primeira florada de baixa intensidade (florada de ponteiro). Em meados de outubro, apesar do regime de chuvas ainda se caracterizar pela irregularidade na distribuição e na intensidade, as precipitações foram suficientes para recuperar o nível de água no solo, ensejando a formação da principal florada da safra que deverá ser colhida em 2017 e que foi seguida de uma terceira florada, também de baixa intensidade, registrada no final de outubro e início de novembro. Em novembro, até meados de dezembro, o volume de chuvas superou as médias históricas em diversos municípios da região, favorecendo o enfolhamento das lavouras que se encontravam bastante debilitadas e o desenvolvimento dos frutos que se encontravam em fase de expansão. Os tratos culturais e as adubações, de modo geral, foram realizadas de acordo com a programação. De janeiro a abril de 2017, as chuvas ocorreram de forma bastante irregular, alternando períodos de estiagem nos diversos municípios que compõem a região do cerrado mineiro. Em algumas localidades o déficit hídrico foi mais acentuado, o que poderá afetar a renda do café no benefício pela má formação dos frutos. As temperaturas também estiveram bastante elevadas no período, condição que agravou a incidência de bicho mineiro nas lavouras, trazendo inclusive dificuldades para um controle efetivo da praga. No entanto, as expectativas de produtividade, neste levantamento, foram praticamente mantidas. Espera-se a obtenção de cafés de boa qualidade caso o clima permaneça seco no período de colheita. As lavouras se encontram em fase de maturação.

Região da Zona da Mata/Rio Doce

A produção de café nas regiões da Zona da Mata e Rio Doce, estimada para a safra 2017, é de 7.273,5 mil sacas. Os levantamentos de campo apontam para um aumento da produção em 19,6% quando comparada com a safra anterior. A área em formação reduziu 10,6% com a volta para a produção das áreas podadas em safras anteriores. A área em produção aumentou 4,5%, para 281.700 hectares, quando comparada com a safra passada. A produtividade média cresceu 14,5%, passando de 22,56 para 25,82 sc/ha. Tal expectativa de crescimento da produção deve-se à bienalidade positiva das lavouras, ao aumento da área em produção, à melhora dos tratos culturais, incentivados pela recuperação dos preços do café, às boas floradas ocorridas

na região e às condições climáticas favoráveis durante as floradas e no período pós-floradas. Ressaltamos que a quase totalidade dos municípios visitados aponta para um significativo incremento da produtividade na safra em curso, refletindo o aumento do potencial produtivo dos cafezais da região.

As chuvas de verão tiveram início na Zona da Mata Mineira em meados de setembro de 2016 e se estenderam de forma regular, bem distribuídas e com intensidade dentro das médias históricas de pluviosidade na região, até abril do corrente ano. Tais precipitações induziram a abertura de uma a duas excelentes floradas em todos os municípios visitados. Condições



climáticas favoráveis a partir do período pós-floradas promoveram o pegamento e vingamento das flores e frutos, sem registros de ocorrências de phoma, mumificação e abortamento de flores e frutos acima dos percentuais considerados normais para a cultura, dando início à formação e crescimento dos frutos da safra 2017, bem como, a retomada do desenvolvimento vegetativo dos cafezais.

Na região Leste de Minas, notadamente nas lavouras localizadas em áreas de menor altitude, ocorreu um veranico no período pós florada entre novembro e dezembro, prejudicando o pegamento dos frutos, com impactos na produtividade inicialmente projetada. A partir de meados de janeiro, as chuvas voltaram a ocorrer com maior volume e frequência, contribuindo para o bom desenvolvimento vegetativo e produtivo das lavouras.

Ressaltamos que a safra 2017 ocorre na sequência de uma safra com carga baixa em 2016, sendo, portanto, considerada como safra de bienalidade positiva na quase totalidade dos municípios visitados, em uma condição produtiva inversa às demais regiões produtoras de café de Minas Gerais.

De maneira geral, as lavouras apresentam excelente enfolhamento, sinalizando boas condições vegetativas e nutricionais, sem sinais de infestações de pragas e doenças de maior relevância. Apresentam também

boa carga produtiva com frutos grandes, bem formados e com maturação uniforme, indicando boas perspectivas para a qualidade da bebida e para o rendimento do beneficiamento na safra 2017. Na mesma direção, o bom crescimento das hastes, que alojarão os frutos na próxima safra, sinaliza boas perspectivas de produção para a safra 2018, caso as condições climáticas permaneçam favoráveis.

As boas condições das lavouras refletem o bom regime de chuvas a partir de setembro e a retomada dos tratos culturais incentivados pelos bons preços de comercialização do café nos últimos anos. As boas condições dos cafezais refletem também o retorno de lavouras podadas em safras anteriores e a baixa carga das lavouras na safra 2016 - bienalidade negativa -, requerendo menor dispêndio de nutrientes e energia para suporte da produção.

A colheita teve início na última semana de abril, de forma incipiente e com alta incidência de grãos verdes, concorrendo para a baixa qualidade da bebida colhida. Levantamentos de campo apontam que a colheita da região deverá se estender até outubro nas regiões mais elevadas - microclima de montanha -, com maior concentração em junho e julho. Os cafeicultores já iniciaram os trabalhos de arruação das lavouras e manutenção dos carreadores, terreiros, tulhas e secadores, com vistas ao início efetivo da colheita prevista para meados de maio.

Regiões Norte de Minas e Jequitinhonha e Mucuri

Em virtude do comportamento do clima, com o registro de chuvas a partir do final de setembro, que se mantiveram regulares de outubro até meados de dezembro, as previsões acerca da safra de café no ano de 2017 é de contido otimismo por parte de informantes e de técnicos do setor, assim como de produtores. Em municípios como Capelinha e Angelândia, a abertura de pelo menos duas floradas sem registro de abortamentos até novembro e ocorrência de boas floradas em vários outros municípios, a melhoria do manejo, com o maior número de adubações, são fatores que justificam a projeção de crescimento da produtividade em 2017 se comparada com os números da safra anterior.

Neste levantamento, nas regiões Norte de Minas, Jequitinhonha e Mucuri, estima-se uma pequena redução das áreas em produção em torno de 1,9%, passando de 32.592 hectares em 2016, para 31.972 hectares na safra 2017. Quanto à produção, estima-se que será maior, em torno de 1,5%, saindo de 612,9 mil sacas em 2016 e alcançando 622,3 mil sacas em 2017. Essa elevação da produção é explicada principalmente pela expectativa de aumento da produtividade que deve ser de 19,46 sc/ha, um aumento de 3,5% em relação à safra 2016. E em razão do aumento estimado das áreas em formação, decorrente, especialmente, do crescimento das áreas em recuperação e das novas áreas plantadas, que juntas apresentaram um crescimento em torno de 15,7% estimados para a safra 2017.



9.1.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estimativas de produção da safra 2017 ainda não são definitivas, mas as condições climáticas vigentes até agora permitem traçar expectativas de resultados razoáveis para um ano de bienalidade negativa, embora ainda haja preocupação com os resultados na renda do beneficiamento do café.

Trata-se do segundo, de quatro levantamentos, e a expectativa é de uma retração de 16,3% na produção. Pelas estimativas iniciais, este resultado decorre, em parte, da redução de 4,1% estimada na área em produção, mas sobretudo da projeção de queda de 12,8% na produtividade.

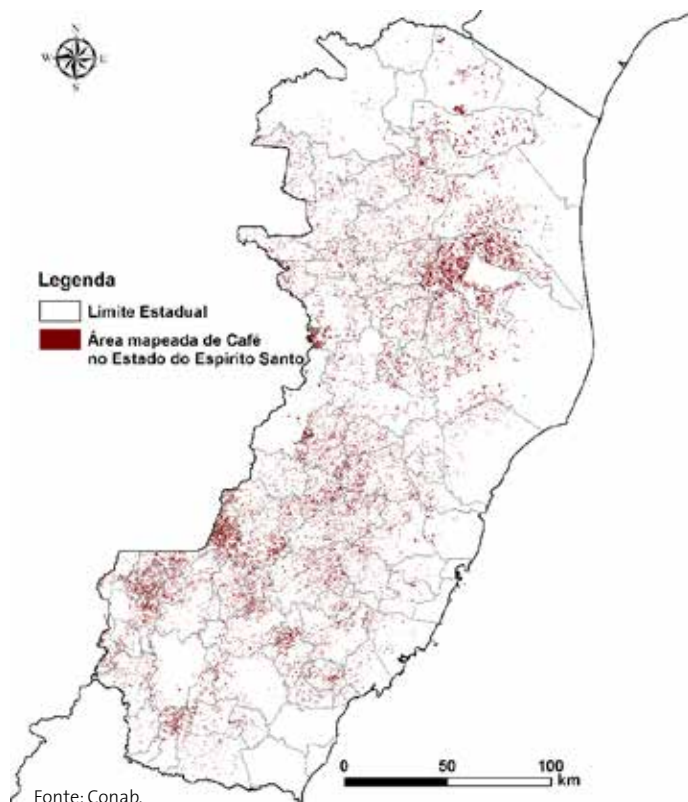
A queda na área pode ser explicada pela intensificação das podas realizadas em 2016, que superaram a entrada de novas áreas em produção, que são aquelas plantadas em 2014 ou aquelas esqueletadas em 2015. No tocante à produtividade média projetada, apesar do clima relativamente favorável, o crescimento de ramos produtivos não foi muito bom, as floradas foram razoavelmente boas, mas a primeira sofreu abortamento em decorrência da estiagem de setembro, as rosetas estão mais ralas, e há, ainda, riscos de impacto da estiagem de janeiro na granação do café.

9.2. ESPÍRITO SANTO

9.2.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O mapeamento do café no estado do Espírito Santo é apresentado na Figura 22.

Figura 22 – Mapeamento do café no Estado do Espírito Santo



Nos Quadros 2 e 3, verificam-se as condições para o desenvolvimento da safra atual nas regiões produtoras de café conilon e arábica do Espírito Santo, defini-

das a partir da análise dos mapas do monitoramento agrometeorológico e das informações de campo.



Quadro 2 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café conilon no Espírito Santo.

Espírito Santo																					
Ano	2016											2017									
Meses	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** maior concentração na região norte.

Favorável
Baixa restrição falta de chuva
Média restrição falta de chuva
Baixa restrição geadas

Quadro 3 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café arábica no Espírito Santo.

Espírito Santo																					
Ano	2016											2017									
Meses	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** maior concentração na região sul.

Favorável
Baixa restrição falta de chuva
Média restrição falta de chuva
Baixa restrição geadas

9.2.2. ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

A produção na segunda estimativa de safra cafeeira de 2017 no Espírito Santo será de 8.795 mil sacas. Esse total é oriundo de uma área em produção de 385.538 hectares. O levantamento indica uma produtividade média de 22,81 sc/ha.

Comparado à safra de 2016, verifica-se o decréscimo de 1,9% na produção, redução de 6% na área em produção e aumento de 4,3% da produtividade. Diferen-

temente dos anos anteriores, em que as lavouras de café conilon sofreram com as condições climáticas desfavoráveis, nessa safra as chuvas vieram entre dezembro de 2016 e fevereiro de 2017, gerando grandes mudanças nas lavouras de café conilon que, atualmente, passam por intenso processo de expansão de frutos, aumentando a produtividade média do estado, mesmo com bialidade negativa nas lavouras de café arábica para essa safra.

Figura 23 - Café pré-colheita em Marilândia.



Fonte: Conab.



9.2.3. CAFÉ CONILON

A estimativa da safra 2017 é de produção de 5.887 mil sacas, acréscimo de 16,9% em relação à última safra, obtida em uma área de produção de aproximadamente 235.415 hectares. O levantamento indica produtividade média de 25,01 sc/ha.

As lavouras de conilon vêm de um grande desgaste nas últimas três safras, refletindo em muita desfolha e baixo crescimento de ramos. A partir do final de 2016, as condições climáticas nas regiões produtoras de conilon do Espírito Santo melhoraram. Em razão

da adaptação, associada ao uso de tecnologias e empreendedorismo do produtor, as lavouras de conilon estão passando por um processo de recuperação da seca e de revigoramento, com resposta positiva na produção da safra em 2017.

As lavouras de café conilon no Espírito Santo vêm sendo renovadas e revigoradas na ordem de 7% a 8% ao ano, sobre novas bases tecnológicas com variedades clonais mais produtivas, nutrição adequada, poda, irrigação e manejo de pragas e doenças.

9.2.4. CAFÉ ARÁBICA

Para o segundo levantamento da safra 2017 de café arábica, a produção no Espírito Santo é estimada em 2.908 mil sacas, 26% inferior à produção de 2016, que foi de 3.932,1 mil sacas. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 150.123 hectares, com produtividade média de 19,37 sc/ha.

O decréscimo de 26,1% na produtividade em relação à safra de 2016 é atribuído ao efeito da bienalidade acentuada, que é normal em plantações de café arábica, e ao efeito da seca em parte das regiões produtoras.

Assim, o decréscimo significativo estimado na produção da safra 2017 em relação ao ano anterior, pode ser atribuído à alta produção da safra 2016, onde o efeito da bienalidade influenciou na safra atual, e ao déficit hídrico e à má distribuição de chuvas, sobretudo, na região sul, em Caparaó, área localizada entre 500 e 700 metros de altitude e que corresponde a 40% do café arábica do Espírito Santo, que provocou desfolhas nas lavouras, interferências no crescimento da planta e floração e, consequentemente, na quantidade

de e desenvolvimento dos frutos.

O parque cafeeiro de arábica no estado se encontra, em média, envelhecido. Há necessidade de acelerar o processo de renovação. Há dificuldades na renovação e revigoramento de lavouras e de realizarem adequadamente adubações, tratos culturais e fitossanitários.,

9.2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seca e falta de água para irrigação, associadas às altas temperaturas, nos últimos três anos, interrompeu uma sequência contínua de aumento de produção dos cafés no Espírito Santo, reduzindo assim, a produção geral do estado. As consequências da seca levaram muitos produtores a efetuarem podas drásticas nas lavouras e desacelerarem o programa de renovação de suas plantações, consequentemente, houve redução de 9,5% na área em produção do café conilon do estado. Em geral, os frutos nas lavouras se encontram em fase final de maturação.

Figura 24 - Café arábica, em Ibatiba.



Fonte: Conab.



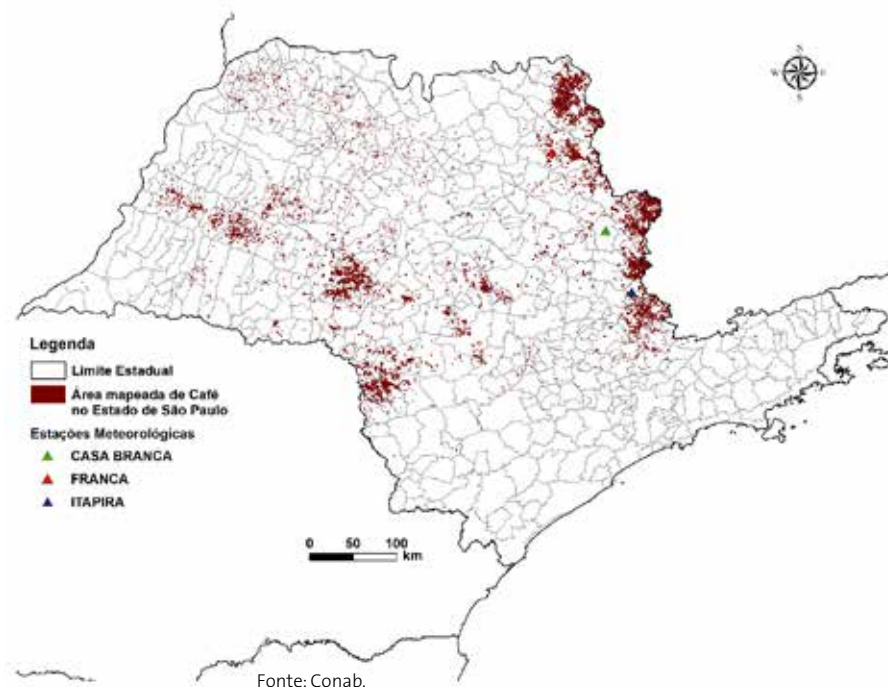
9.3. SÃO PAULO

9.3.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No estado de São Paulo, foram realizados três mapeamentos do café. O mais atual é apresentado na Figura 1, com a localização das estações meteorológicas do

Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) utilizadas no monitoramento agrícola.

Figura 25 – Mapeamento do café no Estado de São Paulo



9.3.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas estão se mantendo favoráveis à cultura do café. As precipitações pluviométricas, a partir de fevereiro de 2017, foram de baixa intensidade, porém bem distribuídas, o que tem permitido um bom acúmulo de umidade no solo em praticamente todas as regiões produtoras do estado paulista.

Outro fator positivo são as baixas temperaturas que envolvem São Paulo, nessas últimas semanas, as quais têm se tornado bastantes positivas para a manutenção da umidade do solo. Cerca de 20% do café se encontra em frutificação, 77% em maturação e 3% já foi colhido.



9.3.3. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Os gráficos das estações meteorológicas do INMET mostram que as estações meteorológicas localizadas mais próximas às áreas mapeadas de café (Itapira e Franca) registraram chuvas regulares e intensas desde outubro/16 a abril/17. Já em Casa Branca, choveu menos e houve longos períodos de estiagem. No entanto, essa condição foi pontual, pois não foram levantados

em campo prejuízos significativos a lavouras de café.

No Quadro 4, verificam-se as condições para o desenvolvimento da safra atual em São Paulo, definidas a partir da análise dos mapas e dos gráficos do monitoramento agrometeorológico e das informações de campo.

Gráfico 26 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo - Franca

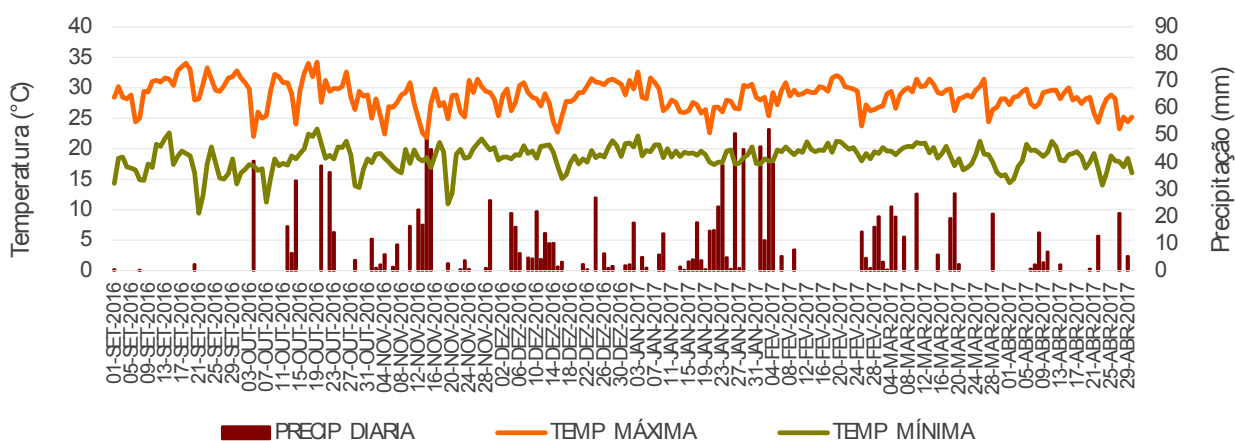


Gráfico 27 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo - Itapira

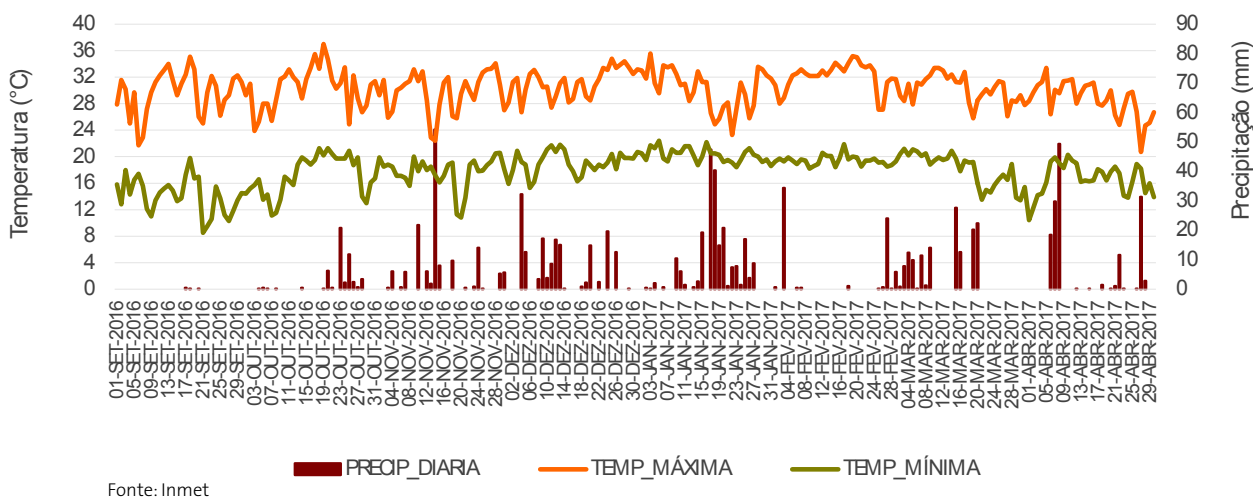
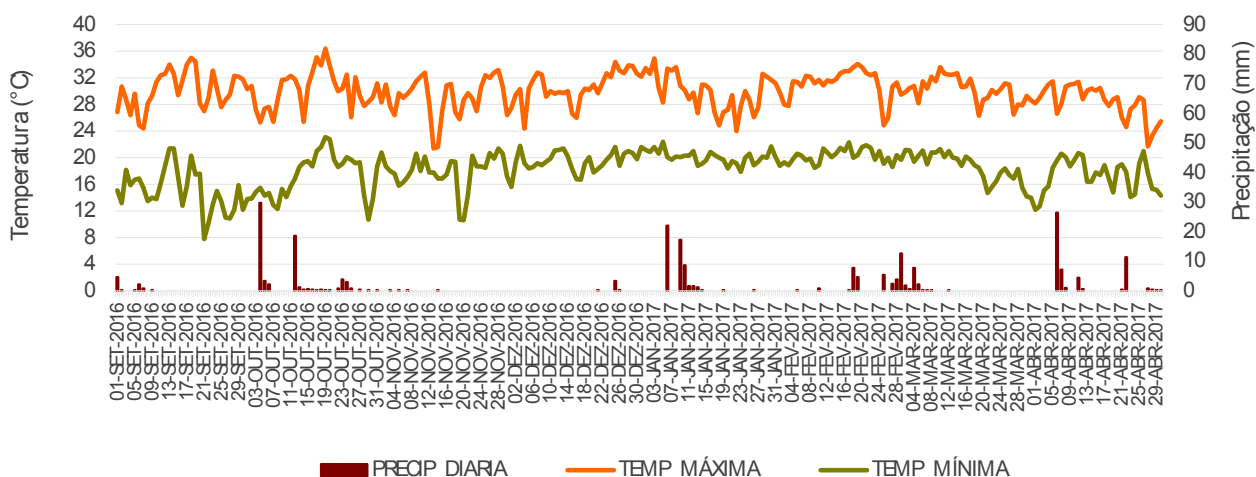


Gráfico 28 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo - Casa Branca



Quadro 4 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em São Paulo.

São Paulo																
Ano	2016							2017								
Meses	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	PV	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** nas lavouras localizadas ao sul do estado, houve condição favorável

*** impactos pontuais por excesso de chuva

**** restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição geadas
--	--	--	--

9.3.4. PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Este levantamento sinaliza que em São Paulo deverá haver uma redução expressiva na produtividade da safra atual. Os dados consolidados apontam para queda na produtividade de 27,13% e de 27,46% na pro-

dução, ou seja, uma redução de 1.656,3 mil sacas de café beneficiadas de 60 quilos, quando comparada ao ano anterior.

Figura 26 – Café em produção em Franca/SP



Fonte: Conab.



9.3.5. CONDIÇÕES DA CULTURA

Plantas malnutridas e estressadas pela carga alta da safra anterior, também afetadas pelas geadas no meio do ano passado, deverão acarretar significativa redução na produção desta safra, conforme demonstrado nos quadros acima.

A cafeicultura é muito conhecida pela característica de safras altas alternadas com safras baixas, que são os ciclos bienais de produção de café. Esses ciclos diminuem a oferta do produto, exigindo estocagem e carregamento de uma safra para outra.

Outro fator agravante para esta safra em andamento

é que muitas lavouras já são consideradas muito antigas, com espaçamentos pouco usuais, com necessidades de renovação, novos plantios, bem como novas variedades, mais produtivas e resistentes à infestação de pragas.

Entretanto, devido ao setor estar mais capitalizado, o produtor tem investido em novas tecnologias, o que tem contribuído para uma melhor recuperação das plantas bastante estressadas, que vem de um ciclo de alta produção, o que deverá minimizar a redução da produção da presente safra, se comparada às previsões iniciais.

Figura 27 – Café em produção em Ribeirão Preto/SP



Fonte: Conab.

9.3.6. PODAS

O segmento cafeicultor paulista, aproveitando que esta safra é de ciclo de baixa produção, em face da bienalidade negativa, implementou aproximadamente 30% de podas em suas lavouras. Isso significa que teremos safra zero nesse percentual de lavouras que passaram por esse processo, as quais voltarão a produzir na safra seguinte (2018).

Nas lavouras muito antigas, os ramos perdem a capacidade de suprir as condições essenciais para uma boa floração, comprometendo, dessa forma, a produ-

tividade das lavouras.

Assim, o objetivo da poda é recuperar ou manter a estrutura reprodutiva (ramos) dos cafeeiros e, assim, melhorar a produtividade, o que compensa o aumento dos custos de produção.

Além de melhorar a estrutura produtiva das plantas, a poda também traz outros benefícios, como a redução da altura delas, abertura de espaçamento, facilitação da colheita, entre outras práticas



9.3.7. BROCA DO CAFÉ

Essa praga, de difícil controle, tem causado transtorno aos produtores de café. Após penetrar o fruto, o inseto abre galerias para se alimentar, possibilitando, também, a infecção por fungos, que provocam o apodrecimento dos frutos. Os grãos de café brocados apresentam-se perfurados total ou parcialmente na parte interna do grão. Conforme informações obtidas

juntos ao segmento, essa praga está sob controle em grande parte das regiões produtoras do estado paulista. O produtor, mais capitalizado, em razão de bons preços obtidos nas últimas safras, não tem poupado esforços e recursos para um efetivo combate a essa praga.

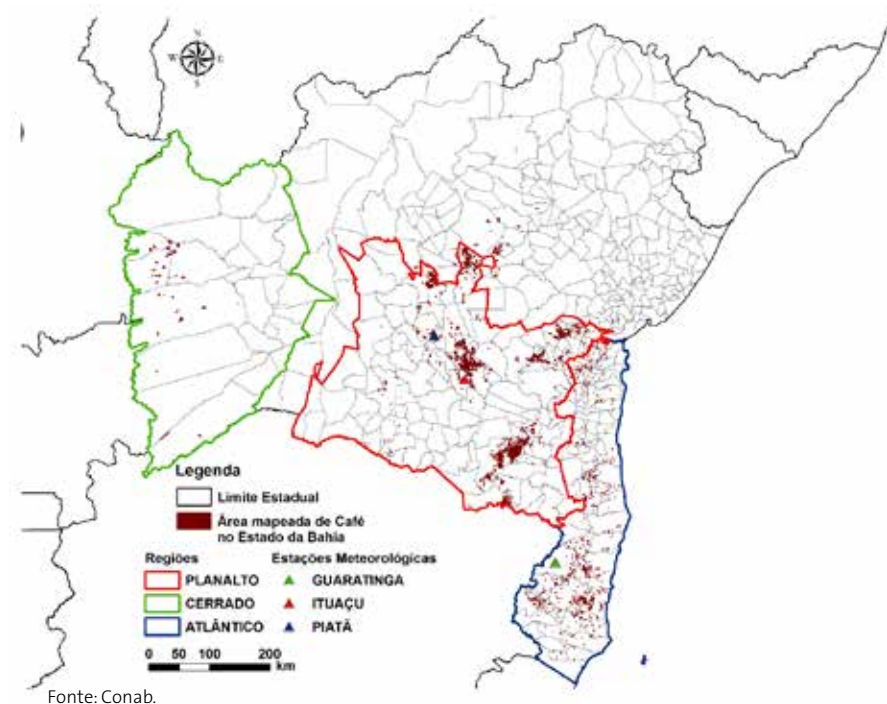
9.4. BAHIA

9.4.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O mapeamento do café no estado da Bahia é apresentado na Figura 1, com a respectiva divisão das regiões produtoras de café e a localização das estações me-

teorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) utilizadas no monitoramento agrícola.

Figura 28 – Mapeamento do café na Bahia



9.4.2. CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES PRODUTORAS

A cafeicultura da Bahia segue a característica do agro-negócio baiano, com a estratificação do perfil dos produtores quanto ao emprego da tecnologia disponível no mercado agrícola. Há produtores cujo o cultivo é irrigado, com colheita e operações agrícolas estritamente mecanizadas e, também há produtores que mecanizam algumas etapas das práticas agrícolas e outros produtores que empregam o uso da agricultura familiar, com reduzida mecanização.

A grande variação nas características abrange também os aspectos edafoclimáticos, havendo cultivos

em região de litoral, região de elevada altitude, região de caatinga e região de cerrado.

Com essas diferentes características é possível produzir cafés de bebida estritamente mole a cafés de bebida dura, com produtividades variando de 2 a 50 sc/ha.

A região produtora, denominada de atlântico, está localizada na Mesorregião Sul, fronteira com o Espírito Santo e banhada pelo Oceano Atlântico. A produção se baseia no cultivo de café conilon em condição de sequeiro, com poucas áreas irrigadas, favorecido pela



baixa altitude e com chuvas distribuídas ao longo do ano.

A região produtora, denominada de cerrado, está localizada na Mesorregião Extremo Oeste. A produção se baseia no cultivo de café arábica em condição irrigada, favorecida pelos solos profundos. As chuvas predominantes ocorrem na primavera e verão, e as temperaturas típicas de ambientes tropicais criam condições para produção de cafés bebida dura e mole

9.4.3. PRODUÇÃO

A produção de café para esta safra, na Bahia, está estimada em 2.852 mil sacas beneficiadas, sendo 1.014,3 mil sacas da espécie arábica e 1.837,7 mil sacas da espécie conilon. A área total cultivada (em produção e em formação) está estimada em 152.540 hectares.

Comparando a safra atual com a passada, a área cul-

A região produtora, denominada de planalto, está localizada na Mesorregião Centro-Sul e Centro-Norte. A produção se baseia no cultivo de café arábica em condição de sequeiro, com poucas áreas irrigadas. As chuvas predominantes ocorrem na primavera e verão, e a produção é favorecida pelo clima de altitude, com temperaturas amenas, que criam condições para produção de cafés de alta qualidade.

tivada sofreu redução de 5,9%, sendo a cultura do café substituída pela lavoura de grãos, de fruteiras tropicais e pastagens. As estimativas apontam para o crescimento de 45,3% dos rendimentos e 36,2% da produção, esta elevação é atribuída à recuperação das lavouras de café conilon.

9.4.4. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Diversos fatores influenciam a produtividade e a qualidade do grão de café produzido, e os elementos climáticos possuem grande relevância neste aspecto, destacaremos a importância de precipitação, temperatura máxima e mínima.

Estudos da Embrapa (2009) demonstram que as temperaturas médias entre 18 e 22 °C e precipitações

entre 600 e 1500 mm configuram ambientes propícios para a produção do café, obtendo-se as melhores qualidades de bebida em ambientes mais frios, cuja a maturação dos frutos é mais lenta. Temperaturas acima 26 °C aceleram o ciclo reprodutivo, antecipando a maturação dos frutos e acima de 30 °C prejudicam o desenvolvimento dos botões florais, provocando má formação dos frutos e aborto de flores e frutos novos.

Atlântico

Caracterizada pelo cultivo do café conilon em baixa altitude e em região litorânea, a safra foi influenciada positivamente pelo regime hídrico dos últimos meses. Houve precipitações da ordem de 50 a 250 mm mensais entre agosto de 2016 e abril de 2017, com estiagem em janeiro. As chuvas ocorridas permitiram que

as plantas se recuperassem da depauperação fisiológica ocorrida na safra 2015 devido aos baixos índices pluviométricos ocorridos naquela safra. As florações ocorridas em dezembro e janeiro foram bastante intensas e a frutificação muito vigorosa, gerando expectativas de elevada produtividade.

Figura 29 - Lavoura de café conilon com ótimo desenvolvimento no município de Teixeira de Freitas/BA, abril de 2017



Fonte: Conab.



Figura 30 - Lavoura de café conilon com ótimo desenvolvimento no município de Teixeira de Freitas/BA, abril de 2017



Fonte: Conab.

A temperatura máxima registrada está em torno dos 32 °C na maioria dos meses, havendo uma elevação para cerca de 36 °C em janeiro. No entanto, apesar de causar preocupação aos produtores, não houve rela-

tos de problemas fisiológicos. As temperaturas mínimas registradas estão em torno de 16 °C entre agosto e outubro e em torno de 20 °C nos demais meses.

Cerrado

Caracterizada pelo cultivo do café arábica em condição de irrigação e intensa mecanização, a safra foi influenciada negativamente pelo clima. Na Figura 1 observamos nos mapas a indicação de precipitação que, de agosto a outubro, foram insignificativas e aliadas a temperaturas superiores a 36 °C e à baixa umidade do

ar depauperaram fisiologicamente as plantas de café, que tiveram uma floração abaixo do desejado. Com a chegada das chuvas a partir de novembro e com a regularidade hídrica nos meses seguintes houve boa granação dos frutos, apresentando boa qualidade.

Planalto

O baixo volume de chuvas registrado de agosto a janeiro influenciou negativamente o desenvolvimento vegetativo, a floração e a frutificação. As chuvas ocorridas de fevereiro a abril estimularam a floradas tardias, o que deve alterar o calendário de colheita na região, e afetou positivamente o enchimento dos grãos verdes.

Algumas microrregiões como a de Brejões, muito afetadas pela severidade das estiagens por várias safras,

têm as lavouras de café erradicado, dando lugar ao cultivo de culturas anuais e pastagem. Estima-se a erradicação de cerca de 7.000 hectares em toda a região do planalto.

Devido ao clima de altitude, as temperaturas mínimas ficam inferiores aos 16 °C, mesmo nos meses de verão. Este ambiente com baixas temperaturas favorece a obtenção de cafés de qualidade de bebida superior, favorecendo principalmente os cultivos irrigados.



9.4.5. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Os gráficos das estações meteorológicas do INMET mostram precipitações mais regulares e intensas em Guaratinga, localizada na região do Atlântico. Em janeiro, no entanto, as chuvas foram escassas e as temperaturas (mínima e máxima) mantiveram-se elevadas na região. Já em Ituaçu e Piatã (região do Pla-

nalto), além de chover menos, houve períodos longos de estiagem, desde a floração à granação dos frutos. No Quadro 5, verificam-se as condições para o desenvolvimento da safra atual na Bahia, definidas a partir da análise dos mapas e dos gráficos do monitoramento agrometeorológico e das informações de campo.

Gráfico 29 – Estações meteorológicas do Inmet na Bahia - Guaratinga

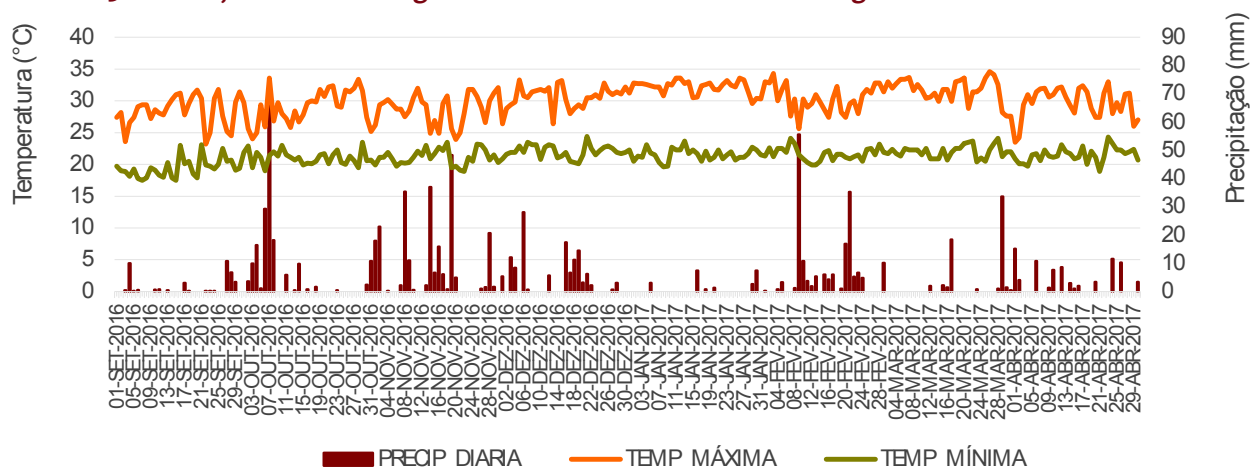


Gráfico 30 – Estações meteorológicas do Inmet na Bahia - Ituaçu

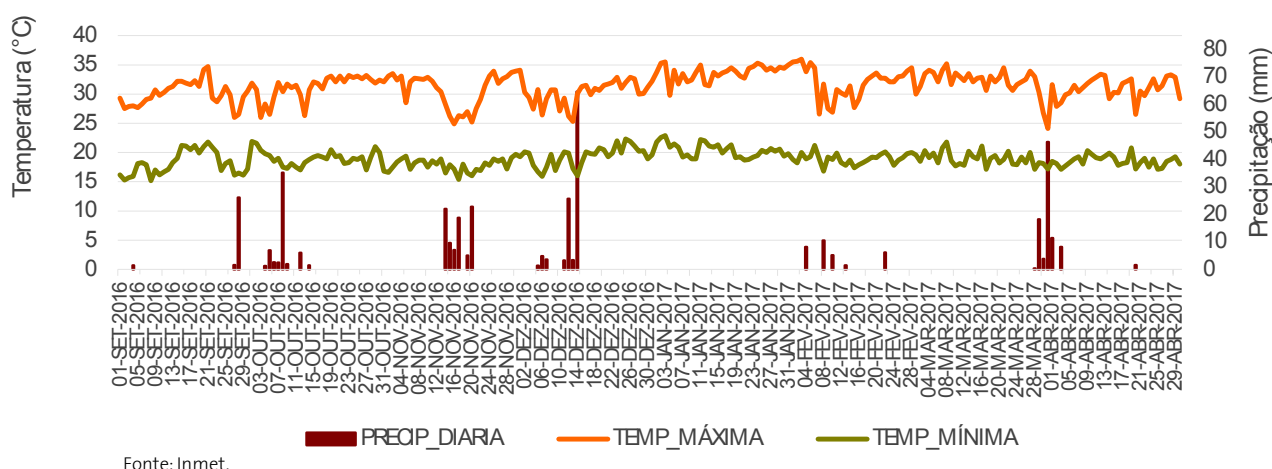
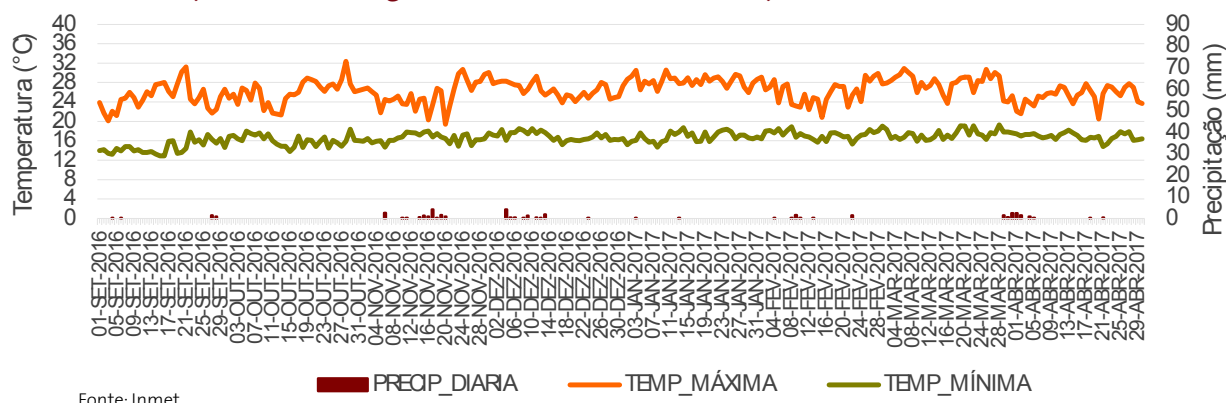


Gráfico 31 – Estações meteorológicas do Inmet na Bahia - Ituaçu - Piatã



Quadro 5 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café na Bahia.

Bahia																					
Ano	2016											2017									
Meses	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	Cerrado**	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Planalto	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	R	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Atlântico	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	R	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.
 ** região irrigada.
 *** impacto por altas temperaturas.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva

9.4.6. ASPECTOS FITOSSANITÁRIOS

Atlântico

Os tratamentos fitossanitários recomendados foram bem executados pelos produtores, minimizando assim os danos causados pela ferrugem que é uma doença fúngica severa para as regiões de conilon. Os insetos foram bem monitorados e as intervenções para a redução do dano econômico foram bem aplicadas.

A infestação do ácaro vermelho foi acima do espera-

do, demandando atenção por parte dos produtores, porém o controle químico foi eficiente.

Não foram registradas incidências da broca do fruto até o momento, mas com a maturação dos frutos os riscos são grandes, assim o monitoramento pelos produtores e técnicos é constante e deve ser mantido.

Cerrado

A infestação do bicho mineiro está sobre controle, e o clima com chuvas regulares favoreceram o manejo. Com o fim da estação chuvosa há receio do aumento de infestação e para o eficiente controle químico,

os produtores repetem as aplicações de inseticidas em períodos inferiores a 21 dias. A grande infestação ocorrida durante a estiagem em 2016 comprometeu a produtividade em muitos produtores.

Planalto

A irregularidade das precipitações e as altas temperaturas potencializam a vulnerabilidade das plantas e permitem a ocorrência de fungos e bactérias. Observou-se a incidência do bicho mineiro em lavouras

da microrregião de Vitória da Conquista. No entanto, convive-se com este problema fitossanitário através da utilização de controle químico, sem danos econômicos significativos.

9.4.7. SITUAÇÃO DA LAVOURAS

Atlântico

Impulsionado pela regularidade hídrica dos últimos meses em toda a região, estima-se a produção de 1.837,46 mil sacas de café em 45.521 hectares.

Com o empenho e especialização das entidades da região, cooperativas e sindicatos, foram identificadas novas áreas com lavouras iniciando a produção, ajustando as informações das áreas produtivas e confirmada a erradicação de lavouras depauperadas que foram substituídas por fruteiras tropicais.

Esta atualização reduziu em cerca de 11.000 hectares a área total cultivada em relação às estimativas do início da safra. Com este ajuste estima-se que em toda a região do atlântico esteja cultivando 47.069 hectares de café conilon, sendo 45.251 hectares em produção e 1.548 em formação.

A erradicação de lavouras depauperadas e o bom clima na região elevaram a média produtiva. Espera-se o rendimento de 40,37 sc/ha, a maior produtividade



dos últimos anos.

As lavouras produtivas apresentam-se com aproximadamente 39% das áreas em estágio de frutificação

Cerrado

Afetado pela longa estiagem ocorrida de abril a outubro de 2016, a florada foi abaixo do desejado e estima-se a produção de 290,87 mil sacas de café em 9.670 hectares.

Apesar de possuir lavouras irrigadas e mecanizadas, a eficiência produtiva é desuniforme, encontram-se propriedades com rendimentos de 49 a 10 sc/ha, tendo em vista que nem todas possuem manejo adequado, com produtores erradicando as lavouras e substituindo pelo cultivo de grãos. O principal motivo para tal heterogeneidade é a severa infestação do bicho mineiro, cujo o ciclo de vida é favorecido pelas altas temperaturas e o microclima criado nas áreas irrigadas.

(17.676 hectares), 46% em maturação (21.004 hectares) e 15% colhida (6.841 hectares), com cerca de 72% das áreas classificadas como boas ou ótimas.

Estima-se a erradicação de cerca de 1.100 hectares, sendo cultivado nesta safra 13.020 hectares de café arábica, sendo 9.670 hectares em produção e 3.350 em formação.

As lavouras produtivas apresentam-se com aproximadamente 10% das áreas em estágio de frutificação (967 hectares), 80% em maturação (7.736 hectares) e 10% colhida (967 hectares). Cerca de 85% dessas áreas estão classificadas como boas ou ótimas.

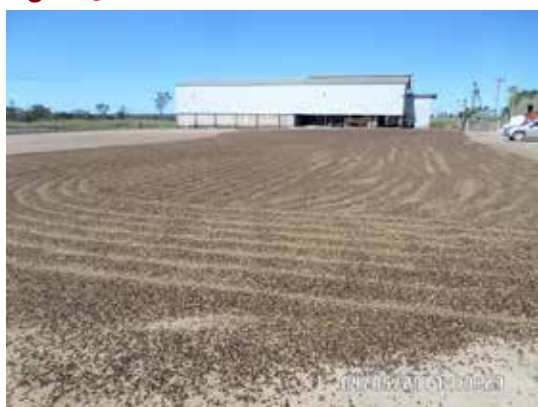
Devido à incidência do bicho mineiro, a estimativa de produtividade da região foi reduzida dos 35 sc/ha iniciais para 30,5 sc/ha.

Figura 31 - Colheita mecanizada do café arábica no município de Luiz Eduardo Magalhães/BA, maio de 2017



Fonte: Conab.

Figura 32 - Café secando em terreiro no município de Barreiras/BA, maio de 2017



Fonte: Conab.

Planalto

O reflexo do estresse climático sofrido em safras anteriores, atrelado à falta de recursos para tratar do

processo de formação das lavouras, debilitaram fisiologicamente as plantas de café, acarretando atraso na



floração da safra atual, bem como redução na intensidade da florada, e estima-se a produção de 724,4 mil sacas de café em 85.201 hectares.

A diferença de manejos entre os grandes e pequenos produtores, a influência climática pautada pela irregularidade das precipitações contribuem para a falta de uniformidade das lavouras cafeeiras. Diversos produtores da microrregião de Vitória da Conquista e Chapada Diamantina apontam que a piora das condições climáticas nas últimas safras têm sido um grande entrave à manutenção de uma boa produtividade.

Os grandes produtores e as cooperativas têm realizado investimentos em tecnologia e manejo, reduzindo os ataques de pragas e doenças e aumentando a efici-

ência produtiva, agregando qualidade ao café produzido. Mas, ainda assim, muitos produtores familiares, com limitações de crédito, tecnologia e assistência técnica têm dificuldade no manejo dos cafezais e comprometem a qualidade final do produto.

Estima-se, nesta safra, a área cultivada de 92.451 hectares de café arábica, sendo 85.201 hectares em produção e 7.250 em formação.

As lavouras produtivas apresentam-se com aproximadamente 63% das áreas em estágio de frutificação (53.743 hectares), 35% em maturação (29.754 hectares) e 2% colhida (1.704 hectares). Há cerca de 61% das áreas classificadas como boas ou ótimas.

Figura 33 - Frutos de café em granação, município de Barra do Choça/BA, maio de 2017



Fonte: Conab.

Figura 34 - Lavoura de café, município de Bonito/BA, maio de 2017



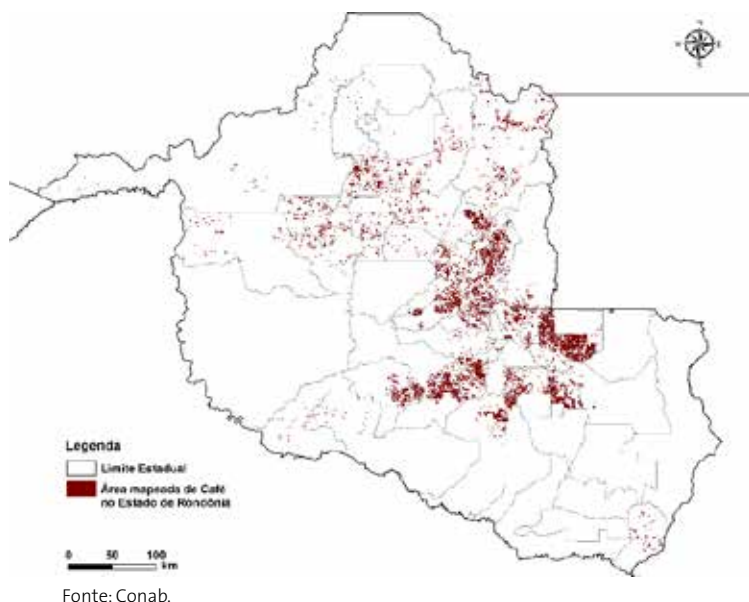
Fonte: Conab.



9.5. RONDÔNIA

O mapeamento do café no estado de Rondônia é apresentado na Figura 35.

Figura 35 – Mapeamento do café no Estado de Rondônia



9.5.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

De uma forma geral, o clima se mostrou favorável nesta safra. As fases da lavoura envolvendo florada, formação de chumbinho, granação e enchimento dos grãos, bem como a maturação, transcorreram na sua maioria dentro da normalidade. Houve em agosto e setembro ocorrências de intensa radiação solar e mínima nebulosidade, no entanto, com a retomada das chuvas no fim de outubro, com maior intensidade e regularidades, fez com que essas lavouras se recuperassem, favorecendo a granação e enchimento dos

frutos.

Mais susceptíveis a esses fatores são aquelas lavouras de cafés mais antigos oriundos de sementes e geralmente sem irrigações. Já nas lavouras de cafés clonais, na sua maioria dotada do sistema de irrigação, as plantas não chegaram a ser prejudicadas. As chuvas estão se prolongando até os dias atuais e atualmente, cerca de 15% das lavouras estão em fase de maturação, 45% maduro, em fase colheita e 40% colhida.

9.5.2. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Quadro 6, verificam-se as condições para o desenvolvimento da safra atual em Rondônia, definidas a

partir da análise dos mapas do monitoramento agrometeorológico e das informações de campo.

Quadro 6 – Monitoramento agrometeorológico: análise de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Rondônia

Rondônia														
Ano							2017							
Meses	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	R/F	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** maior concentração na região norte.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva
---	--	--



9.5.3. ÁREA

A área estimada e plantada de café no estado praticamente se mantém estável em relação à safra anterior e permanecendo a mesma do levantamento anterior, ou seja, 87.657 hectares em produção e 6.904 hectares em formação, sendo a área total de 94.561 hectares,

no entanto, a área em produção tende a diminuir, pois há uma renovação do material genético em todas as lavouras de Rondônia. Esse material genético, por sua vez, ainda está expressando o seu máximo potencial genético.

9.5.4. PRODUTIVIDADE

A estimativa é que para essa safra a produtividade média no estado alcance 21,33 sc/ha, portanto, superior em 14,9% à da safra passada. Esse aumento significativo é estimulado por materiais genéticos mais responsivos, melhor manejo da cultura e as condições

climáticas favoráveis durante todo o ciclo evolutivo da cultura. Não será ainda mais expressiva em razão da existência de um significativo percentual da área em produção com café seminal e áreas novas que ainda não entraram em produção.

Figura 36 - Ramos plagiotrópicos que foram desfolhados, evidenciando a quantidade de rosetas e frutos, numa lavoura de café clonal em Alto Alegre do Parecis-RO



Fonte: Conab.

Figura 37 - Colheita e poda já realizadas em propriedade de Nova Brasilândia d'Oeste



Fonte: Conab.



9.5.5. PRAGAS E DOENÇAS

As pragas mais comumente observadas nos cafezais de Rondônia nesta atual safra são: Cochonilha-da-roseta (*Planococcus minor*) e Ácaro vermelho (*Oligonychus ilicis*). Porém, cabe ressaltar que em todas as regiões visitadas há predomínio da Cochonilha-da-roseta. Com relação às doenças, as mais presentes foram ferrugem, cercosporiose, seca-de-ponteiros e

koleroga.

O cafeicultor de café clonal está melhor orientado e mais atento aos cuidados em suas lavouras e vem realizando controles, tais como: químico, biológico, natural e cultural de forma a garantir melhor produtividade.

9.5.6. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A maior parte da produção de café no estado está concentrada nos municípios de Ministro Andreazza, Cacoal, Alto Alegre do Parecis, Alta Floresta do Oeste, Nova Brasilândia d'Oeste e São Miguel do Guaporé. Em Rondônia é plantado quase todo o café da espécie *Coffea canephora* var. Conilon, melhor adaptada às condições edafoclimáticas. O café é produzido na sua imensa maioria em pequenas propriedades, com características da agricultura familiar.

Ainda é bastante comum a existência de lavouras com baixa produtividade e outras em pleno declínio de produção. Nessas lavouras se utilizam o sistema tradicional, com baixo padrão tecnológico, não sendo realizados ou poucos utilizados, controle de pragas e doenças, calagem, poda e desbrota. Aliado a isso, a maioria das lavouras de café em Rondônia foi implantada inicialmente com sementes trazidas pelos agricultores de regiões produtoras tradicionais de outros estados e sem controle oficial.

Observou-se também, que algumas progênies de café introduzidas no estado não se adaptaram às condições locais, mostrando-se pouco produtivas, entretanto a cafeicultura no estado, de uma forma geral, nos últimos anos e recentemente num processo mais rápido, com ênfases naquelas regiões de maiores produções vem passando por um processo gradativo e permanente de substituição das lavouras existentes por lavouras novas, utilizando-se cafés clonais. Em

determinados municípios tradicionalmente produtores essa substituição já alcança cerca de 50% da área plantada.

Essa mudança exige uma maior profissionalização e conscientização do produtor, no preparo e na retirada e análise das amostras de solos, no uso racional e sustentável da água para irrigação, na interpretação e recomendação de fertilizantes, corretivos e agroquímicos, manejo das hastes, desbrotas, poda, enfim, um melhor manejo da cultura.

Os agentes financeiros, destacando o Banco da Amazônia, Banco do Brasil e ainda as cooperativas de créditos, têm disponibilizado volume de crédito para custeio e investimento suficiente para atender a demanda existente e proporcionar aos cafeicultores condições para as mudanças/substituições das lavouras seminais por lavouras clonais, as quais exigem um maior investimento e melhores cuidados e conhecimentos técnicos por parte dos produtores, como mencionado no parágrafo anterior.

A Agência de Defesa Agrosilvipastoril do Estado de Rondônia – Idaron tem exigido a análise laboratorial das raízes das mudas comercializadas pelos viveiristas cadastrados no RENASEM, para detecção do nematoide das galhas, objetivando assim, maior segurança para quem adquire mudas para implantação da cultura nas lavouras do estado. O valor unitário da muda de café clonal varia de R\$ 0,80 a 1,20.

Figura 38 - Conilon clonal recém-implantado e linha lateral de irrigação por gotejamento que será coberta com solo, as mangueiras estarão sob o solo



Fonte: Conab.



Figura 39 - Conilon clonal, com 80 dias de plantado e à esquerda lavoura em produção, ambos irrigados por gotejamento



Fonte: Conab.

Figura 40 - Lavoura que será colhida no fim de maio em Nova Brasilândia d'Oeste-RO



Fonte: Conab.

Figura 41 - Lavoura apta a ser colhida em Cacoal-RO



Fonte: Conab.

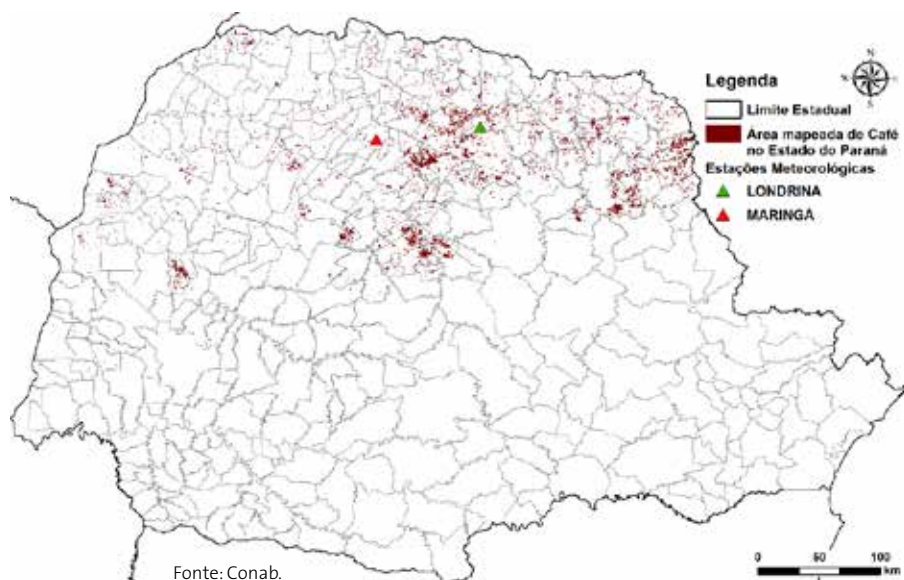


9.6. PARANÁ

No Estado do Paraná, foram realizados dois mapeamentos do café. O mais atual é apresentado na Figura 42, com a localização das estações meteorológicas do

Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) utilizadas no monitoramento agrícola.

Figura 42 – Mapeamento do café no Estado do Paraná



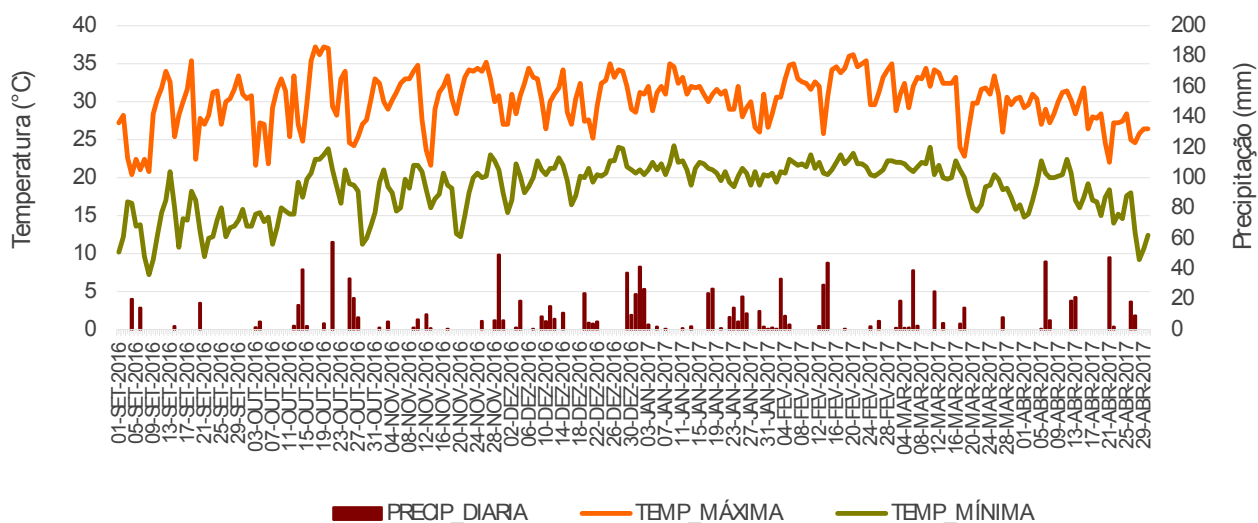
9.6.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Os gráficos das estações meteorológicas do INMET mostram chuvas abundantes e regulares em Maringá, com maior intensificação a partir de dezembro/16. Já em Londrina, as precipitações foram menos intensas, mas ocorrerem de forma regular desde o início do florescimento até a formação dos grãos. Em ambas as localidades, no entanto, foram registrados baixos ín-

dices pluviométricos no mês de novembro/16.

No Quadro 7, verificam-se as condições para o desenvolvimento da safra atual no Paraná, definidas a partir da análise dos mapas e dos gráficos do monitoramento agrometeorológico e das informações de campo.

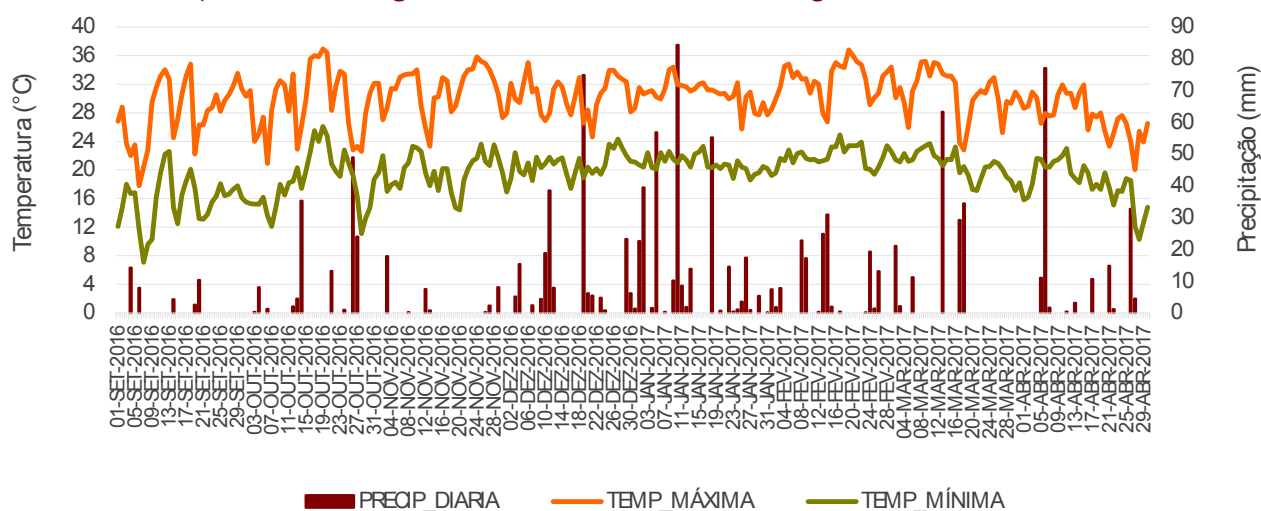
Gráfico 32 – Estações meteorológicas do Inmet no Paraná - Londrina



Fonte: Inmet



Gráfico 33– Estações meteorológicas do Inmet no Paraná - Maringá



Fonte: Inmet

Quadro 7 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café no Paraná

Paraná																		
Ano	2016										2017							
Meses	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C**	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição geadas
---	---	---	---

9.6.2. CONDIÇÕES DA CULTURA

Considerando que esta fase é de plena formação e maturação dos frutos foi possível verificar com melhor consistência o tamanho da safra projetada para este ano. A previsão é que sejam colhidas 1,26 milhão de sacas, volume que, se vier a ser confirmado, será 15% maior que a produção obtida em 2016, quando o Paraná colheu 1,09 milhão de sacas. (INFORMAÇÕES DE PRODUÇÃO E CICLO BIENAL)

As chuvas regulares e com bom volume ocorridas durante toda a fase de formação dos frutos, dezembro de 2016 até abril de 2017, contribuíram favoravelmente à projeção de uma boa safra. As temperaturas registradas dentro da normalidade, neste período, também favoreceram o bom desenvolvimento das lavouras e o processo de granação dos frutos. O clima favorável contribuiu para atenuar os efeitos negativos da matu-

ração desuniforme causada pelas floradas tardias que comprometem a qualidade da safra.

Embora haja maturação desuniforme em grande parte das lavouras, os frutos oriundos das últimas floradas estão bem granados e não deverá ocorrer quebra significativa no peso caso o produtor opte por uma única derriça.

A colheita já começou em algumas propriedades e neste período inicial, para a maioria dos produtores, a principal preocupação é se preparar bem e seguir as recomendações de boas práticas para a colheita, preparo, secagem e armazenamento da safra, buscando redução de custo, melhoria de qualidade e da rentabilidade.



9.7. RIO DE JANEIRO

9.7.1. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS

A segunda estimativa para a safra de café em 2017 aponta um acréscimo em torno de 0,4% na área cultivada em relação à safra 2016. Indica uma produção

estimada de 249,1 mil sacas, representando variação negativa de 28,3% em relação à safra 2016, devido ao

9.7.2. ÁREA, PRODUÇÃO E PARQUE CAFEIEIRO

O parque cafeeiro é formado por 44.138,5 mil plantas, das quais 2.143,1 mil estão em formação e 41.995,4 mil em produção. A colheita do produto deve ser distribuída em abril (1,8%), maio (2,3%), junho (26,4%), julho (37,4%), agosto (23,5%) e setembro (8,7%).

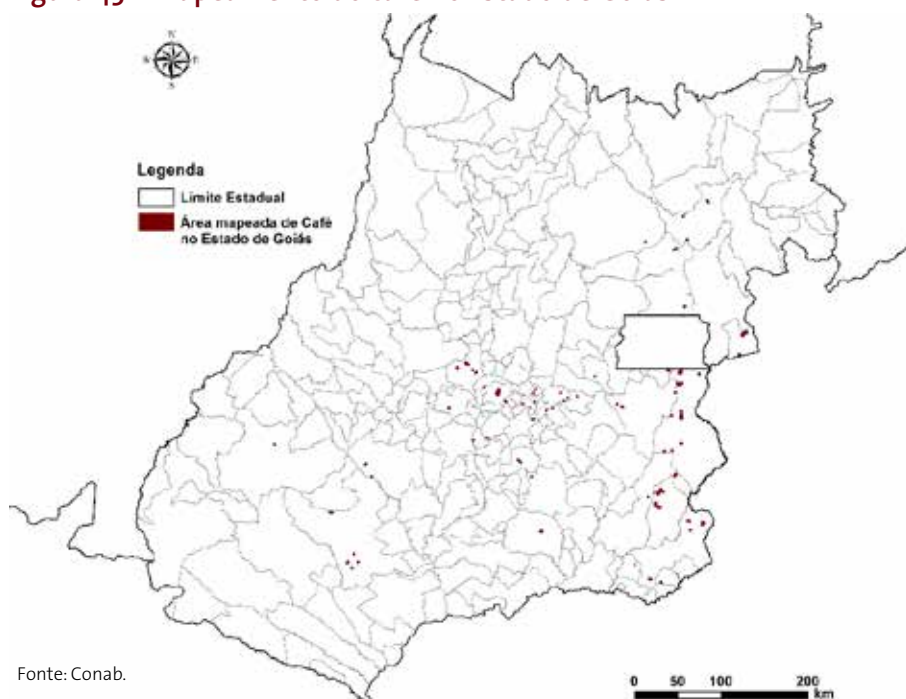
A área plantada em produção no estado deve atingir 13.182 hectares, superior em 160 hectares aos 13.022

hectares da safra 2016. Já a área em formação gira em torno de 757 hectares. Com isso, a área total estimada deve chegar a 13.939 hectares. A produção estimada aponta decréscimo para 249,1 mil sacas, com uma redução de 98,3 mil sacas, quando comparada à obtida na safra 2016, que foi de 347,4 mil sacas.

9.8. GOIÁS

No Estado de Goiás, o mapeamento do café é apresentado na Figura 43.

Figura 43 – Mapeamento do café no Estado de Goiás



9.8.1. INTRODUÇÃO

Goiás caracteriza-se por duas estações climáticas bem definidas: uma chuvosa, que se inicia entre setembro e outubro e vai até abril, e outra seca, marcada por grande deficiência hídrica. A estação seca se inicia em abril ou maio e se estende até setembro ou outubro, apresentando, dessa forma, um período de cinco a seis meses de deficiência hídrica (Silva et al.

1998). A disponibilidade hídrica é um dos principais fatores da produtividade do cafeeiro. Segundo Camargo e Camargo, nas fases fenológicas de vegetação e formação das gemas foliares, floração e granação dos frutos, a deficiência hídrica pode reduzir muito a produtividade. Por outro lado, uma deficiência hídrica entre julho e agosto (meses secos em Goiás), período



anterior à antese, pode se tornar benéfica, favorecendo uma florada mais uniforme nas primeiras chuvas de setembro.

Os solos de Goiás, onde a classe de solo predominante é o Latossolo, possuem características granulométricas que permitem boa retenção de água, porém sem encharcamento e nutrientes para as plantas de café, mas, antes da implantação da cultura necessita de correção de acidez e toxidade por alumínio e ferro e

boa adubação. As topografias relativamente planas de Goiás favorecem a mecanização da cultura. Outra característica positiva para a cultura é a ausência de geadas.

Tais condições descritas acima permitem a produção em alto rendimento da cultura do café em Goiás sob equipamentos de irrigação, alcançando uma produtividade média próxima às 40 sc/ha, quase o dobro da produtividade nacional.

Figura 44 – Cafezal sob sistema de irrigação tipo pivô central no município de Catalão (GO)



Fonte: Conab.

Os cafeeiros comerciais em Goiás são produzidos em cerca de 46 estabelecimentos rurais e aproximadamente de 20 municípios concentrados nas regiões leste, entorno do Distrito Federal e em algumas re-

giões pontuais do estado. As áreas cultivadas variam de 6 a 1.200 hectares, com utilização de baixas a altas tecnologias e mão de obra familiar e propriedades geradoras de uma grande quantidade de empregos.

9.8.2. CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS

As plantas de café necessitam de certas condições climáticas para expressar todo o seu potencial produtivo, principalmente no que se refere a temperaturas amenas e disponibilidade hídrica do solo, haja vista as características agrometeorológicas do seu centro de origem que moldaram a sua genética ao longo da evolução da espécie.

Podemos afirmar que o momento mais crítico na fenologia do cafeeiro, em se tratando de obtenção de uma boa produtividade, é a fase da antese (abertura das flores), onde o aumento da temperatura do ar, a deficiência hídrica ou qualquer fator estressante para a planta determinará o percentual de abortamen-

to das flores e, por consequência, a quantidade dos grãos por área.

Estresses ambientais também podem prejudicar as demais fases do desenvolvimento reprodutivo e todo o desenvolvimento vegetativo da planta, deixando-a predisposta a ataques de pragas e doenças, prejudicando a produtividade e a qualidade dos grãos.

Apesar das propriedades visitadas não possuírem estações meteorológicas para acompanhamento das condições climáticas podemos observar que nas estações disponíveis do Inmet, localizadas nas regiões que possuem lavouras de café, pode-se observar dias com



temperaturas altas, tanto na fase de floração como na fase de enchimento e desenvolvimento dos grãos. As lavouras sob pivôs centrais conseguiram amenizar este problema em razão da irrigação que cria um microclima mais adequado para a cultura do café.

Segundo os entrevistados na maioria das propriedades, ocorreram alguns dias com alta temperatura, que trouxeram dificuldades no combate de pragas e doenças. Algumas propriedades fizeram uso de aplicações extras contra o ácaro, ferrugem e bicho mineiro.

Porém, estas temperaturas se apresentaram mais amenas em relação ao período de florada da safra 2016, que ocorreu entre setembro e novembro de 2015. Embora as temperaturas estejam mais amenas neste período de florada em relação à safra passada, podemos observar uma séria restrição hídrica com início no fim de março até outubro de 2016, com temperaturas acima da média neste período de maturação das gemas florais.

Embora a maioria dos produtores não relataram falta de água nas barragens e leitos de cursos d'água, chegaram informações de dificuldades para alcançar

lâminas d'água adequadas para a irrigação das lavouras em decorrência do solo extremamente seco e da baixa umidade relativa do ar entre março e outubro de 2016. Tais fatos climatológicos, aliados ao período de bialidade negativa na maior parte das lavouras cafezeiras em Goiás, contribuíram para uma florada menos vigorosa em grande parcela dos cafezais visitados.

Em virtude do baixo nível da disponibilidade de água nas barragens, verificamos que alguns produtores mudaram o método utilizado de irrigação, passando da utilização de aspersão convencional (canhões e pivô central) para microaspersão ou gotejamento.

Outra constatação vista em campo foi que, devido às altas temperaturas e à baixa umidade do solo e do ar no período de inverno, vários produtores deixaram de realizar a sincronização da florada por meio de estresse hídrico ou utilizando-o com uma maior cautela, alegando um elevado sofrimento das plantas nos períodos sem o fornecimento de água, ocasionando escaldaduras, perda de folhas e diminuição da densidade do dossel e, por consequência, diminuição da produtividade.

9.8.3. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Quadro 8, verificam-se as condições para o desenvolvimento da safra atual em Goiás, definidas a partir

da análise dos mapas do monitoramento agrometeorológico e das informações de campo.

Quadro 8 – Monitoramento agrometeorológico: análise de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Goiás

Goiás													
Ano					2017								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F***	F***	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** maior concentração na região norte.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição geadas
---	--	--	--

9.8.4. ÁREA EM PRODUÇÃO

Observamos, na previsão da safra 2017, uma diminuição da área em produção pelo segundo ano consecutivo. Em melhor análise, podemos responsabilizar tal redução pela diminuição de área plantada propriamente dita (arranquios, abandono de lavouras e desistência da atividade) e por maior importância, em

virtude do avanço da idade dos cafezais e às podas drásticas intensificadas nos últimos dois anos devido à uma maior conscientização dos produtores de café em realizar tal procedimento com vistas a revigorar as lavouras, promovendo a sustentabilidade da atividade.



Figura 45 – Cafezal no município de Cabeceiras (GO)



Fonte: Conab.

9.8.5. ÁREA EM FORMAÇÃO

Há um incremento de áreas em formação nos dois últimos anos, em contraste com a área em produção. Devido ao pequeno incremento de áreas com plantios novos, podemos afirmar que o crescimento das áreas em formação, nestes dois últimos anos, se deve à realização de podas drásticas em plantas com baixo vigor, geralmente provocado pela idade e/ou pelo

acúmulo de pragas e desgastes naturais. A maioria das áreas em Goiás são relativamente compostas de parques cafeeiros mais velhos e que em algumas áreas chegam a quase 20 anos, uma idade considerada avançada para cafezais irrigados de alta produtividade.

Figura 46 - Cafezal recepado no município de Rio Verde (GO)



Fonte: Conab.



Figura 47 – Cafezal de aproximadamente 18 anos, recepado e sem produção em Cristalina (GO)



Fonte: Conab.

9.8.6. ÁREA TOTAL

Sob a ótica da área total (somadas as áreas em produção e em formação, notamos um pequeno acréscimo em relação aos sucessivos anos de diminuição de área-

as plantadas com café em Goiás. Esse leve acréscimo se deve ao plantio de novas áreas de cultivo, quebrando uma firme sequência de atenuação.

9.8.7. PRODUTIVIDADE MÉDIA

Nesta presente safra, a bienalidade negativa na maior parte dos cafezais foi um fator fundamental na diminuição da produtividade média observada. Além

da bienalidade negativa, fatores como clima, manejo, adubação, pragas e idade do cafezal sempre interferem na produtividade.

Figura 48 – Grãos em maturação em Niquelândia (GO) e área recém-plantada em Planaltina (GO)



Fonte: Conab.

Os ataques de pragas foram os limitadores da produtividade nesta presente safra. Todos os produtores relataram ataques do bicho mineiro (*Leucoptera Coffe-*

ella) e em menor escala a broca do cafeeiro, que são as pragas que mais trazem prejuízos à cultura cafeeira em Goiás e no Brasil.



Os ataques do bicho mineiro são específicos da cultura, pois trata-se de uma praga monófaga, atacando somente o cafeeiro. Suas formas jovens (lagartas) causam danos severos nas folhas, alimentando-se das estruturas vegetativas e diminuindo a produção de fotoassimilados. Os controles desta praga aumentaram os custos de produção da cultura nesta presente safra, haja vista o elevado número de aplicações variando de duas até seis vezes. Os produtores relataram que a eficiência das moléculas registradas para o manejo desta praga não está surtindo os efeitos

desejados. Destacamos também que a explosão populacional do bicho-mineiro foi favorecida devido às temperaturas elevadas nesta presente safra.

Temperaturas elevadas durante a fase fenológica reprodutiva, especificamente de setembro a novembro de 2016, e a baixa umidade do ar e do solo vislumbra da a partir do de abril de 2016 também influenciaram negativamente para a diminuição da produtividade nesta presente safra em comparação com a safra anterior.

9.8.8. PRODUÇÃO TOTAL

A previsão da safra de café 2017 em Goiás é de 188 mil sacas, uma redução de 17,11% em relação à produção da safra 2016. A redução de produção da safra vindoura se deve principalmente à redução de 15,8% na

produtividade média, ocasionado especialmente pela bienalidade negativa na maior parte dos cafezais em Goiás e em segundo plano, as condições climáticas e ataques de pragas.

Figura 49 – Terreiro para a secagem de café, em Anicuns (GO)



Fonte: Conab.

9.9. MATO GROSSO

9.9.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

O índice pluviométrico dentro da normalidade favoreceu o desenvolvimento das lavouras de café em Mato Grosso. Porém, durante a fase de floração/frutificação houve períodos de estiagem em alguns municípios do estado, antes subestimados pelos produtores, que

afetou o enchimento dos grãos e influenciou negativamente algumas lavouras, diminuindo a expectativa de produtividade em relação ao levantamento anterior. O excesso de chuvas, ocorrido em abril, dificultou a colheita inicial do cafezal.

9.9.2. ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Para a safra 2017, a área em produção de café conilon em Mato Grosso soma 13.111 hectares, uma redução de aproximadamente 7,2% em relação à safra 2016, cuja área produtiva foi de 14.123 hectares. A redução ocorreu principalmente em razão da diminuição de área

no município de Juína/MT devido ao abandono de lavouras velhas.

As áreas em formação, nesta safra, que somam 1.551 hectares, 1,6% inferior à safra 2016, que registrou 1.577

hectares, são em sua totalidade compostas por mudas clonais, tecnologia que vem sendo implantada no estado e que permite maior número de plantas por hectare, possibilidade de maior produtividade e, consequentemente, maior produção.

A estimativa de produção de café conilon para a safra 2017 em Mato Grosso é de 154,4 mil sacas, 24,4% maior que a safra 2016, quando foram produzidas

124,1 mil sacas. O incremento na produção deve-se ao aumento de 34% na produtividade, que passou de 8,8 sc/ha na safra 2016 para 11,8 sc/ha na atual. Esse aumento de produtividade pode ser justificado pelo melhor manejo realizado pelo produtor nas lavouras em razão das boas expectativas de mercado e também das condições climáticas que foram melhores em relação à safra anterior.

Figura 50 – Café conilon seminal no Distrito de Terra Roxa em Juína/MT



Fonte: Conab.

Em relação à produção de café arábica, em Mato Grosso, há apenas dois municípios produtores, Juína e Tangará da Serra, localizados na região noroeste e sudoeste, respectivamente, que juntos apresentam área total em produção de apenas 45 hectares, aproximadamente 36% menor que a safra anterior, que foi

de 70 hectares. Essa redução pode ser justificada pelo abandono de áreas velhas e improdutivas, sem viabilidade econômica para recuperação e pela substituição pelo café conilon clonal. A produtividade estimada é de 22 sc/ha, ante às 18,29 sc/ha da safra passada, aumento de 20,3%.

9.9.3. Considerações finais

Apesar da redução de área, ainda assim, espera-se que, para a safra 2017, a produção de café em Mato Grosso seja maior que a safra passada, devido ao aumento na produtividade. Esse fator é decorrente de clima favorável, investimentos e adoção de melhores tratamentos

nas lavouras. Sendo esses últimos estimulados, principalmente, por ações do governo do estado, por meio do Programa de Revitalização da Cafeicultura no Estado de Mato Grosso (Procafé), que tem buscado incentivar e ampliar a cultura do café em Mato Grosso.

9.10. AMAZONAS

9.10.1. INTRODUÇÃO

O sistema de plantio é prioritariamente familiar, caracterizado pelas pequenas áreas de plantio, pouca adoção de tecnologia e consequentemente com obtenção de baixa produção e produtividade. Ao longo dos anos, a baixa rentabilidade financeira obtida pelo café desmotivou muitos agricultores a continuar com a atividade, sendo grande parte das áreas substituídas pela pastagem para a criação de gado extensivo, processo ainda em continuidade no Amazonas.

Uma nova perspectiva para a retomada do cultivo de café na região se deu em meados do ano de 2008 com o início da adoção de práticas agroecológicas, principalmente do uso de consórcio com espécies arbóreas para sobreamento e fixação biológica (leguminosas). Em 2012 iniciou o projeto coordenado pelo Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam), que preconiza a adoção de práticas agroecológicas no sistema de manejo. O projeto

está caminhando para a certificação orgânica de um grupo de agricultores, como caminho para incremento da rentabilidade da atividade e da redução dos custos de produção.

Práticas de manejo como adubação orgânica foliar, adubação orgânica do solo (compostagem), monitoramento de pragas e doenças e controle do mato nas entre linhas com a possibilidade de uso de espécies de leguminosas como cobertura do solo, abrem a perspectiva de incremento da produtividade dessas áreas em até 30% para o próximo ano de 2017.

Todo o café cultivado no Amazonas é conilon, por conta da sua maior rusticidade e maior adaptação às condições de floresta tropical. A média estadual para esta variedade está muita abaixo da média nacional, enquanto que no restante do país a produtividade chega a 30 sc/ha, a média do estado está entre 10 a 15 sc/ha.

9.10.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas estão favoráveis para a cultura, sendo esta um fator preponderante para um possí-

vel incremento de produtividade em 2017 em relação à safra de 2016.

9.10.3. AVALIAÇÃO DAS CULTURAS

Em linhas gerais, existe um abandono de grande parte das áreas plantadas com café, excetuando os agricultores que fazem parte do grupo do manejo agroecológico, que retomaram a condução do plantio

com a orientação do Idesam, seguindo os princípios agroecológicos. Essas práticas de manejo já permitem observações de melhorias sanitárias dos pomares em razão da nutrição destas.

Figura 51 – Plantio de café consorciado com espécies arbóreas



Fonte: Conab.



A maioria dos pomares possui mais de dez anos, tendo sua implantação através da produção das próprias mudas por parte dos agricultores, sem utilização de variedades produtivas ou de melhor adaptação à nossa realidade.

Não existe percepção em curto prazo de ampliação das áreas plantadas com café no município de Apuí, apenas uma iniciativa pioneira com o apoio da Embrapa, que implantou um experimento de 0,9 hectare com a variedade BRS Ouro Preto, com resposta inicial positiva.

9.10.4. PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE

No que diz respeito à perspectiva de safra de café para o ano de 2017, os possíveis incrementos de produção estão relacionados principalmente aos aspectos da bienalidade, ou seja, o retorno da planta do período fisiológico de acúmulo de reserva (baixa produção) para o início do período de expressão destas reservas em produção de frutos, além das condições climáticas favoráveis.

No caso específico das áreas manejadas no sistema agroflorestal, além dos fatores acima mencionados, também atuará de forma significativa no incremento de produção da safra de 2017 o manejo nutricional realizado com os compostos orgânicos ou mesmo pela fixação biológica do solo através do uso de leguminosas nas entrelinhas de plantio.



10. RECEITA BRUTA

A produção brasileira de café arábica e conilon na safra 2017, de acordo com os dados do segundo levantamento da Conab, deverá ser de 45,56 milhões de sacas de café beneficiado, 11,3% abaixo da obtida em 2016 – 51,37 milhões de sacas.

A redução da safra foi influenciada pelo efeito da bienalidade negativa da lavoura, principalmente nos cultivos de café arábica, uma vez que o café conilon, embora também esteja sujeito às influências do ciclo bienal de produção, esta situação se manifesta com menor intensidade devido às práticas de manejo e ao fato de ser uma espécie mais rústica e, por isso, menos suscetível às adversidades do que o arábica.

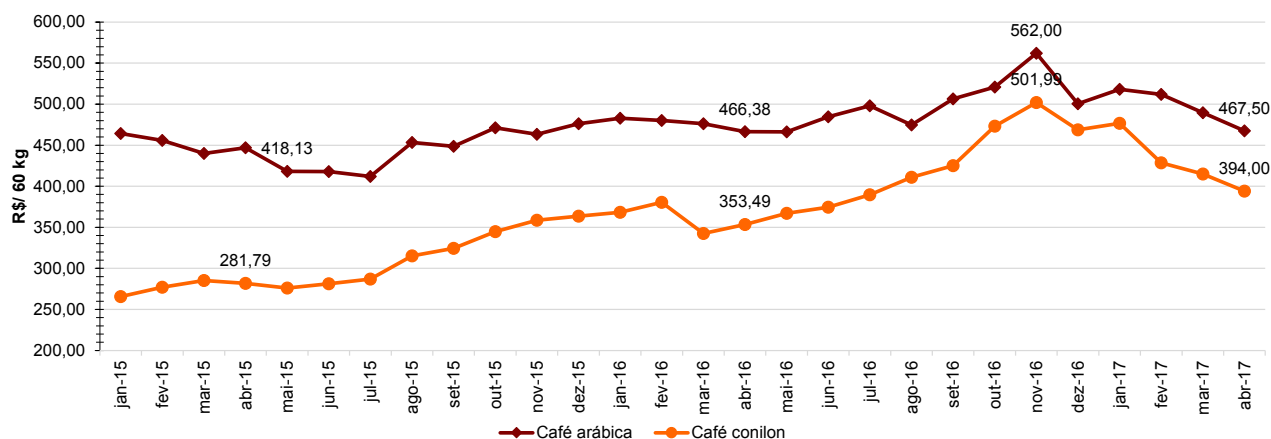
Os maiores produtores nacionais de café arábica e robusta são, respectivamente Minas Gerais e Espírito Santo. Em Minas Gerais deverão ser produzidas 25,37 milhões de sacas de café, que corresponde a 71,6% do total de arábica e o Espírito Santo 5,89 milhões de sacas ou 58,1% do total de conilon produzido no Brasil.

Segundo a análise do mercado da Conab, referente ao período de 1º a 5 de maio deste ano, mesmo com a recente recuperação de preços no mercado internacional, os produtores de café, tanto do arábica quanto do conilon, não estão interessados em negociar, já que os valores sinalizados estão abaixo dos preços esperados.

O cenário de preços nesses dois estados indica a manutenção da tendência de queda iniciada em novembro de 2016, depois de quase dois anos de elevação contínua, Gráfico 33.

Este comportamento dos preços deve continuar de junho a agosto, quando se intensificam os trabalhos de colheita.

Gráfico 34 - Preços mensais recebidos pelos produtores de café arábica, em Minas Gerais e de café conilon, no Espírito Santo

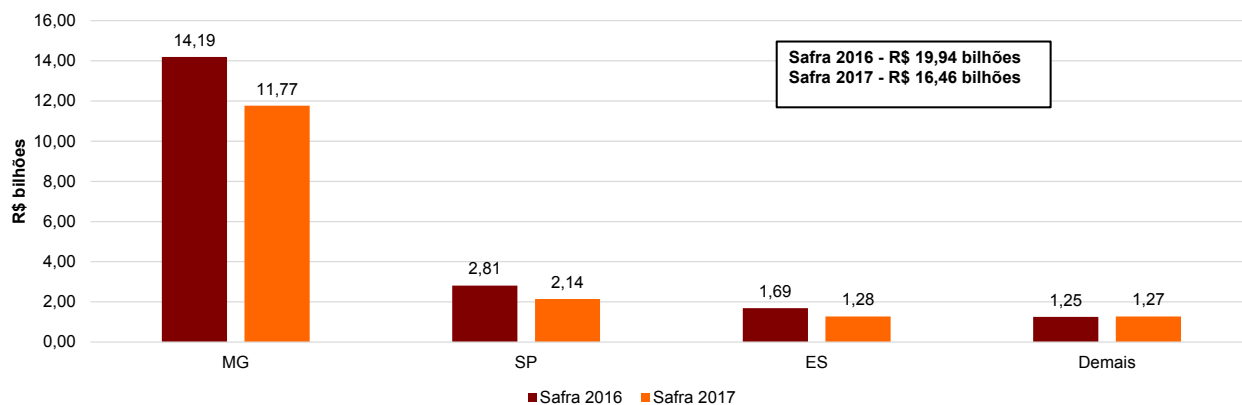


Fonte: Conab

Considerando as estimativas de produção divulgadas para as safras 2016 e 2017 e os preços médios pagos aos produtores em abril de 2016 e 2017, respectivamente, a receita bruta de café arábica foi estimada

em R\$ 16,46 bilhões na safra 2017, 17,5% inferior aos R\$ 19,94 bilhões da safra 2016, gráfico 34.

Gráfico 35 - Receita bruta de café arábica - Safras 2016 e 2017 - Preços nominais - 04/2016 e 04/2017



Fonte: Conab

O fator determinante, para o menor faturamento deste ano, foi a queda de 18,3% na safra de café arábica, já que os preços, embora estejam em queda, neste momento, ainda se apresentam em patamares supe-

riores aos de abril de 2016, à exceção de Minas Gerais, onde as cotações de abril deste ano encontram-se ligeiramente abaixo da observada no mesmo mês do ano passado.



Tabela 7 - Estimativa da receita bruta - Café arábica beneficiado

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	04/2016	04/2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RO	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AM	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	1.267,2	1.014,3	-20,0	430,66	473,72	10,0	545.732,4	480.494,2	-12,0
BA	1.267,2	1.014,3	-20,0	430,66	473,72	10,0	545.732,4	480.494,2	-12,0
Cerrado	345,6	290,1	-16,1	430,66	473,72	10,0	148.836,1	137.426,2	-7,7
Planalto	921,6	724,2	-21,4	430,66	473,72	10,0	396.896,3	343.068,0	-13,6
Atlântico	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-OESTE	228,1	189,0	-17,1	448,50	477,73	6,5	102.294,0	90.287,2	-11,7
MT	1,3	1,0	-22,7	360,00	545,00	51,4	460,8	539,6	17,1
GO	226,8	188,0	-17,1	449,00	477,38	6,3	101.833,2	89.747,7	-11,9
SUDESTE	40.738,4	32.900,1	-19,2	462,49	464,89	0,5	18.841.025,8	15.294.909,4	-18,8
MG	30.427,9	25.369,1	-16,6	466,38	463,80	-0,6	14.190.964,0	11.766.197,4	-17,1
Sul e Centro-Oeste	16.627,7	13.265,7	-20,2	466,38	463,80	-0,6	7.754.826,7	6.152.631,7	-20,7
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	7.401,6	4.541,8	-38,6	466,38	463,80	-0,6	3.451.958,2	2.106.486,8	-39,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	5.889,4	7.056,3	19,8	466,38	463,80	-0,6	2.746.698,4	3.272.695,2	19,2
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	509,2	505,4	-0,8	466,38	463,80	-0,6	237.480,7	234.383,6	-1,3
ES	3.932,1	2.908,0	-26,0	429,00	438,75	2,3	1.686.870,9	1.275.885,0	-24,4
RJ	347,4	249,0	-28,3	431,00	452,50	5,0	149.729,4	112.672,5	-24,8
SP	6.031,0	4.374,0	-27,5	466,50	489,29	4,9	2.813.461,5	2.140.154,5	-23,9
SUL	1.047,0	1.265,0	20,8	392,10	446,38	13,8	410.528,7	564.670,7	37,6
PR	1.047,0	1.265,0	20,8	392,10	446,38	13,8	410.528,7	564.670,7	37,6
OUTROS(*)	101,5	58,2	-42,7	412,45	425,28	3,1	41.863,7	24.751,3	-40,9
NORTE/NORDESTE	1.267,2	1.014,3	-20,0	430,66	473,72	10,0	545.732,4	480.494,2	-12,0
CENTRO-SUL	42.013,5	34.354,1	-18,2	460,66	464,28	0,8	19.353.848,5	15.949.867,3	-17,6
BRASIL	43.382,2	35.426,6	-18,3	459,67	464,48	1,1	19.941.444,5	16.455.112,8	-17,5

Legenda: (*) AC, CE, PE, MS e DF

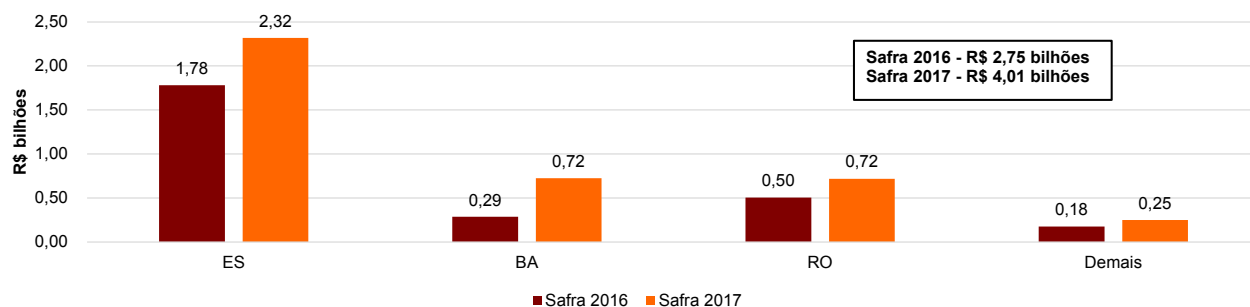
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Quanto ao café conilon, o quadro atual apresenta aumentos simultâneos de produção e de preços, potencializando, assim, o crescimento da receita dos pro-

dutores dessa espécie, conforme pode ser observado, seguir, no Gráfico 35 e na Tabela 8.

Gráfico 36 - Receita bruta de café conilon - Safras 2016 e 2017 - Preços nominais - 04/2016 e 04/2017



Fonte: Conab



Tabela 8 - Estimativa da receita bruta - Café conilon beneficiado

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENE-CIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	Var. %	04/2016	04/2017	Var. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	Var. %
NORTE	1.642,0	1.884,7	14,8	-	-	-	508.024,4	723.613,4	42,4
RO	1.626,9	1.870,0	14,9	309,92	384,33	24,0	504.208,8	718.697,1	42,5
AM	6,0	7,9	31,3	228,00	320,00	40,4	1.368,0	2.521,6	84,3
PA	9,1	6,8	-25,3	268,96	352,17	30,9	2.447,5	2.394,7	-2,2
NORDESTE	826,1	1.837,7	122,5	346,00	393,75	13,8	285.830,6	723.594,4	153,2
BA	826,1	1.837,7	122,5	346,00	393,75	13,8	285.830,6	723.594,4	153,2
Cerrado	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Planalto	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Atlântico	826,1	1.837,7	122,5	346,00	393,75	13,8	285.830,6	723.594,4	153,2
CENTRO-OESTE	124,1	155,4	25,2	309,92	384,33	24,0	38.461,1	59.713,0	55,3
MT	124,1	155,4	25,2	309,92	384,33	24,0	38.461,1	59.713,0	55,3
GO	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	5.331,5	6.221,1	16,7	355,26	399,95	12,6	1.894.086,6	2.488.132,4	31,4
MG	296,2	334,1	12,8	385,41	508,03	31,8	114.158,4	169.725,7	48,7
Sul e Centro-Oeste	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Triângulo, Alto Para-naíba e Noroeste	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Zona da Mata, Rio Doce e Central	192,5	217,2	12,8	385,41	508,03	31,8	74.191,4	110.337,0	48,7
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	103,7	116,9	12,7	385,41	508,03	31,8	39.967,0	59.388,7	48,6
ES	5.035,3	5.887,0	16,9	353,49	393,81	11,4	1.779.928,2	2.318.359,5	30,3
RJ	-	0,1	-	-	393,81	-	-	47,3	-
SP	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUL	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PR	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-	-
OUTROS(*)	63,3	37,8	-40,3	305,00	377,50	23,8	19.306,5	14.269,5	-26,1
NORTE/NORDESTE	2.468,1	3.722,4	50,8	321,65	388,79	20,9	793.855,0	1.447.207,8	82,3
CENTRO-SUL	5.455,6	6.376,5	16,9	354,23	399,57	12,8	1.932.547,7	2.547.845,4	31,8
BRASIL	7.987,0	10.136,6	26,9	343,77	395,53	15,1	2.745.709,2	4.009.322,7	46,0

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

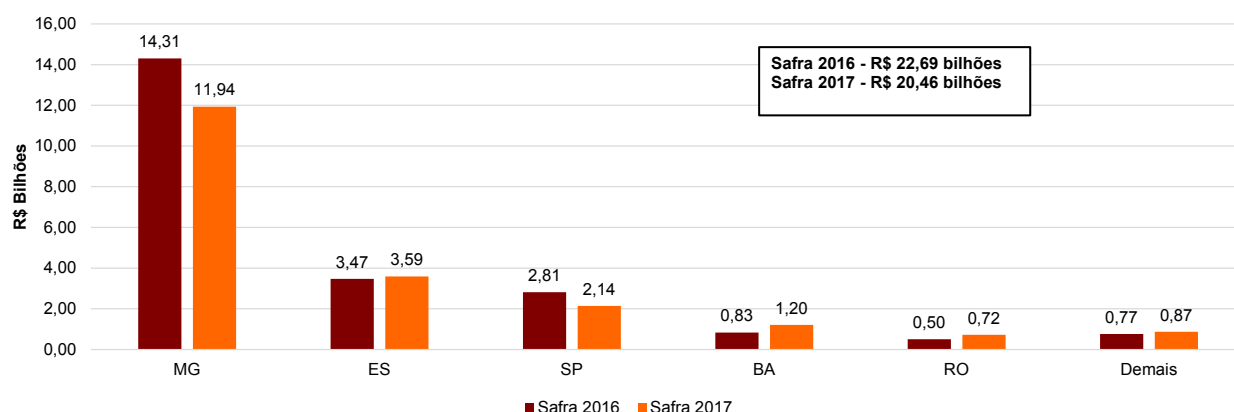
Consolidando os dados do arábica e do conilon, apura-se que a receita bruta total do café, na safra 2017, atinge o montante de R\$ 20,46 bilhões, 9,8% abaixo dos R\$ 22,69 bilhões alcançados em 2016.

Ou seja, o aumento da receita verificado no café con-

ilon, – R\$ 1,26 bilhão não foi suficiente para compensar a redução de R\$ 3,49 bilhões do arábica, resultando, no total, na redução líquida de R\$ 2,22 bilhões, conforme pode ser verificado no Gráfico 36 e na Tabela 9.



Gráfico 38 - Receita bruta total de café (arábica e conilon) - Safras 2016 e 2017 - Preços nominais - 04/2016 e 04/2017



Fonte:Conab.

Tabela 9 - Estimativa da receita bruta - total do café beneficiado (arábica e conilon)

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	04/2016	04/2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	1.642,0	1.884,7	14,8	309,39	383,94	24,1	508.024,4	723.613,4	42,4
RO	1.626,9	1.870,0	14,9	309,92	384,33	24,0	504.208,8	718.697,1	42,5
AM	6,0	7,9	31,3	228,00	320,00	40,4	1.368,0	2.521,6	84,3
PA	9,1	6,8	-25,3	268,96	352,17	30,9	2.447,5	2.394,7	-2,2
NORDESTE	2.093,3	2.852,0	36,2	397,25	422,19	6,3	831.563,0	1.204.088,6	44,8
BA	2.093,3	2.852,0	36,2	397,25	422,19	6,3	831.563,0	1.204.088,6	44,8
Cerrado	345,6	290,1	-16,1	430,66	473,72	10,0	148.836,1	137.426,2	-7,7
Planalto	921,6	724,2	-21,4	430,66	473,72	10,0	396.896,3	343.068,0	-13,6
Atlântico	826,1	1.837,7	122,5	346,00	393,75	13,8	285.830,6	723.594,4	153,2
CENTRO-OESTE	352,2	344,4	-2,2	399,67	435,59	9,0	140.755,1	150.000,2	6,6
MT	125,4	156,4	24,7	310,43	385,35	24,1	38.921,9	60.252,5	54,8
GO	226,8	188,0	-17,1	449,00	477,38	6,3	101.833,2	89.747,7	-11,9
SUDESTE	46.069,9	39.121,2	-15,1	450,08	454,56	1,0	20.735.112,4	17.783.041,8	-14,2
MG	30.724,1	25.703,2	-16,3	465,60	464,37	-0,3	14.305.122,4	11.935.923,1	-16,6
Sul e Centro-Oeste	16.627,7	13.265,7	-20,2	466,38	463,80	-0,6	7.754.826,7	6.152.631,7	-20,7
Triângulo, Alto Para-naíba e Noroeste	7.401,6	4.541,8	-38,6	466,38	463,80	-0,6	3.451.958,2	2.106.486,8	-39,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	6.081,9	7.273,5	19,6	463,82	465,12	0,3	2.820.889,8	3.383.032,2	19,9
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	612,9	622,3	1,5	452,68	472,11	4,3	277.447,7	293.772,4	5,9
ES	8.967,4	8.795,0	-1,9	386,60	408,67	5,7	3.466.799,1	3.594.244,5	3,7
RJ	347,4	249,1	-28,3	431,00	452,47	5,0	149.729,4	112.719,8	-24,7
SP	6.031,0	4.374,0	-27,5	466,50	489,29	4,9	2.813.461,5	2.140.154,5	-23,9
SUL	1.047,0	1.265,0	20,8	392,10	446,38	13,8	410.528,7	564.670,7	37,6
PR	1.047,0	1.265,0	20,8	392,10	446,38	13,8	410.528,7	564.670,7	37,6
OUTROS(*)	164,8	96,0	-41,8	371,18	406,47	9,5	61.170,2	39.020,8	-36,2
NORTE/NORDESTE	3.735,3	4.736,7	26,8	358,63	406,97	13,5	1.339.587,3	1.927.702,0	43,9
CENTRO-SUL	47.469,1	40.730,6	-14,2	448,43	454,15	1,3	21.286.396,2	18.497.712,7	-13,1
BRASIL	51.369,2	45.563,2	-11,3	441,65	449,14	1,7	22.687.153,7	20.464.435,5	-9,8

Fonte:Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

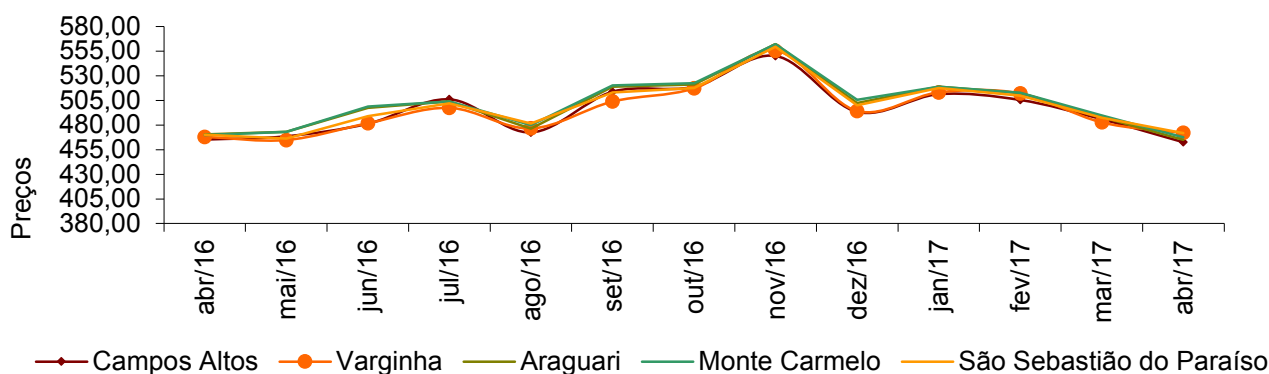
Legenda: (*) AC, CE, PE, MS e DF.





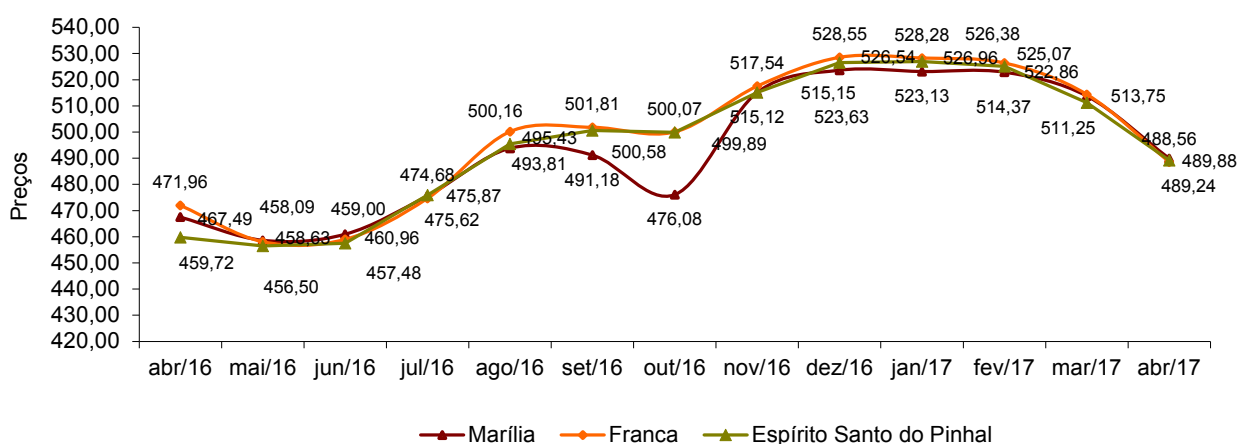
11. PREÇOS DO CAFÉ BENEFICIADO

Gráfico 39 -Preços café arábica - MG



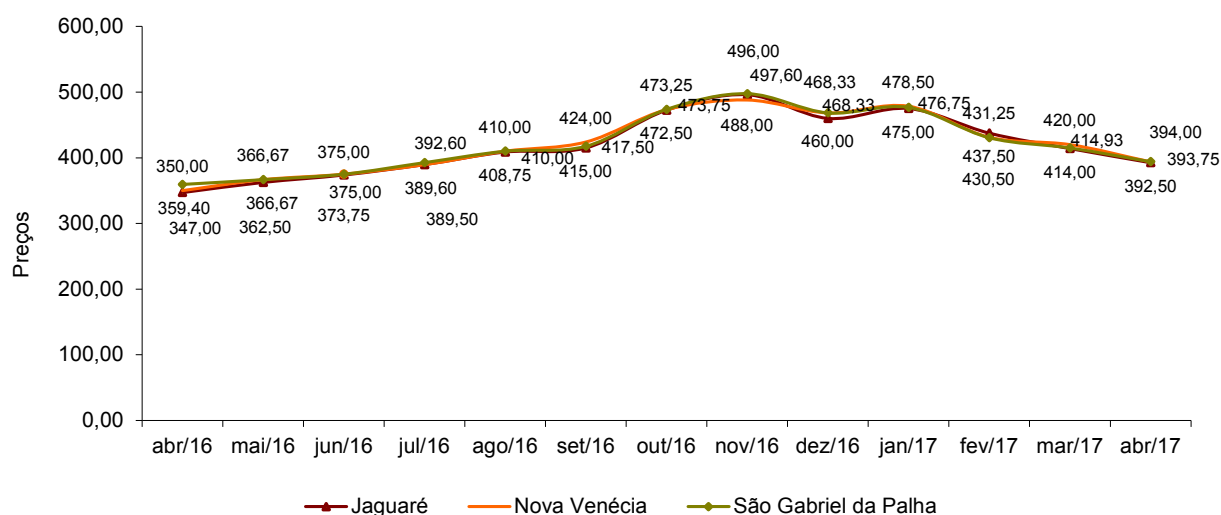
Fonte: Conab.

Gráfico 40 -Preços café arábica - SP



Fonte: Conab.

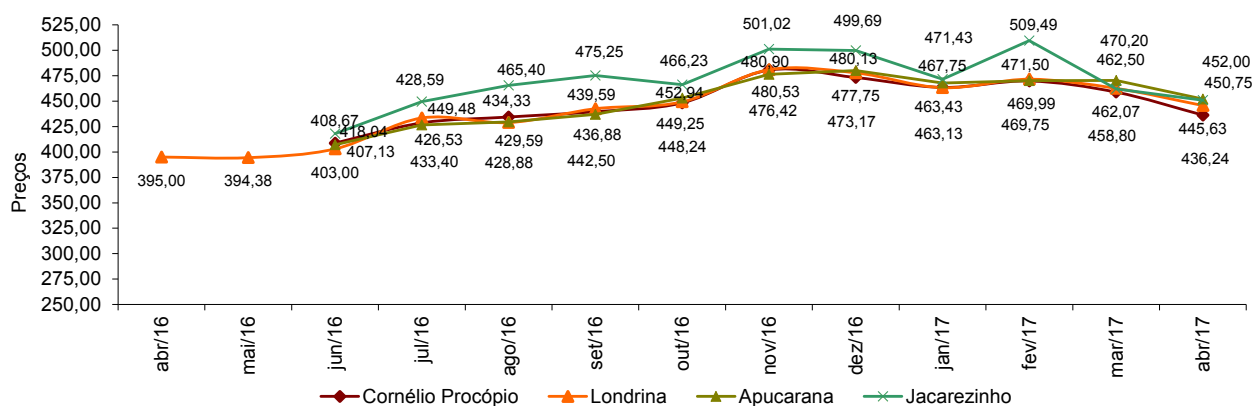
Gráfico 41 -Preços café conilon - ES



Fonte: Conab.

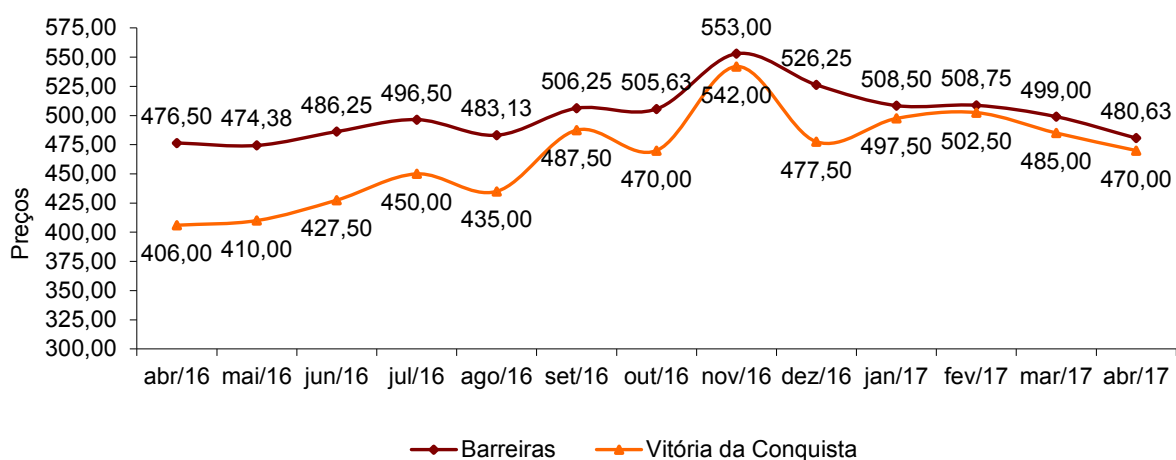


Gráfico 41 -Preços café arábica - PR



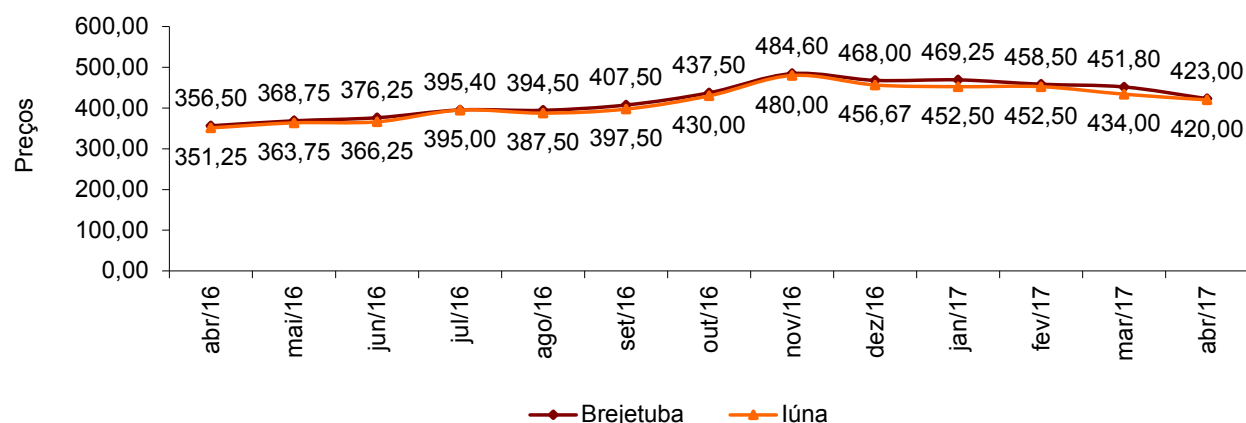
Fonte: Conab.

Gráfico 42 -Preços café arábica - BA



Fonte: Conab.

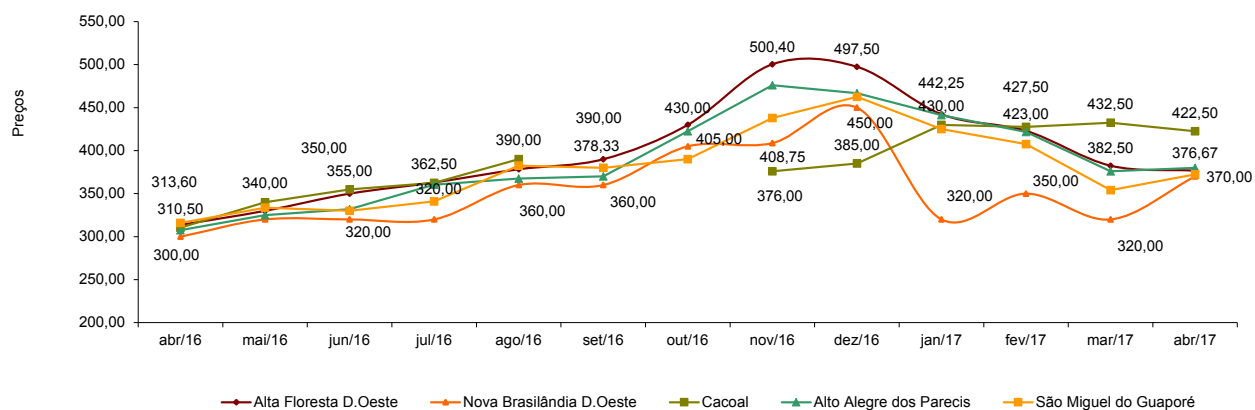
Gráfico 43 -Preços café arábica - ES



Fonte: Conab.



Gráfico 44 -Preços café conilon -RO



Fonte: Conab.



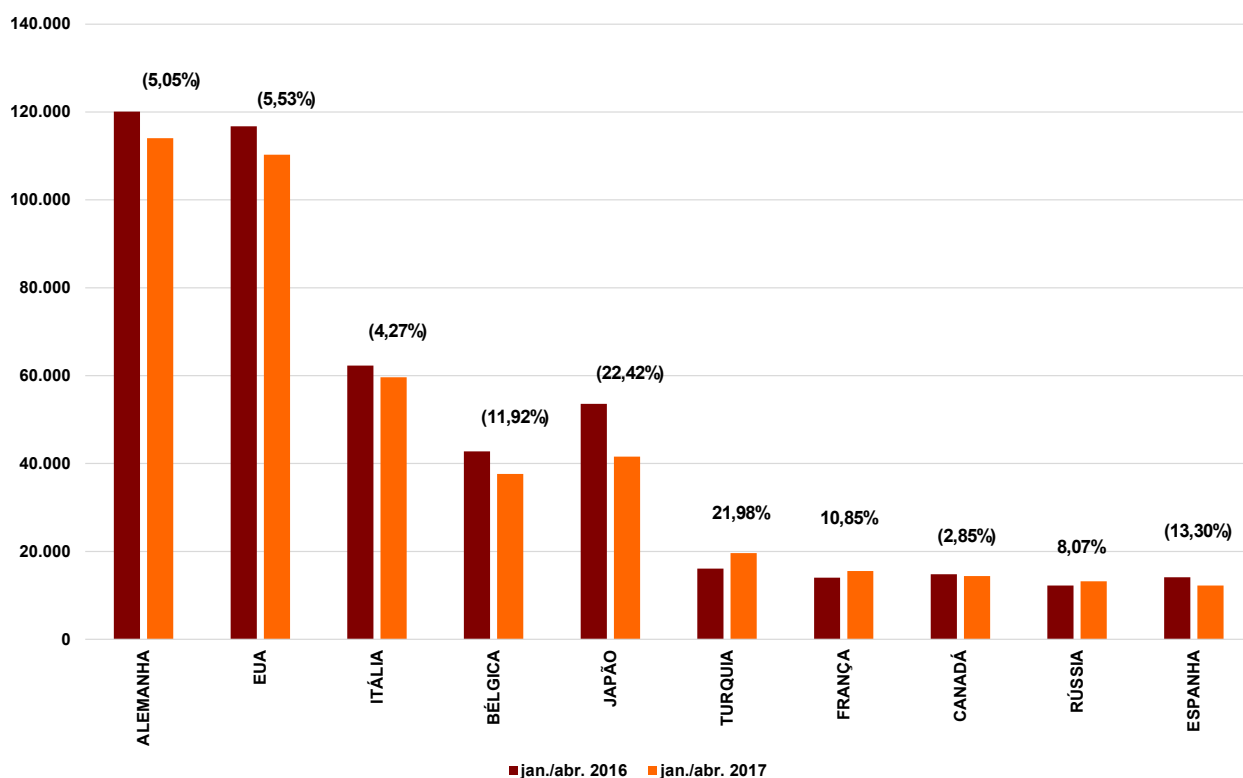


12. EXPORTAÇÕES

Mesmo num ano de menor oferta, o Brasil manteve sua posição de maior exportador mundial de café. De janeiro a abril de 2017 as exportações brasileiras totalizaram 578.948 toneladas, representando decréscimo de 9,38% em relação ao mesmo período do ano passado. Nesse período, o café representou 6,23% das exportações do agronegócio brasileiro, ocupando a quinta posição no ranking, com receita de US\$ 1,82 bilhão. Os principais destinos foram Alemanha, Estados Unidos, Itália, Bélgica e Japão.

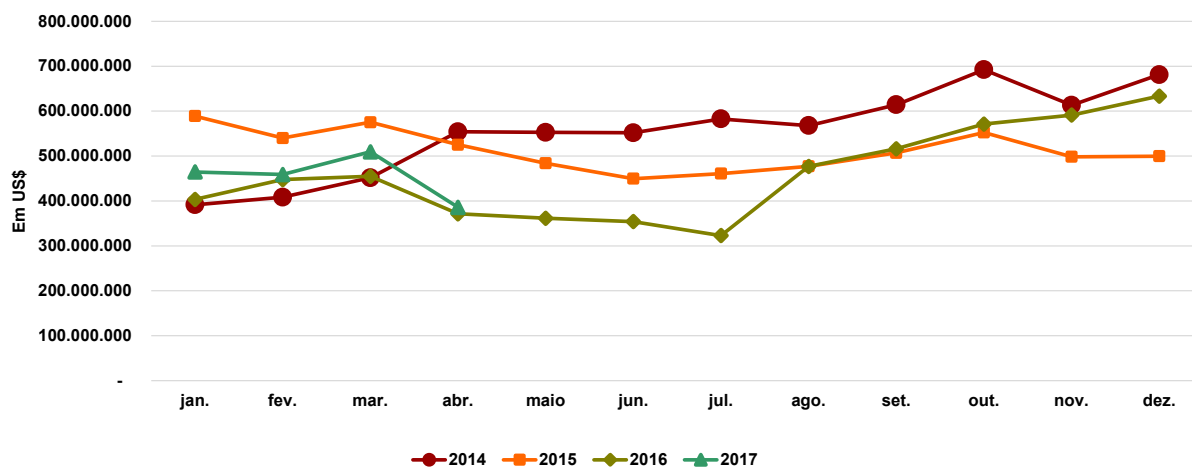
No primeiro quadrimestre de 2017, os dez maiores importadores do produto brasileiro representaram 76% dos embarques totais realizados.

Gráfico 45 – Principais países importadores de café em 2016 e 2017



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro a abril de 2016 e 2017.

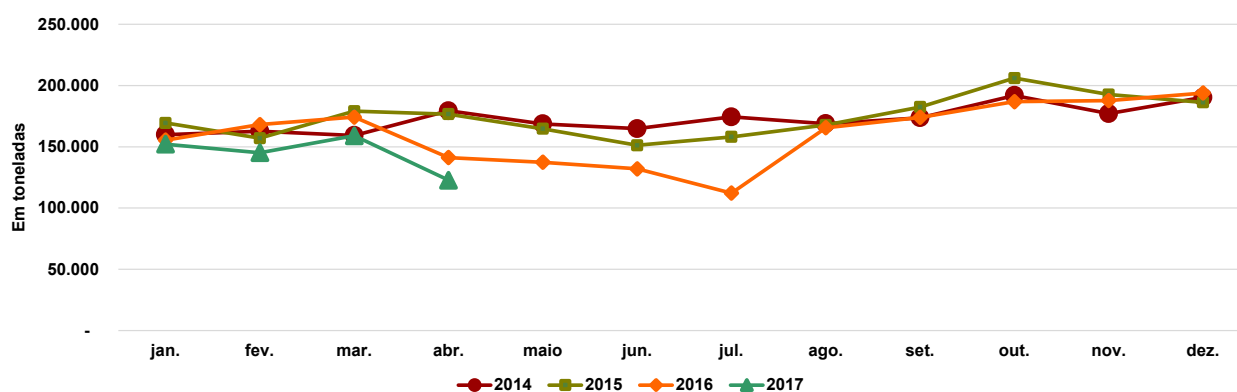
Gráfico 46 – Exportações brasileiras de café em dólares.



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2014 a abril de 2017.

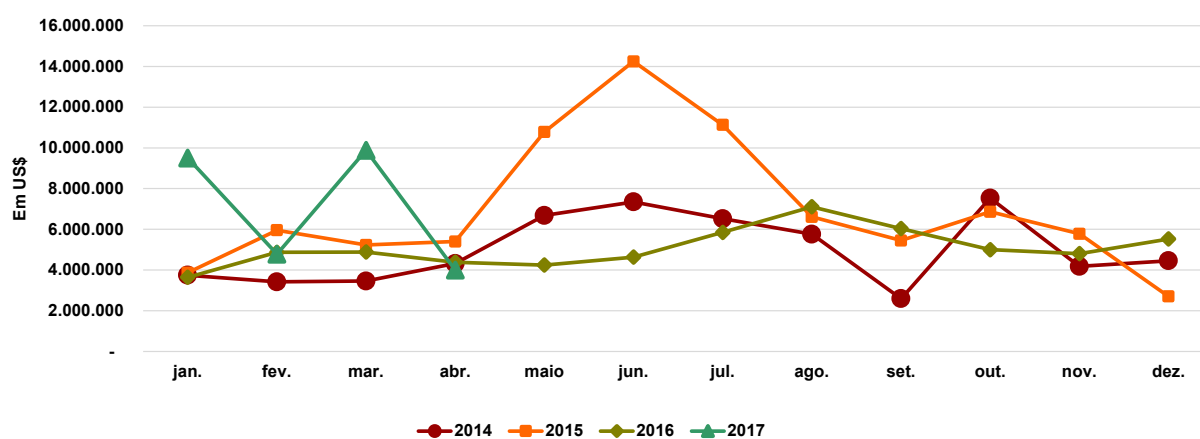


Gráfico 47 – Exportações brasileiras de café em toneladas



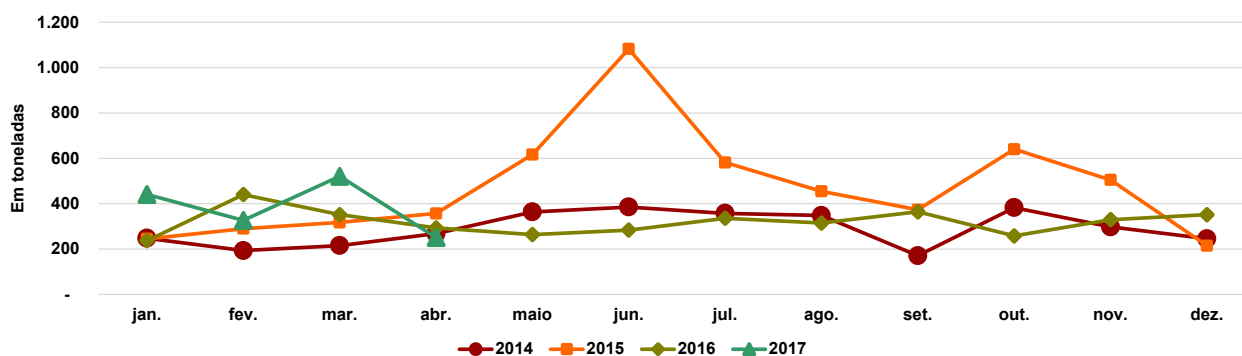
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2014 a abril de 2017.

Gráfico 48 – Importações brasileiras de café em dólares



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2014 a abril de 2017.

Gráfico 49 – Importações brasileiras de café em toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2014 a abril de 2017.





Tabela 10 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2016 e 2017

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (MIL COVAS)			EM PRODUÇÃO (MIL COVAS)			TOTAL (MIL COVAS)		
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %
NORTE	12.677,3	15.684,2	23,7	136.234,9	148.184,0	8,8	148.912,2	163.868,2	10,0
RO	12.510,2	15.341,0	22,6	133.822,2	146.037,0	9,1	146.332,4	161.378,0	10,3
AM	110,0	98,4	(10,5)	715,4	905,4	26,6	825,4	1.003,8	21,6
PA	57,1	244,8	328,7	1.697,3	1.241,6	(26,8)	1.754,4	1.486,4	(15,3)
NORDESTE	45.659,2	46.773,7	2,4	474.299,5	485.732,7	2,4	519.958,7	532.506,3	2,4
BA	45.659,2	46.773,7	2,4	474.299,5	485.732,7	2,4	519.958,7	532.506,3	2,4
Cerrado	15.559,5	18.425,0	18,4	62.304,0	53.185,0	(14,6)	77.863,5	71.610,0	(8,0)
Planalto	23.788,9	23.826,5	0,2	259.175,2	280.963,0	8,4	282.964,1	304.789,5	7,7
Atlântico	6.310,8	4.522,1	(28,3)	152.820,3	151.584,7	(0,8)	159.131,1	156.106,8	(1,9)
CENTRO-OESTE	9.517,7	12.687,6	33,3	48.578,1	46.232,8	(4,8)	58.095,8	58.920,4	1,4
MT	3.199,7	3.613,8	12,9	22.340,5	20.592,9	(7,8)	25.540,2	24.206,8	(5,2)
GO	6.318,0	9.073,8	43,6	26.237,6	25.639,8	(2,3)	32.555,6	34.713,6	6,6
SUDESTE	852.763,7	1.108.699,7	30,0	4.918.699,4	4.711.199,7	(4,2)	5.771.463,1	5.819.899,4	0,8
MG	670.260,4	911.320,0	36,0	3.119.980,4	2.988.898,7	(4,2)	3.790.240,8	3.900.218,7	2,9
Sul e Centro-Oeste	373.121,5	553.551,9	48,4	1.572.659,8	1.453.926,0	(7,5)	1.945.781,3	2.007.477,9	3,2
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	101.943,1	180.423,7	77,0	640.766,0	593.957,2	(7,3)	742.709,1	774.380,9	4,3
Zona da Mata, Rio Doce e Central	184.418,3	164.874,4	(10,6)	808.779,1	845.098,3	4,5	993.197,4	1.009.972,7	1,7
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	10.777,5	12.470,1	15,7	97.775,5	95.917,1	(1,9)	108.553,0	108.387,3	(0,2)
ES	139.262,0	153.888,0	10,5	1.094.239,0	1.039.327,0	(5,0)	1.233.501,0	1.193.215,0	(3,3)
RJ	2.142,8	2.143,1	-	41.982,9	41.995,4	-	44.125,7	44.138,5	-
SP	41.098,5	41.348,6	0,6	662.497,1	640.978,6	(3,2)	703.595,6	682.327,2	(3,0)
SUL	15.100,0	14.600,0	(3,3)	151.700,0	151.700,0	-	166.800,0	166.300,0	(0,3)
PR	15.100,0	14.600,0	(3,3)	151.700,0	151.700,0	-	166.800,0	166.300,0	(0,3)
OUTROS	1.814,6	1.919,1	5,8	32.257,4	21.836,4	(32,3)	34.072,0	23.755,5	(30,3)
NORTE/NORDESTE	58.336,5	62.457,9	7,1	610.534,4	633.916,7	3,8	668.870,9	696.374,5	4,1
CENTRO-SUL	877.381,4	1.135.987,4	29,5	5.118.977,5	4.909.132,4	(4,1)	5.996.358,9	6.045.119,8	0,8
BRASIL	937.532,5	1.200.364,3	28,0	5.761.769,3	5.564.885,5	(3,4)	6.699.301,8	6.765.249,8	1,0

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.
Fonte: Conab.



Tabela 11- Café arábica - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
NORDESTE	39.348,4	42.251,5	7,4	321.479,2	334.148,0	3,9	360.827,6	376.399,5	4,3
BA	39.348,4	42.251,5	7,4	321.479,2	334.148,0	3,9	360.827,6	376.399,5	4,3
Cerrado	15.559,5	18.425,0	18,4	62.304,0	53.185,0	(14,6)	77.863,5	71.610,0	(8,0)
Planalto	23.788,9	23.826,5	0,2	259.175,2	280.963,0	8,4	282.964,1	304.789,5	7,7
CENTRO-OESTE	6.318,0	9.073,8	43,6	26.362,6	25.735,7	(2,4)	32.680,6	34.809,5	6,5
MT	-	-	-	125,0	95,9	(23,3)	125,0	95,9	(23,3)
GO	6.318,0	9.073,8	43,6	26.237,6	25.639,8	(2,3)	32.555,6	34.713,6	6,6
SUDESTE	773.545,2	1.016.814,9	31,4	4.299.197,4	4.146.119,2	(3,6)	5.072.742,6	5.162.934,1	1,8
MG	666.245,9	908.488,5	36,4	3.081.784,4	2.950.108,7	(4,3)	3.748.030,3	3.858.597,2	2,9
Sul e Centro-Oeste	373.121,5	553.551,9	48,4	1.572.659,8	1.453.926,0	(7,5)	1.945.781,3	2.007.477,9	3,2
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	101.943,1	180.423,7	77,0	640.766,0	593.957,2	(7,3)	742.709,1	774.380,9	4,3
Zona da Mata, Rio Doce e Central	181.808,9	163.033,9	(10,3)	783.951,7	819.884,8	4,6	965.760,6	982.918,7	1,8
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	9.372,4	11.479,1	22,5	84.406,9	82.340,6	(2,4)	93.779,3	93.819,7	-
ES	64.058,0	64.835,0	1,2	512.933,0	513.053,0	-	576.991,0	577.888,0	0,2
RJ	2.142,8	2.142,8	-	41.982,9	41.978,9	-	44.125,7	44.121,7	-
SP	41.098,5	41.348,6	0,6	662.497,1	640.978,6	(3,2)	703.595,6	682.327,2	(3,0)
SUL	15.100,0	14.600,0	(3,3)	151.700,0	151.700,0	-	166.800,0	166.300,0	(0,3)
PR	15.100,0	14.600,0	(3,3)	151.700,0	151.700,0	-	166.800,0	166.300,0	(0,3)
OUTROS	1.104,4	1.211,9	9,7	23.567,4	19.053,5	(19,2)	24.671,8	20.265,4	(17,9)
NORTE/NORDESTE	39.348,4	42.251,5	7,4	321.479,2	334.148,0	3,9	360.827,6	376.399,5	4,3
CENTRO-SUL	794.963,2	1.040.488,7	30,9	4.477.260,0	4.323.554,9	(3,4)	5.272.223,2	5.364.043,6	1,7
BRASIL	835.416,0	1.083.952,1	29,7	4.822.306,6	4.676.756,4	(3,0)	5.657.722,6	5.760.708,5	1,8

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.
Fonte: Conab.

Tabela 12 - Café conilon - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
NORTE	12.677,3	15.684,2	23,7	136.234,9	148.184,0	8,8	148.912,2	163.868,2	10,0
RO	12.510,2	15.341,0	22,6	133.822,2	146.037,0	9,1	146.332,4	161.378,0	10,3
AM	110,0	98,4	(10,5)	715,4	905,4	26,6	825,4	1.003,8	21,6
PA	57,1	244,8	328,7	1.697,3	1.241,6	(26,8)	1.754,4	1.486,4	(15,3)
NORDESTE	6.310,8	4.522,1	(28,3)	152.820,3	151.584,7	(0,8)	159.131,1	156.106,8	(1,9)
BA	6.310,8	4.522,1	(28,3)	152.820,3	151.584,7	(0,8)	159.131,1	156.106,8	(1,9)
Atlântico	6.310,8	4.522,1	(28,3)	152.820,3	151.584,7	(0,8)	159.131,1	156.106,8	(1,9)
CENTRO-OESTE	3.199,7	3.613,8	12,9	22.215,5	20.497,0	(7,7)	25.415,2	24.110,9	(5,1)
MT	3.199,7	3.613,8	12,9	22.215,5	20.497,0	(7,7)	25.415,2	24.110,9	(5,1)
SUDESTE	79.218,5	91.884,8	16,0	619.502,0	565.080,5	(8,8)	698.720,5	656.965,3	(6,0)
MG	4.014,5	2.831,5	(29,5)	38.196,0	38.790,0	1,6	42.210,5	41.621,5	(1,4)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	2.609,4	1.840,5	(29,5)	24.827,4	25.213,5	1,6	27.436,8	27.054,0	(1,4)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.405,1	991,0	(29,5)	13.368,6	13.576,5	1,6	14.773,7	14.567,5	(1,4)
ES	75.204,0	89.053,0	18,4	581.306,0	526.274,0	(9,5)	656.510,0	615.327,0	(6,3)
RJ	-	0,3	-	-	16,5	-	-	16,8	-
OUTROS	710,2	707,2	(0,4)	8.690,0	2.782,9	(68,0)	9.400,2	3.490,1	(62,9)
NORTE/NORDESTE	18.988,1	20.206,3	6,4	289.055,2	299.768,7	3,7	308.043,3	319.975,0	3,9
CENTRO-SUL	82.418,2	95.498,6	15,9	641.717,5	585.577,5	(8,7)	724.135,7	681.076,2	(5,9)
BRASIL	102.116,5	116.412,2	14,0	939.462,7	888.129,1	(5,5)	1.041.579,2	1.004.541,3	(3,6)

Legenda: (*) Acre e Ceará.
Fonte: Conab.





14. CALENDÁRIO DE COLHEITA

A colheita de café se inicia em março e termina em outubro, porém a concentração da colheita ocorre geralmente entre maio e agosto, onde cerca de 90% do café é colhido. O ideal é evitar colheita tardia, de forma a não prejudicar a florada da próxima safra.

Tabela 13 - Café beneficiado - Safra 2017 - Estimativa mensal de colheita

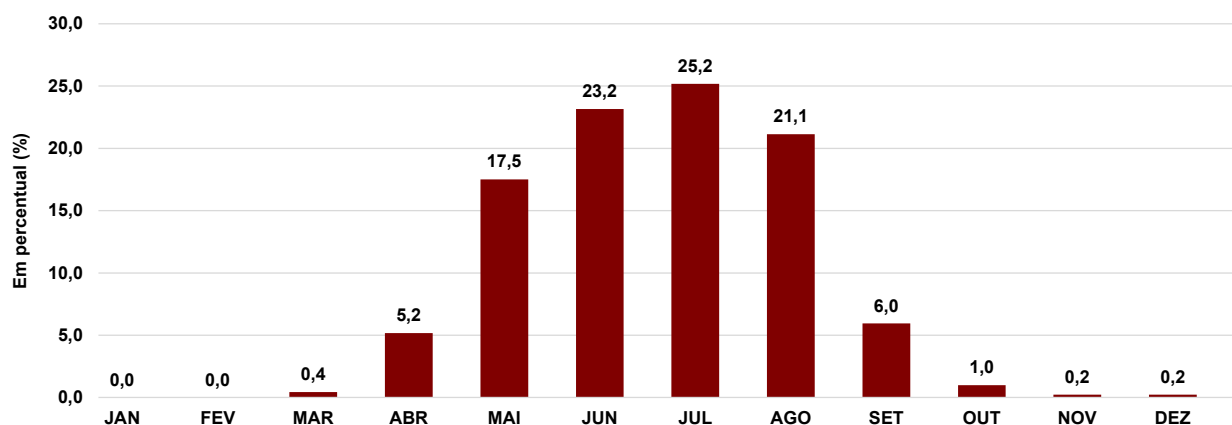
U.F.	PROD.	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO		NOVEMBRO		DEZEMBRO	
		%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd				
NORTE	1.884,7	9,9	187,0	30,0	564,5	44,9	846,3	15,1	284,9	0,1	2,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RO	1.870,0	10,0	187,0	30,0	561,0	45,0	841,5	15,0	280,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AM	7,9	-	-	25,0	2,0	25,0	2,0	25,0	2,0	25,0	2,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PA	6,8	-	-	23,0	1,6	42,0	2,9	35,0	2,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	2.979,2	-	-	5,2	153,9	37,2	1.107,8	31,6	941,2	13,0	386,7	8,7	259,0	3,3	99,0	0,8	23,5	0,3	8,1	-	-
BA	2.979,2	-	-	5,2	153,9	37,2	1.107,8	31,6	941,2	13,0	386,7	8,7	259,0	3,3	99,0	0,8	23,5	0,3	8,1	-	-
Cerrado	338,5	-	-	5,0	16,9	40,0	135,4	40,0	135,4	15,0	50,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Planalto	990,4	-	-	0,2	1,6	8,4	83,6	22,9	226,5	29,2	289,0	26,2	259,0	10,0	99,0	2,4	23,5	0,8	8,1	-	-
Atlântico	1.650,3	-	-	8,2	135,3	53,9	888,8	35,1	579,3	2,8	46,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-OESTE	344,4	3,2	11,2	18,6	63,9	24,9	85,7	20,1	69,4	22,2	76,5	10,4	35,7	0,5	1,9	-	-	-	-	-	-
MT	156,4	7,2	11,2	40,9	63,9	42,8	66,9	8,3	13,0	0,9	1,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
GO	188,0	-	-	-	-	10,0	18,8	30,0	56,4	40,0	75,2	19,0	35,7	1,0	1,9	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	39.121,2	-	-	3,9	1.511,0	15,0	5.855,6	23,2	9.066,2	26,6	10.388,2	23,4	9.143,3	6,5	2.524,5	1,1	432,1	0,2	94,1	0,3	105,5
MG	25.703,2	-	-	1,0	257,0	8,0	2.056,3	22,0	5.654,7	30,0	7.711,0	30,0	7.711,0	8,0	2.056,3	1,0	257,0	-	-	-	-
ES	8.795,0	-	-	12,07	1.061,6	34,6	3.045,7	25,3	2.221,6	16,50	1.451,2	4,5	398,4	2,7	241,0	2,0	175,0	1,1	94,1	1,2	105,5
RJ	249,1	-	-	1,8	4,4	2,3	5,7	26,4	65,7	37,4	93,2	23,5	58,5	8,7	21,6	-	-	-	-	-	-
SP	4.374,0	-	-	4,3	188,1	17,1	748,0	25,7	1.124,1	25,9	1.132,9	22,3	975,4	4,7	205,6	-	-	-	-	-	-
SUL	1.265,0	-	-	5,0	63,3	7,0	88,6	15,0	189,8	49,0	619,9	17,0	215,1	7,0	88,6	-	-	-	-	-	-
PR	1.265,0	-	-	5,0	63,3	7,0	88,6	15,0	189,8	49,0	619,9	17,0	215,1	7,0	88,6	-	-	-	-	-	-
OUTROS	96,0	-	-	10,0	9,6	20,0	19,2	30,0	28,8	30,0	28,8	5,0	4,8	5,0	4,8	-	-	-	-	-	-
NORTE/NORDESTE	4.863,9	3,8	187,0	14,8	718,4	40,2	1.954,1	25,2	1.226,0	8,0	388,7	5,3	259,0	2,0	99,0	0,5	23,5	0,2	8,1	-	-
CENTRO-SUL	40.730,6	0,0	11,2	4,0	1.638,2	14,8	6.029,9	22,9	9.325,3	27,2	11.084,6	23,1	9.394,0	6,4	2.614,9	1,1	432,1	0,2	94,1	0,3	105,5
BRASIL	45.690,4	0,4	198,2	5,2	2.366,2	17,5	8.003,3	23,2	10.580,1	25,2	11.502,0	21,1	9.657,8	6,0	2.718,7	1,0	455,6	0,2	102,2	0,2	105,5

Legenda: * Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Gráfico 50 – Estimativa mensal de colheita de café total (arábica e conilon)



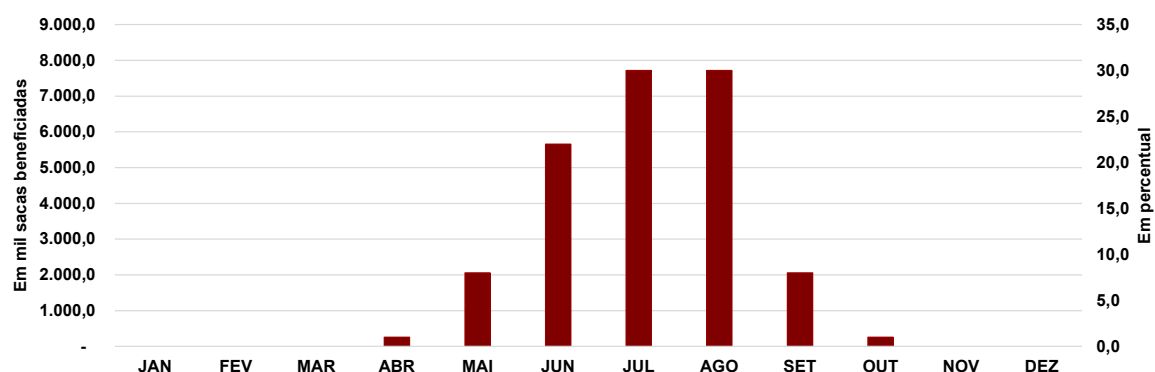
Fonte: Conab.

Em Minas Gerais a colheita foi timidamente iniciada em lavouras de colheita manual no estado e as áreas mecanizadas devem iniciar em meados de maio. A estimativa para abril é colheita de 1% da produção total. No Cerrado mineiro a colheita está prevista para iniciar-se a partir de meados de maio. Na Região da Zona da Mata/Rio Doce a colheita teve início na últi-

ma semana de abril, de forma incipiente e com alta incidência de grãos verdes, concorrendo para a baixa qualidade da bebida colhida. Levantamentos de campo apontam que a colheita da região deverá se estender até outubro, nas regiões mais elevadas - microclima de montanha, com maior concentração em junho e julho.



Gráfico 51 – Estimativa mensal de colheita de café em Minas Gerais



Fonte: Conab.

Figura 52 – Café colhido em Nova Rezende/MG

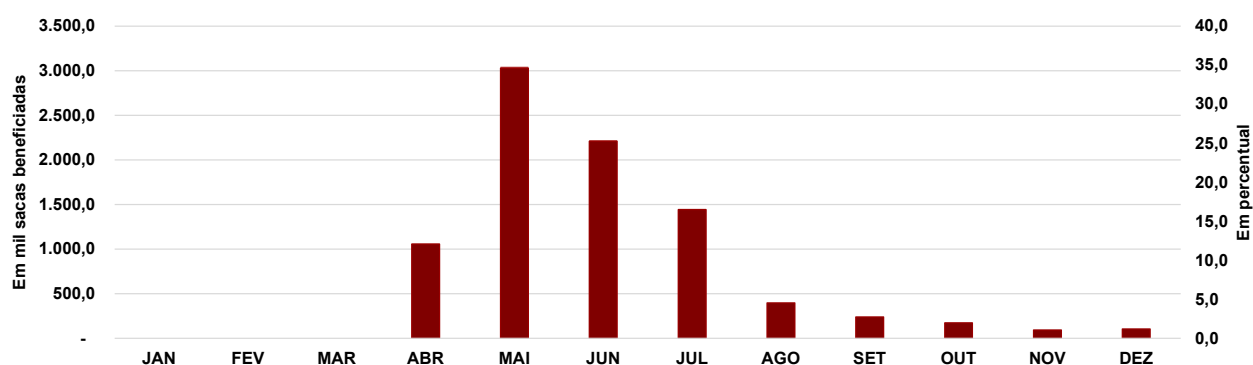


Fonte: Conab

No Espírito Santo, devido à baixa pluviosidade no período de floração das lavouras de conilon, esta foi irregular, acabando por alongar sua duração até novembro em alguns municípios, quando o normal seria setembro. Esse fato, aliado à boa vegetação das lavou-

ras durante o ano e por isso a grande quantidade de folhas existentes agora, a colheita está, com relação ao histórico, atrasada, iniciando, na maior parte das lavouras, na segunda quinzena de maio e se estendendo até julho.

Gráfico 52 – Estimativa mensal de colheita de café em Espírito Santo



Fonte: Conab.



Figura 53 – Café pronto para a colheita em Ibatiba/ES

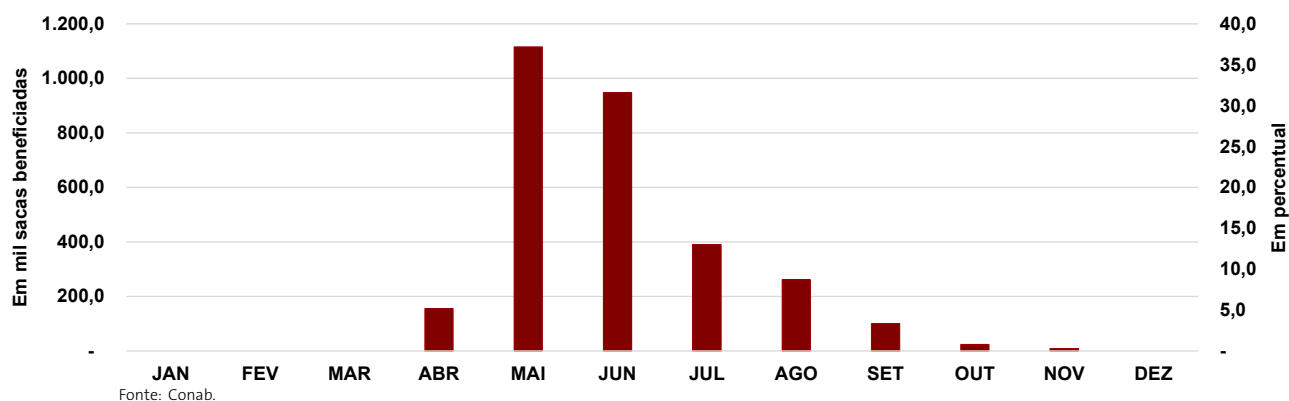


Fonte: Conab.

Na Bahia o calendário é extenso, iniciando a colheita em abril (5,2%) e finalizando em novembro. O cerrado e o atlântico possuem concentração de colheita de abril a julho. O calendário estende-se até novembro em razão da região do planalto. Além de ter o calen-

dário mais extenso, as chuvas ocorridas de fevereiro a abril nesta região estimularam a floradas tardias, o que deve alterar o calendário de colheita na região, que afetou positivamente o enchimento dos grãos

Gráfico 53 – Estimativa mensal de colheita de café na Bahia



Em Rondônia foram colhidas em torno de 10% da área em março e 30% em abril, totalizando até o momento cerca de 40% de toda a safra colhida. Em maio deverão ser colhidos 45% e em junho os outros 15% restantes. Em alguns municípios parte da colheita está

sendo feita de forma semi mecanizada, com o uso de colhedoras. A oferta de mão de obra, inclusive com a participação de mulheres, atende à demanda dos produtores.



Gráfico 54 – Estimativa mensal de colheita de café em Rondônia

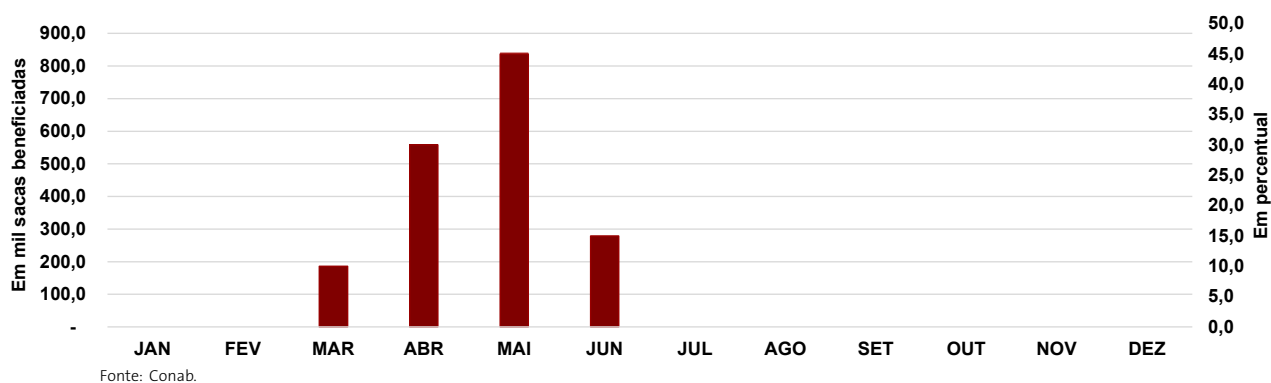


Figura 54 – Café sendo secado em terreiro de cimento em Ministro Andreazza/RO.



Fonte: Conab

São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro colhem toda a sua safra de abril a setembro, porém os três estados têm

pico de produção em julho, com expectativa de colher 25,9%, 49% e 37,4%, respectivamente.

Gráfico 55 – Estimativa mensal de colheita de café em São Paulo

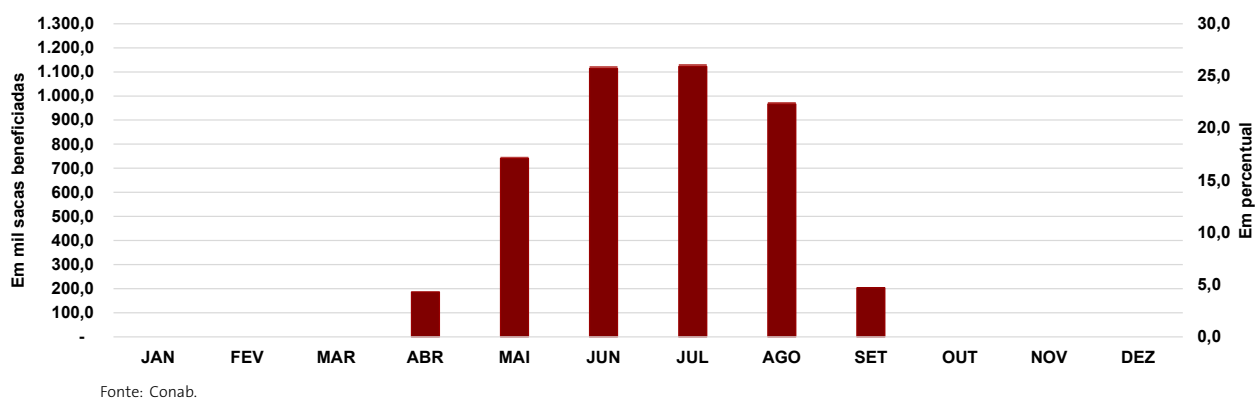


Gráfico 56 – Estimativa mensal de colheita de café em Paraná

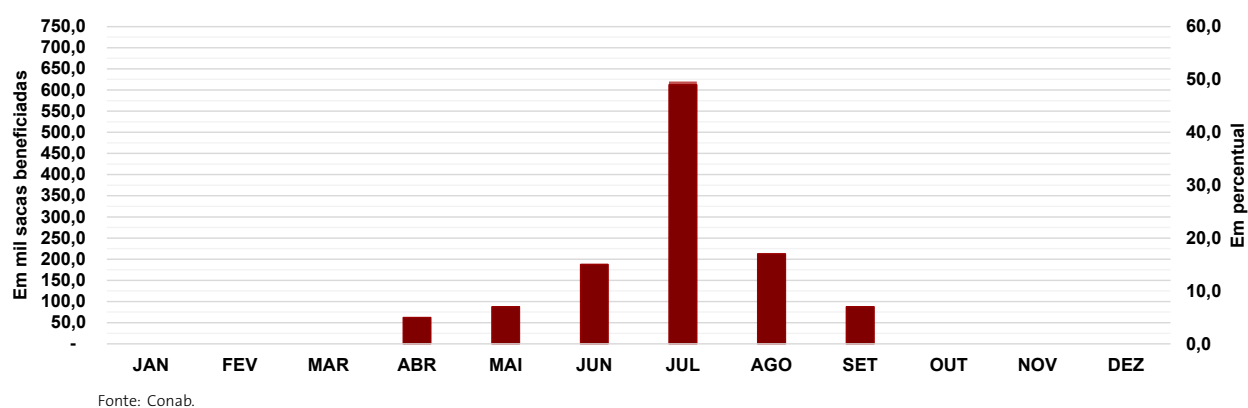


Gráfico 57 – Estimativa mensal de colheita de café no Rio de Janeiro

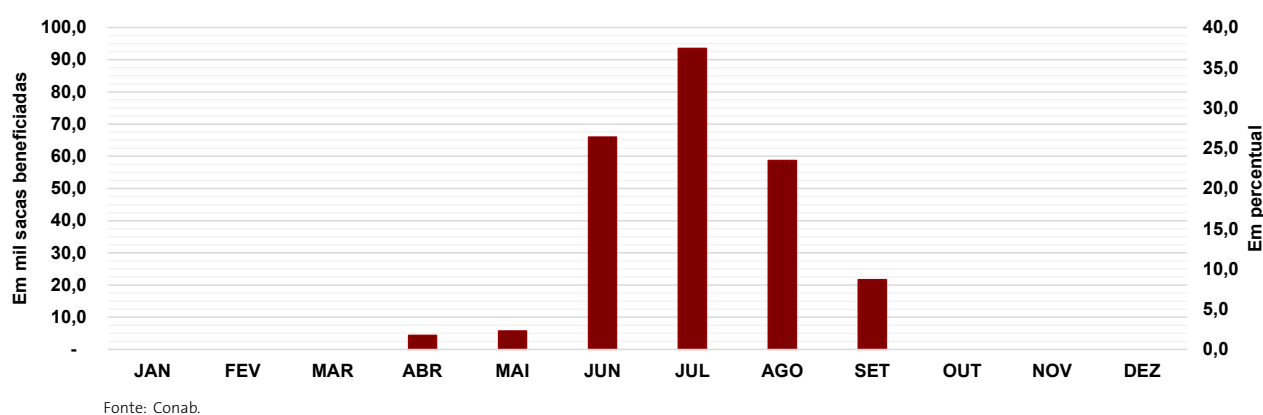
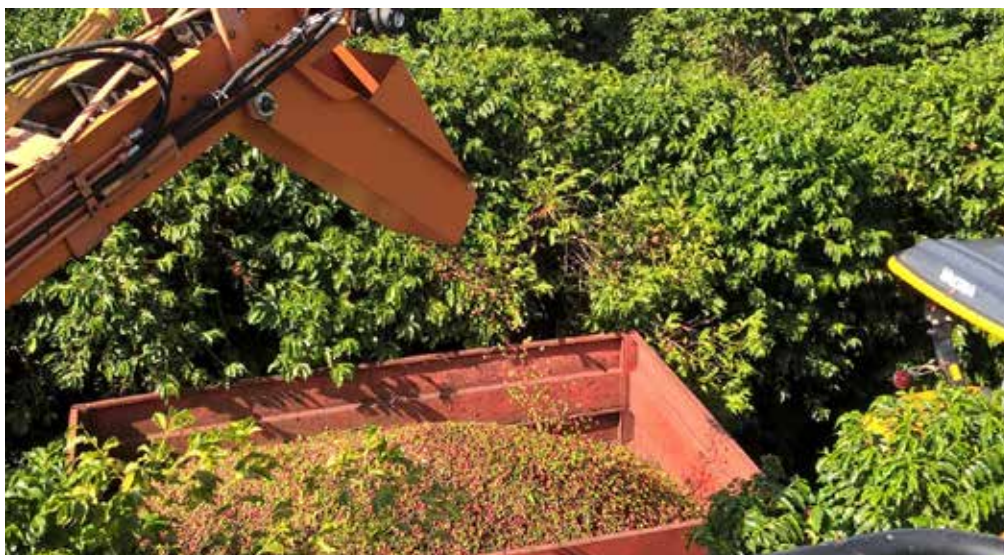


Figura 55 – Colheita de café em produção em Garça/SP



Fonte: Conab.



Figura 56 – Colheita de café em produção em Garça/SP

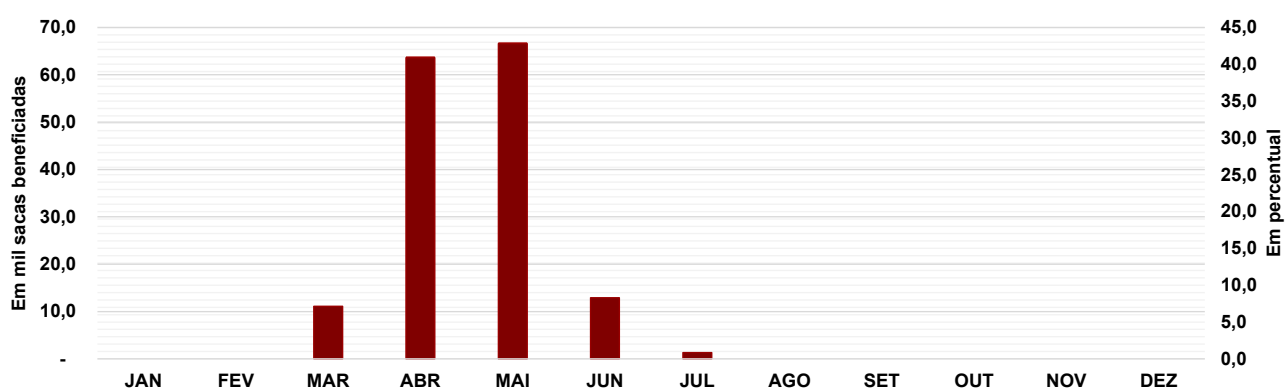


Fonte: Conab

O calendário de colheita em Mato Grosso tem seu início em abril e se estende até junho. Contudo, na safra 2017, devido à grande concentração pluviométrica nas regiões produtoras, o início da colheita foi prejudicado, com apenas 5% das áreas colhidas até o momento.

As chuvas também têm comprometido a qualidade dos grãos colhidos devido à falta de estrutura adequada para a secagem e armazenamento do produto pelos produtores. O término da colheita está previsto para a segunda quinzena de junho.

Gráfico 58 – Estimativa mensal de colheita de café em Mato Grosso



Fonte: Conab.

Goiás é o único estado onde ainda não se iniciou a colheita, devendo colher toda a sua safra até princípio de setembro. Já o Amazonas é um dos

estados que possuem maior concentração da colheita, com apenas quatro meses, de abril a julho.



Gráfico 59 – Estimativa mensal de colheita de café em Goiás

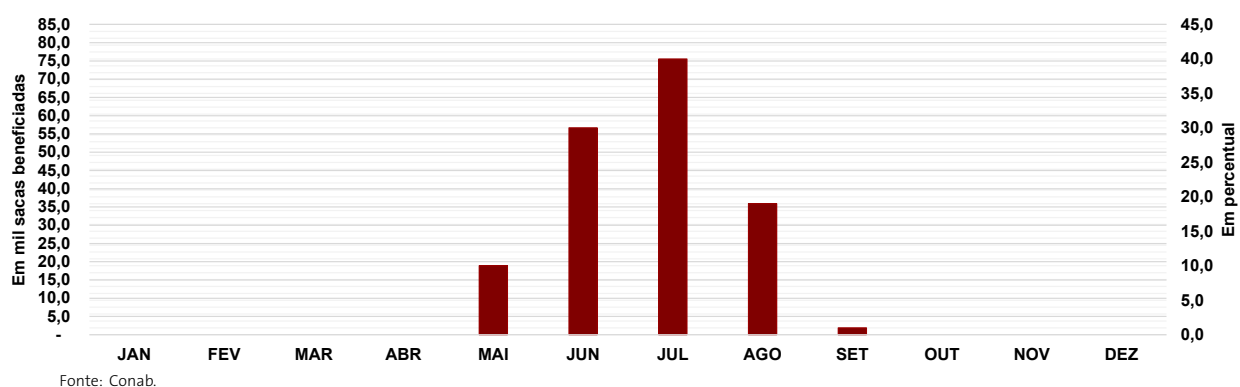


Gráfico 60 – Estimativa mensal de colheita de café no Amazonas

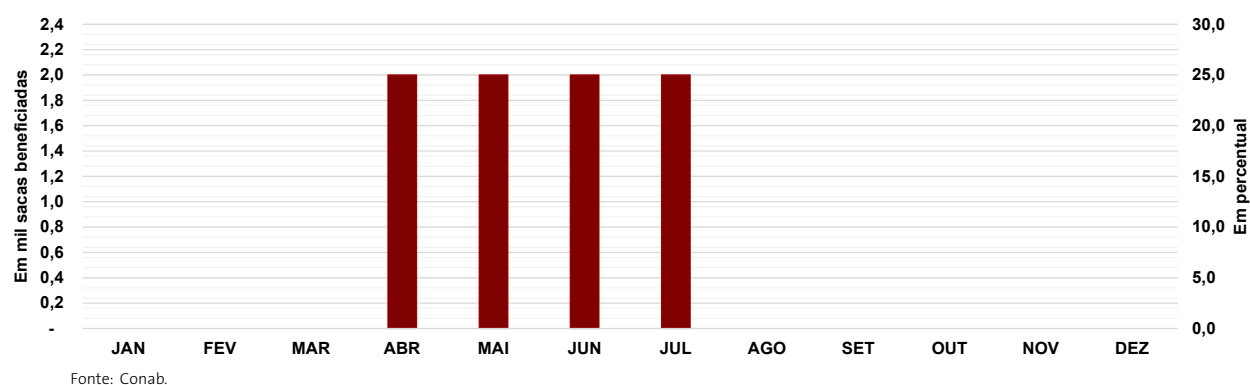


Figura 57 – Colheidora de café em manutenção para o início da colheita em Água Fria/GO



Fonte: Conab.





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277/6264/6230

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br

9



772318

791000



Ministério da
**Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**

Governo Federal

